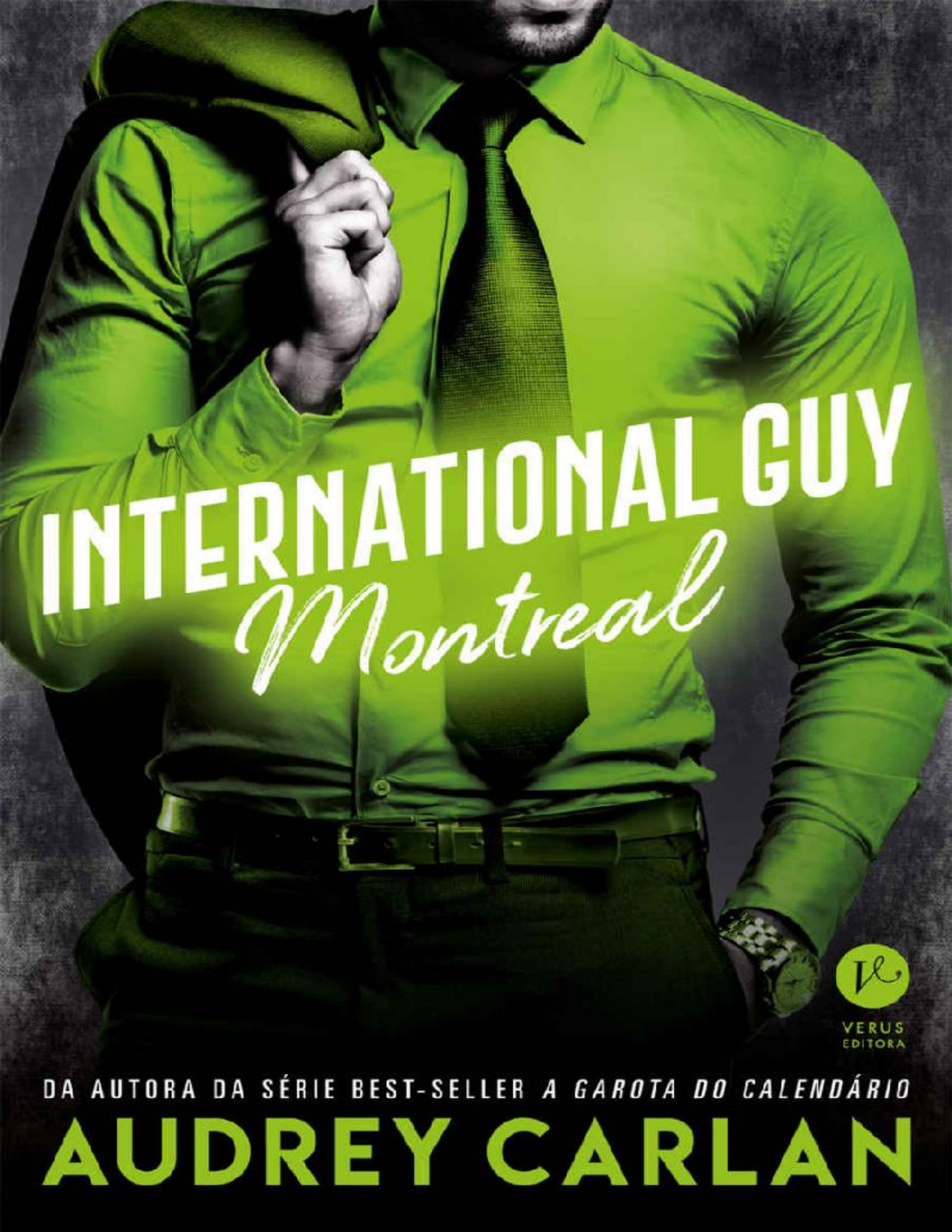




INTERNATIONAL GUY

Montreal



VERUS
EDITORA

DA AUTORA DA SÉRIE BEST-SELLER A GAROTA DO CALENDÁRIO

AUDREY CARLAN



Também de Audrey Carlan

Série A GAROTA DO CALENDÁRIO

Volumes de *Janeiro a Dezembro*

Série TRINITY

Corpo

Mente

Alma

Vida

Destino

AUDREY CARLAN

INTERNATIONAL GUY
Montreal

Tradução

Sandra Martha Dolinsky



VERUS
EDITORIA

Editora

Raissa Castro

Coordenadora editorial

Ana Paula Gomes

Copidesque

Ligia Alves

Revisão

Cleide Salme

Capa, projeto gráfico e diagramação da versão impressa

André S. Tavares da Silva

Foto da capa

kiuikson/Shutterstock (homem)

Título original

International Guy

Milan, San Francisco, Montreal

ISBN: 978-85-7686-745-6

Copyright © Audrey Carlan, 2018

Todos os direitos reservados.

Tradução © Verus Editora, 2018

Direitos reservados em língua portuguesa, no Brasil, por Verus Editora. Nenhuma parte desta obra pode ser reproduzida ou transmitida por qualquer forma e/ou quaisquer meios (eletrônico ou mecânico, incluindo fotocópia e gravação) ou arquivada em qualquer sistema ou banco de dados sem permissão escrita da editora.

Verus Editora Ltda.

Rua Benedicto Aristides Ribeiro, 41, Jd. Santa Genebra II, Campinas/SP, 13084-753

Fone/Fax: (19) 3249-0001 | www.veruseditora.com.br

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO NA FONTE
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

C278i

Carlan, Audrey

International Guy [recurso eletrônico]: Montreal / Audrey Carlan; tradução Sandra Martha Dolinsky. – 1. ed. – Campinas, SP: Verus, 2018.
recurso digital (International Guy; 6)

Tradução de: International Guy: Montreal

Formato: epub

Requisitos do sistema: Adobe Digital Editions

Modo de acesso: World Wide Web

ISBN 978-85-7686-745-6 (recurso eletrônico)

1. Romance americano. 2. Livros eletrônicos. I. Dolinsky, Sandra Martha. II. Título. III. Série.

18-53001

CDD: 813

CDU: 82-31(73)

Meri Gleice Rodrigues de Souza – Bibliotecária – CRB-7/6439

Revisado conforme o novo acordo ortográfico

Seja um leitor preferencial Record.

Cadastre-se no site www.record.com.br e receba informações sobre nossos lançamentos e nossas promoções.

Atendimento e venda direta ao leitor:
mdireto@record.com.br ou (21) 2585-2002

A Pierre Bourdon.

Você compartilhou comigo e com a minha irmã de alma o amor pelo Canadá e o jeito franco-canadense de viver.

Estas duas californianas jamais vão esquecer a sensação de pôr os pés na neve na primavera... o pneu furado em Old Quebec... as vistas deslumbrantes, as relíquias cobertas de neve... e o show de luzes na igreja, que vai viver em nosso coração para sempre.

Merci, alma gêmea.

SUMÁRIO

1

2

3

4

5

6

7

8

9

10

Skyler

1

Vazio por dentro e por fora. Tudo o que eu sou, tudo o que pensei que pudesse ser, deixei nas mãos de uma mulher. Uma mulher linda, quente, sexy e, no fim... uma traidora. *Manipuladora*. Eu devia saber que nunca, jamais poderia ter dado certo entre nós. Ela é famosa, uma celebridade. Eu não sou ninguém comparado a tudo o que é Skyler Paige.

A maldita mulher dos meus sonhos.

Por que ela se contentaria com um homem de negócios, amante de cerveja e beisebol, que mora em Boston, podendo ter qualquer cara do mundo inteiro? Não faz sentido. *Nós* não fazíamos sentido, mesmo que por um tempo eu achasse que ela era minha. Eu guardei toda a sua beleza e o que acreditava ser sua alma no meu coração.

E agora eu perdi isso. Perdi *tudo*.

Não tenho ideia de como seguir em frente, quais devem ser meus próximos passos. Honestamente, nunca me senti tão mal. Nem mesmo quando Kayla me traiu. Como se tivesse sido estripado e colocado em um espeto.

Há também a questão dos meus irmãos. Quando Bo e Royce descobrirem, vão pegar no meu pé, me forçar a falar sobre ela, a superar e seguir em frente. Como se supera o amor da sua vida? Claro que eu já sofri antes — o que significa que eu sabia exatamente no que estava me metendo quando assumi um relacionamento com Skyler. Mesmo assim, eu mergulhei de cabeça. Ficava cego quando ouvia “meu bem”, quando sentia sua insegurança e o jeito como ela parecia precisar de mim.

O fato de Skyler contar comigo me fazia sentir com três metros de altura. Ser seu homem, ouvir sua voz ao telefone todas as noites, ter seu corpo na

minha cama cada vez que tínhamos chance foi como viver um sonho. E, como pode acontecer com todos os sonhos, o meu facilmente se transformou em pesadelo.

Acho que não era para ser. Já vi muitas coisas na vida que são assim, que não eram para durar. Minha mãe até me avisou sobre isso quando eu era pequeno.

Às vezes, os momentos bonitos são como areia escorrendo pelos dedos da gente, um grãozinho por vez. Quando você está vivendo esses momentos, é a melhor sensação do mundo. Mas então, tão depressa como vieram, eles vão embora. Ficamos só com as lembranças do momento, a sensação de termos tido algo tão suave e cintilante ao nosso alcance. Isso é parte da beleza da coisa, saber que você a teve nas mãos por um breve período é uma bênção. Lembre-se disso, filho. Nem tudo na vida é para durar.

Vou até a cozinha para pegar outra cerveja, pretendendo somá-la às quatro garrafas vazias em cima da mesa. Peguei o voo de Nova York para cá em completo transe. Só me lembro de ter ido à primeira loja de celulares que vi, comprado outro, baixado meu backup mais recente da nuvem e o desligado. Desde então, estou trancado em meu apartamento. O telefone fixo toca aleatoriamente — o identificador de chamadas mostra que provavelmente é Wendy —, mas eu o ignoro e deixo as chamadas caírem na caixa postal. Estou entorpecido. Eu disse a Royce que ia tirar alguns dias e falar com eles hoje. Ele deve achar que estou transando com a minha mulher agora, que é exatamente onde eu deveria estar!

Uma raiva intensa corre pela minha coluna e me envolve como um mal muito real.

— Caralho! — rujo quando as garras da traição deslizam por toda a minha pele, cravando-se em qualquer pedaço de carne que encontram.

Sinto um arrepio na nuca, pego a garrafa de cerveja e olho para o teto.

Branco. Liso. Nada.

Imagens dela inundam minha visão.

Skyler nos braços de Johan...

Passando a noite na cama dele...

Aquelas mãos delicadas no corpo dele...

Os lábios dele nos dela...

É como uma roda d'água fora de controle, jogando a próxima carga de imagens horríveis, cada uma pior que a anterior. Sou tomado por tremores violentos, como se um balde de aranhas tivesse caído sobre a minha cabeça e elas deslizassem pela minha pele.

— Por quê, Skyler? Por que você fez isso comigo? Com a gente! — grito em meu apartamento vazio.

O fogo que há dentro de mim cresce em proporções épicas, queimando carne e músculos de dentro para fora. Não aguento o desespero, as coisas horríveis que estou sentindo pela mulher a quem dei meu maldito coração!

Outra imagem dela me jogando um beijo surge em minha mente. Aperto os dentes, fecho os olhos o mais forte que posso e, impulsivamente, puxo o braço para trás e soco a parede da cozinha com a mão que segura a garrafa. Não só o vidro se estilhaça e corta minha mão como meu punho atravessa a parede de drywall.

Uma dor lancinante ricocheteia em minha mão, antebraço e ombro. Um grito gutural rasga a sala enquanto caio de joelhos, segurando a mão ensanguentada. Mal consigo me segurar no balcão quando caio, para suavizar a queda. Bato os joelhos no piso violentamente e meu corpo se sacode, estremecendo conforme a agonia da dor penetra minha consciência.

A porta do meu apartamento se abre. Eu mal olho para cima. Um par de botas de motociclista pretas e sujas surge em minha visão.

— Irmão... caralho! — Ouço a voz torturada de Bo quando ele se inclina e me segura pelos ombros. — Jesus Cristo... o que foi que ela fez com você?

Fecho os olhos. A vergonha flui por todos os meus poros.

Bo levanta meu braço.

— Merda, Park, você vai precisar levar pontos. Pode até ter quebrado a mão. O que você fez?

Ele vê a parte quebrada da parede acima do balcão, perto de onde estou ajoelhado.

— Você socou a parede? — Ele pega uma toalha e enrola em minha mão. — E como foi que você cortou a mão? Cara... foi fundo e está sangrando pra caralho. Temos que ir para o pronto-socorro.

Sacudo a cabeça.

— De jeito nenhum. Eu não vou.

— Vai sim. A menos que você queira que eu ligue para a sua mãe, para ela enfiar um pouco de juízo na sua cabeça. Acho que isso pode ser um pouco mais doloroso que engolir o orgulho e deixar o seu irmão cuidar de você, né? Agora venha. Você está encharcando a toalha, e sangue me dá aflição.

Ver sangue faz Bo pirar.

Sufoco uma risada, e as quatro cervejas que bebi na última hora reviram em meu estômago. A mulher que eu amo me traiu. Como Kayla. Meu passado vem à superfície com a mágoa para me assombrar, cravar a faca vil da traição mais fundo no meu coração.

Minha boca saliva e sinto um gosto amargo na língua.

— Ah, não. — Sinto engulhos e seguro a barriga com a mão boa.

Bo me levanta e me apoia na pia, e meu almoço líquido sai de dentro de mim. Quando vejo que já pus tudo para fora e a ânsia passa, abro a torneira e lavo a boca. O ácido queima minha garganta, como se eu tivesse engolido lâminas de barbear.

— Uma garrafa de água, por favor — digo, apontando para a geladeira.

Bo pega a garrafa, coloca-a no balcão a minha frente e sai da cozinha sem dizer uma palavra. Mal consigo respirar fundo algumas vezes antes de ele estar agachado aos meus pés segurando meu par de Nikes. Enfio os pés um de cada vez e ele os amarra em silêncio, cuidando de mim enquanto não posso me cuidar sozinho. Ele pega meu moletom cinza de cima do balcão e o veste em mim, me ajudando a passar a mão ferida pela manga o mais suavemente possível, sem acrescentar mais dor e sofrimento.

Caramba, eu tenho os melhores amigos.

Bo me leva até a porta da frente e pega a chave do Tesla. Ele está de moto e sabe que não vou montar naquilo. Ferido ou não, de jeito nenhum. Nem fodendo.

Dentro do carro, estamos em silêncio enquanto descemos a rua até o hospital mais próximo.

— Você vai me contar o que aconteceu? — ele pergunta, por fim.

Suspiro e esfrego a testa com a mão livre.

— Não tem muito o que dizer.

Ele ri e me olha de lado.

— Pela minha experiência, sempre tem algumas boas razões para um homem socar a parede, e todas elas se concentram em torno de uma coisa...

— Ah, é? Me ofereça a sua sabedoria de vida — digo, entorpecido.

— Uma mulher.

Aperto os dentes e olho pela janela.

— A sua namorada provavelmente é a mulher mais sexy do mundo, e uma beleza dessas deve ser difícil de segurar. — Ele olha para mim com uma expressão de pena no rosto. — Hoje saiu uma matéria em uma revista de quinta categoria dizendo que ela foi ao Hotel St. Regis, em Nova York, ontem à noite. Essa mesma matéria afirma que ela só saiu hoje de manhã do hotel, que por acaso é o mesmo onde o ex canalha dela está hospedado. Não pode ser coincidência — arrisca.

— Não é coincidência.

Suspiro e aperto os dentes, tentando conter a frustração que essa admissão me provoca.

— Por que ela foi até lá? — A pergunta dele é mais uma expressão de surpresa.

Dou de ombros.

— Como se eu soubesse.

— Você não falou com ela? — Bo pergunta, voltando a cabeça para mim como se tivesse se ofendido com tal absurdo.

— Eu liguei hoje de manhã, depois de três horas de sono em uma cama vazia na casa dela — bufo —, preocupado com a segurança da Skyler. Adivinhe quem atendeu o celular dela, se gabando da diversão da noite.

O rosto de Bo se transforma em uma máscara de repugnância.

— Não acredito.

Quem dera eu também não acreditasse.

— Acredite, ela estava lá. Eu ouvi a voz dela depois que o encurralei com toda a merda que a Wendy descobriu sobre ele.

— Ele vai deixá-la em paz? — Bo ultrapassa alguns carros e pega a pista expressa.

Mantenho o braço em ângulo reto, com a mão apontando para cima.

— É o que eu espero. Se bem que eu acho que isso é irrelevante, já que ela passou a noite com ele.

Visões de Skyler rolando na cama com Johan fazem meu peito apertar tanto que mal posso respirar. Busco o ar e desço o vidro do carro para deixar a brisa fresca aliviar minha náusea.

— Ela tentou te ligar, te contar o que aconteceu? — Bo indaga, com raiva e descrença na voz.

O fogo que apaguei vomitando na pia volta como um inferno em minhas entranhas e peito.

— Não interessa. Ela me traiu. Com o ex-namorado que a estava chantageando.

Bo franze a testa e alisa o cavanhaque.

— Não sei, meu amigo. A mulher que eu vi no Lucky's estava radiante por estar com você. E não tente fingir que você não estava louco por ela, porque todos nós vimos isso.

— Eu amo a Skyler, Bo, caramba. *Amo*. E ela me traiu, igual à Kayla. Você é que é esperto se divertindo com as suas mocinhas. Foda-se o amor e foda-se ela! — grito, apertando os dentes.

A dor que sinto na mão deixa todo o meu corpo quente. O suor faz meu couro cabeludo coçar, e minha visão embaça antes que eu abra mais a janela. O vento leva a escuridão para longe.

Bo sacode a cabeça.

— Meu amigo, eu sei que você está magoado e se corroendo por dentro, mas tem que haver uma explicação. A Skyler não é do tipo que trai.

Bato a cabeça no banco de couro.

— E quem é do tipo de trai?

— Eu — ele responde e sorri.

Expiro lentamente e engulo em seco.

— Que nada. As suas mocinhas sabem qual é a sua. Eu só sei, cara, que ela esteve lá com ele, a noite toda. Não atendeu as minhas chamadas nem respondeu as minhas mensagens. Eu dormi em uma cama vazia enquanto ela se reconciliava com o ex.

— Foi isso que ela disse? Que voltou com o ex? — ele pergunta, seu tom de voz demonstrando quanto isso lhe parece vil.

— Não! Isso foi o que *ele* disse!

— E você acredita nele? — Bo pergunta, com palavras de puro choque.

— Ela estava no quarto dele e passou a noite na cama dele, um homem que ameaçou espalhar fotos repugnantes da Skyler... que ele tirou sem o consentimento dela. Um cara que queria cinquenta milhões de dólares para manter tudo longe da imprensa. E ela foi até o hotel dele, deixou os seguranças em casa.

Bo inspira forte.

— Bem perigoso isso.

— Sim. Para ela, poderia ter sido fatal. E ela aproveitou a oportunidade para se encontrar com ele no hotel e passou a noite lá. Quando eu liguei, às seis da manhã, e ameacei o cara, ele se mostrou muito interessado em contar que tinha transado com a minha mulher. — Estrangulo as palavras enquanto o gelo preenche minhas veias e esfria minha alma. — Porra!

Parece que vou explodir. Quero abrir outro buraco em algum lugar com um soco. O painel do carro me parece convidativo.

— Relaxa, nós vamos descobrir o que aconteceu. Mas eu acho difícil de acreditar, só isso — ele diz com um tom de voz suave.

Às vezes eu me pergunto se Bo já gostou de uma mulher a ponto de deixá-la chegar perto o suficiente para machucá-lo do jeito que eu fui ferido. Ele sempre teve muitas mulheres, e a nenhuma delas entregou nada além do que tem dentro da calça. Ele não entenderia.

— Pois eu não acho nada difícil. Eu amava a Kayla, e ela me traiu com o nosso melhor amigo. Eu amo a Skyler, e ela me traiu abrindo as pernas para o ex. Percebeu o padrão?

Bo inspira profundamente, pegando a rampa que nos levará ao hospital.

— Independente do que tudo isso pareça, e eu concordo que é uma merda, dê à Skyler pelo menos uma chance para esclarecer as coisas. Você consegue?

Com a perspectiva de ouvir a voz dela, o desejo aquece meu coração, mas é rapidamente seguido por repulsa ao lembrar o que ela fez.

— Não posso prometer nada.

Bo assente com firmeza.

— Bom, vamos dar uns pontos em você, por enquanto. O resto pode esperar.

Dois dedos quebrados, agora com tala, vinte pontos na palma da mão, totalmente enfaixada, e estou de volta em casa com os pés em cima da mesa de centro, uma cerveja gelada e analgésicos prescritos. Bo, sentado no sofá com o braço esticado no encosto e uma cerveja pendurada nos dedos, está com suas botas na mesa ao meu lado. Depois de Bo está Royce, sentado na poltrona com os pés só de meias em cima do pufe. Ele nunca estragaria a mobília de alguém colocando os sapatos em cima. Mesmo que seus sapatos custem mais que a poltrona e o pufe juntos. No chão, com uma tigela de pipoca no colo, está Wendy, com os olhos colados na TV de tela plana onde está passando um jogo. Ela está com um jeans skinny, All Star e uma camiseta do Red Sox que acho que é do namorado, porque é cerca de quatro números maior que seu corpo pequeno.

Enquanto eu estava sendo atendido no hospital, Bo ligou para a International Guy para contar aos outros onde estávamos e por quê. A ligação resultou na equipe toda em minha casa quando ele me trouxe de volta e o escritório da IG fechado pelo restante do dia.

A campainha toca e Wendy pula em pé, como se tivesse molas nas pernas.

— Pizza! Vou pegar. Ah, eu pus na conta da empresa. — Ela vai até a porta, assina o recibo e leva as duas caixas grandes para a cozinha. — Bo, quer levantar a bunda do sofá e vir me ajudar a servir os nossos irmãos?

Royce encobre o sorriso com o copo de uísque.

Bo revira os olhos, tira os pés da mesa e levanta.

— Sininho, você sabe que é trabalho da mulher servir o homem! Acho que eu vou ter que te dar uma lição! — ele brinca, mas vai até a cozinha para ajudar.

— Como você está, cara? — Royce interrompe meus pensamentos sobre o funcionamento da amizade entre a Maluca Número Um e o Maluco Número Dois.

Levanto a mão e a viro de um lado para o outro.

— Com os analgésicos e a cerveja, eu diria quase bom.

Royce sorri, se inclina para a frente, abre as pernas com os pés no chão e apoia os cotovelos nos joelhos. Olha para mim por baixo das sobancelhas escuras com seus olhos honestos.

— Não estou falando do ferimento de guerra, embora não possa dizer que estou feliz com isso. O Bo nos contou. É por isso que estamos aqui.

— Eu sei. Obrigado.

Ele anui e franze os lábios.

— Pois é, nós estamos aqui porque a sua garota pisou na bola com você. Como está lidando com isso?

Fecho os olhos e inalo profundamente, tentando aniquilar qualquer visão dela com Johan antes que entre em minha mente. Funciona, ainda bem. Dou de ombros.

— Não sei bem o que sinto. A raiva está no topo da lista.

Ele aperta os lábios.

— Já falou com ela?

Sacudo a cabeça.

— Eu não tenho nada a dizer para essa mulher. Acabou.

— Cara... — ele começa, mas não conclui.

— Acabou.

— Park... — ele continua, destemido. — Eu sei que você ama a Skyler. E sei que ela te ama. Dava para ver isso no rosto e na linguagem corporal dela quando a conhecemos no Lucky's. Não dá para virar as costas e abrir mão disso.

— Foi ela que fez isso — respondo, sarcástico, apertando mais a cerveja.

Royce assente devagar e passa a mão pelo joelho.

— Do jeito que você estava se sentindo em San Francisco, talvez devesse dar a ela a oportunidade de explicar.

Olho bruscamente para ele.

— Você acha que qualquer coisa que ela diga vai justificar ter me traído? Ela trepou com aquele merda na mesma noite em que eu estava dormindo sozinho na cama dela.

— Ei, espere aí. — Royce levanta a mão. — Você não sabe o que aconteceu naquele quarto de hotel.

— Não? A Skyler pulou em cima de mim na primeira noite em que eu estive na cobertura dela. E ela ficou com o Johan por quase dois anos.

— Isso não muda o fato de que ele a estava chantageando, ela estava com medo e você estava fora.

— E isso é desculpa para me trair? — contra-ataco, com a voz dura de fúria.

Ele volta a cabeça bruscamente e rosna.

— Caralho, não! Isso significa que a cabeça dela estava cheia de merda. Merda. O namorado dela não estava lá, e talvez ela tenha pensado que, por causa do tempo que os dois passaram juntos, ela poderia lidar sozinha com o imbecil. Idiotice, eu sei, mas, conhecendo a Skyler, isso é mais provável do que ela ir lá e se oferecer em uma bandeja de prata. Você precisa olhar fundo dentro de si mesmo, dentro do seu coração, ver o que o fez se apaixonar por ela e me dizer: você acha que ela te trairia? Acha mesmo?

Aperto os dentes e deixo suas palavras assentarem.

— O que você acha? — pergunto enquanto Bo e Wendy entram com dois pratos de pizza cada um.

— Acho que deve ter mais coisa nessa história do que aquilo que um manipulador imundo fala — ele diz, com a voz firme e convincente.

— Ah, a gente pode falar sobre o que aconteceu com a Sky? Eu já cuidei disso. Chequei os cartões de crédito dela, os registros telefônicos, tudo antes de vir. — Wendy entra em ação, mexendo na bolsa que deixou perto do rack. Ela pega seu fino notebook, abre e o coloca na mesa.

— Sininho, eu não sei se o Park quer saber das idas e vindas da mulher dele neste exato momento. — Bo pousa a mão no ombro dela.

Eu me endireito e coloco os pés no chão, apoiando a mão machucada. Meu coração começa a bater forte só de ouvir falar em descobrir alguma coisa sobre Skyler.

— Na verdade eu quero. O que você tem aí?

Wendy mordisca sua pizza e a joga descuidadamente no prato, lambe os dedos, seca-os no guardanapo e começa a digitar. Depois de engolir a pizza, diz:

— Ontem ela estava no set. Eu coloquei um rastreador no celular dela quando ela veio nos visitar da última vez. Eu fico de olho em todos vocês — gira o dedo, apontando para todos nós —, para o caso de acontecer alguma coisa.

— Está falando sério, Wendy? O que você acha que vai acontecer com a gente, garota? — Royce interrompe, sacudindo a cabeça. — Essa mulher é

inteligente demais para o meu gosto. Irmãos, tomem cuidado.

Ela o ignora.

— Parece que ela chegou em casa ontem, depois ligou para um número que eu descobri que é do Johan. Os dois tiveram uma conversa curta, e aí ela usou o cartão de crédito para pagar um táxi que a levou ao St. Regis, onde passou a noite, mas não pagou nenhum quarto.

Aperto os dentes e jogo meu prato de pizza na mesa. Perdi a fome.

— Já é o suficiente — começo, quando Wendy agita as mãos e balança a cabeça freneticamente.

— Não é, não. É aí que as finanças dela ficam loucas.

Franzo o cenho. Royce levanta e vai se agachar ao lado de Wendy. A palavra “finanças” para Roy tem o mesmo efeito que agitar um bife suculento na frente de um cachorro.

— Como assim, garota?

Os olhos dela se iluminam de empolgação. Juro que, se Wendy fosse um desenho animado, faria parte da turma do Scooby-Doo. Ela se parece mais com a Daphne, mas, definitivamente, tem o intelecto da Velma.

— Aqui e aqui — diz, apontando para algo na tela que não consigo ver. — Transferências bancárias com muitos zeros. Eu rastreei uma para um tal de Miguel Fuentes, que é um empresário importante, mas na realidade é um agiota de primeira. Do tipo que parece todo rico e profissional, mas na internet se fala que ele não tem tolerância com pessoas lhe devem por muito tempo. Elas acabam desaparecendo e nunca mais são encontradas.

— Qual é? Isso aqui não é *O poderoso chefão*. — Bo recua no sofá e franze as sobrancelhas.

— Meio que é, sim. Todo mundo sabe que Miguel Fuentes está ligado à máfia mexicana — Royce acrescenta, categórico. — Eu sei muito sobre o mercado financeiro, e há notícias de que o Miguel tem umas conexões sinistras. Essa é a razão pela qual só os ricos, poderosos e ilegais tendem a fazer negócios com ele. O problema é que a polícia vem tentando pegar o cara há anos, mas nunca consegue.

— Cale a boca! — rosno. — E ele envolveu a Sky nisso?

Wendy bate os dedos nas teclas mais rápido que antes.

— Saiu dinheiro da conta dela para a dele. Muito dinheiro. Dez milhões, para ser exata.

— Jesus Cristo! — Passo a mão pela testa suada. Os remédios e a cerveja estão fazendo efeito. Não só estou começando a ficar tonto como minha capacidade de raciocinar está diminuindo.

— Além disso, ela fez pelo menos quinze outras transferências. Cartões de crédito, empréstimos bancários, hipotecas e outros pagamentos para pessoas duvidosas.

— Caralho, garota! — Royce esfrega a boca e o queixo.

— Porra! — Bo exclama, rangendo os dentes.

Eu não digo nada. Meu coração, mente e corpo perderam toda a vontade de se mexer. A exaustão cai pesadamente sobre meus ossos.

— De todos esses, o mais estranho é o último pagamento que ela fez.

Franzo a testa.

— Q-Qual foi? — balbucio, com a língua pesada.

Os três olham para mim com diferentes expressões de preocupação no rosto.

— Termine — peço, fazendo um movimento rápido com a mão boa.

Wendy lambe os lábios e morde o de baixo.

— De acordo com isto aqui... — ela aponta a informação para Royce e Bo, que podem ver a tela.

Bo arregala os olhos e a seguir os fecha. Royce balança a cabeça.

— Puta que pariu. Que tipo de brincadeira ele está fazendo? — murmura, ainda olhando para o computador.

— O que é? — pergunto, piscando enquanto o sono tenta invadir minha mente.

— A Skyler pagou uma estadia de três meses em uma clínica de reabilitação para Johan Karr — ela diz com voz firme, mas seus olhos estão enormes e brilhantes em sua pele pálida.

É isso. Ela está pagando a reabilitação dele para que os dois possam ficar juntos e foder com a minha vida.

— Bom, eu v-vou... eu vou... deitar. — Eu me levanto e sinto meus joelhos fracos. Me seguro no braço do sofá enquanto Bo pula em pé e passa o braço pela minha cintura.

— Se apoie em mim, cara.

Sorrio e faço um biquinho de beijo para ele.

— Ah, Bogey, quem diria que você se importava...

Começo a fechar os olhos, mas ele me faz contornar o sofá e me leva para o quarto. Quando chegamos, me ajuda a deitar na cama e puxa as cobertas. Caio de costas e me aconchego de lado com a mão machucada contra o peito.

— Durma, meu amigo. Eu vou estar aqui quando você acordar.

— Vá pra c-casa. Tudo bem, eu tô legal — murmuro enquanto o sono começa a me dominar.

— Bons sonhos, maluco.

É a última coisa que ouço antes de tudo ficar preto.

2

Acordo mais tarde e encontro Bo na cozinha fazendo macarrão. Apoio a mão machucada, que parece estar sendo repetidamente presa na porta de um carro. Juro que dói e lateja a cada batida do meu coração e a cada vez que respiro agitado.

Respirar.

Respirar sem ela é impensável. Mas tenho que respirar, então aqui estou, segurando a mão em um ângulo de noventa graus com a ponta dos dedos para cima enquanto me acomodo em um banquinho na cozinha.

Bo gira sobre os calcanhares, pega uma garrafa de água, abre e a coloca a minha frente.

— Você precisa se hidratar com esses remédios que está tomando — informa enquanto aponta para a água.

Viro a garrafa, esvaziando metade de uma só vez. O líquido gelado alivia minha garganta seca e anima meu cérebro lento.

— Liguei o seu telefone quando acabou de carregar. Parece que você tem uma dúzia de mensagens e chamadas. A maioria da mesma pessoa. — Bo indica o celular, conectado ao carregador a cerca de meio metro.

Por um momento, respiro fundo e tento acalmar meus instintos de correr para o telefone. Quaisquer mentiras que ela pretenda contar não vão funcionar. Nada importa. Já aconteceu.

— Não sei se algo do que ela me diga pode melhorar o que estou sentindo.

Bo franze a testa enquanto mexe algo na frigideira. Parece um molho claro, quase branco. Francamente, não me interessa o que é, porque o cheiro de tomate e pão de alho está entrando pelas minhas narinas e sinto a boca salivar.

Não comi muita pizza antes de a conversa mudar para Skyler e suas finanças, o que me fez perder o apetite. Mas, agora, nada poderia me fazer perder a fome. Estou faminto.

— Não é possível, cara, que a merda que a Kayla fez esteja contaminando a sua visão dos fatos, o que pode ou não ter acontecido com a Skyler? — Bo pergunta, expressando o que tenho certeza de que Royce também pensa.

Passo a mão pelo meu cabelo bagunçado e suspiro.

— Honestamente, não sei. Tudo o que eu sei é que estou sofrendo. É como se tivesse um buraco dentro de mim que não vai fechar, e ela é a causa. Eu não lembro de ter sentido isso com a Kayla.

Meu amigo bufa.

— Você ficou arrasado naquela época. Se bem que pode ter sido também por perder o Greg, além da sua noiva.

Meu telefone vibra e não consigo mais aguentar. Estou curioso e, para ser sincero comigo mesmo, tenho um pinga de esperança de que a situação possa ser explicada. Mas meu inconsciente não deixa essa parte de mim vir à tona.

Tiro o aparelho da tomada e abro as mensagens. Bo estava errado. Na verdade, são quinze mensagens de texto desde hoje cedo. E seis de voz: quatro de Skyler, uma de Sophie e outra da minha mãe. Ignoro essas e vou direto para as de texto. Por um momento, fecho os olhos e respiro fundo, então começo a ler.

Meu pêssego

Baby, por favor atenda. Você entendeu tudo errado.

A próxima:

Meu pêssego

Parker, por favor, eu imploro. Atenda o telefone.

Outra mensagem:

Meu pêssego

Eu preciso explicar. Você não entendeu.

De novo:

Meu pêssego

Me ligue quando sair do avião.

E outra:

Meu pêssego

Não é o que você está pensando! Eu juro.

E de novo:

Meu pêssego

Eu não faria isso com você. Nunca. Jamais.

As mensagens continuam nesse mesmo caminho...

Meu pêssego

Tudo bem... Você não vai responder às minhas mensagens. ME LIGA!

Meu pêssego

Isso é loucura! Eu sei o que você está pensando, mas você entendeu tudo errado.

Meu pêssego

Baby, por favor, confie em mim. Confie em nós.

Cada mensagem cutuca cada vez mais fundo a ferida que ela abriu no meu coração. Sky quer que eu confie nela, mas como? Ela passou a noite no quarto daquele canalha. O mundo inteiro sabe que ela passou a noite com ele — ou pelo menos suspeita. Ela não levou os seguranças, se colocou em risco. Johan Karr é instável. E isso eu pude deduzir facilmente da nossa discussão. O fato de ela se colocar em uma posição tão perigosa... Para quê? O que ela achou que poderia conseguir? Continuo lendo o restante das mensagens:

Meu pêssego

Parker, me ligue. Eu não posso consertar as coisas se você não me ligar.

Meu pêssego

Por que você está ignorando as minhas ligações? Você está me magoando, e nem sabe a verdade!

Meu pêssego

Tentei ligar na IG e caiu na caixa postal. A Wendy também não retorna as minhas ligações. Por favor, por favor, me liga!

Eu me encolho ao sentir a necessidade pressionando meu cérebro a cada pedido dela.

Meu pêssego

Meu bem, eu sei que você está bravo. Desculpe, eu fui uma idiota, uma imbecil, mas eu tinha que tentar resolver as coisas sozinha.

Passo a mão boa pelo queixo e os lábios enquanto leio as duas últimas:

Meu pêssego

Parker, eu preciso que você confie em mim. Se existe alguma esperança para nós dois, você tem que acreditar que eu jamais te trairia. Eu nunca estragaria o que nós temos.

A última mensagem me tortura, e tenho que morder o interior da bochecha para não deixar a emoção avassaladora acumulada dentro de mim vazar como se eu fosse um fraco, um covarde. Eu teria que abrir mão da minha masculinidade se deixasse escapar os sentimentos que estão fazendo meu nariz escorrer e meus canais lacrimais arderem. Leio de novo e deixo que a força de suas palavras bata em meu peito e meu coração, bem na alma.

Meu pêssego

Você é a melhor coisa que já aconteceu comigo, Parker. Acredite pelo menos nisso. Por favor, me dê a oportunidade de explicar o que aconteceu. Eu vou te dar um tempo, alguns dias, para pensar em tudo. Me ligue quando estiver pronto para conversar.

Esfrego meu rosto cansado e largo o celular. Bo desliga o fogo e serve fusilli com molho rosé cremoso e manjerição fresco.

— Cara, quando foi que você aprendeu a cozinhar?

Olho para a comida como se ela tivesse sido materializada com pó de fada, e não feita pelo meu melhor amigo, que ralou no fogão para fazer isso para nós dois.

Ele sorri.

— Minha mãe anda me ensinando.

— Jura?

Ele tira o pão com manteiga de alho do forno.

— Juro. Ela disse que, como eu não vou arranjar uma mulher séria na vida e nem sempre posso ir à casa dela fazer refeições de verdade, ia me ensinar o

básico para me manter em forma e me alimentar — explica, dando uma risadinha e colocando duas fatias grossas de pão na lateral da travessa, ao lado da massa.

Depois de servir dois pratos, ele contorna o balcão, senta em seu lugar e espeta com o garfo uma porção gigantesca.

Provo o meu e me surpreendo, feliz, ao ver como está bom.

— Bo, está uma delícia. — Mastigo e engulo, pegando mais avidamente.

— Está mesmo — ele concorda, sorrindo. — Então... e essas mensagens? — Indica meu telefone. — Alguma coisa interessante?

— Está querendo me arrancar informações? — Sorrio.

— De jeito nenhum. Eu só quero saber se essa mulher brincou com você. Cara, eu quero saber se ela brincou com todos nós... Porque a mulher que eu conheci, a mulher que eu fotografei em Nova York, que estava sentada no colo do meu irmão enquanto nos divertíamos juntos no Lucky's, um lugar sagrado para todos nós... essa mulher é alguém de quem todos nós gostamos.

Sacudo a cabeça.

— Ela parece chateada, está implorando para falar comigo. Quer explicar. Disse que, o que quer que eu esteja pensando, eu entendi tudo errado. Mas isso não muda o fato de que ela largou os seguranças e passou a noite em um hotel com um homem que a estava chantageando. E não só isso. De acordo com a superinvestigação de Wendy, ela pagou todas as dívidas dele e o colocou na reabilitação. Pelo amor de Deus! O que eu devo pensar sobre tudo isso?

Bo mastiga bem antes de responder:

— Isso tudo é verdade, mas esses fatos não significam que ela dormiu na mesma cama que ele, ou que trepou com ele. Você acha que pode perdoá-la pelo resto desde que não tenha transado com ele?

Passo cinco minutos refletindo sobre sua pergunta. Bo sabe quando eu preciso de tempo para pensar e não exige resposta. Ficamos sentados em um silêncio camarada, comendo o macarrão que ele fez.

Posso perdoá-la se ela não me traiu fisicamente?

Sim. Acho que sim. Isso não muda o que aconteceu, e eu ainda não sei os detalhes, mas a verdadeira mágoa, a traição, seria ela ter transado com outro. O como e o porquê não importam.

Abaixo o garfo e apoio o queixo na mão e o cotovelo no balcão.

— Sim, eu poderia perdoá-la por ter ido falar com ele sem me esperar. Na minha opinião, ela devia ter evitado aquele canalha a todo custo. Independente das razões, foi uma coisa estúpida de se fazer.

Bo assente.

— E aí, o que você vai fazer?

Dou de ombros e passo a mão boa pelo meu braço.

— Ainda não sei.

— Você precisa falar com ela. A Skyler é a única pessoa que pode dar as respostas que você procura, cara. Você sabe disso.

— Sim... É que... Porra! Só de pensar nela indo para o hotel, passando a noite lá, mesmo que tenha dormido no sofá, ou ele... Isso tudo está... está me corroendo por dentro — digo, dando um soco no peito, pois preciso sentir algo, qualquer coisa, além da dor na mente e no coração.

— Eu entendo. Dá para ver. A prova disso está diante de mim. O buraco na parede, os pontos na mão, os ossos quebrados... Você está *sangrando* por causa dela, por dentro e por fora. Só que o jeito de conter esse fluxo é descobrindo a verdade. Você não vai conseguir descansar enquanto não descobrir.

Esfrego a cabeça em um ritmo violento e doloroso enquanto penso em suas palavras. Aperto meu pulso e seguro firme, tentando controlar a dor incrível.

— Está doendo? — ele pergunta.

— Pra caralho! — rosno.

Bo deixa o banquinho, vai para a sala e volta com um frasco de comprimidos. Abre e tira dois analgésicos.

— O médico disse que você podia tomar dois à noite antes de dormir, mas só com o estômago cheio e com muita água. Coma tudo, beba água, engula isso e volte para a cama. Eu vou dormir no sofá, já te falei, para o caso de você precisar de mim.

Dou um tapinha nas costas de Bo.

— Não precisa. Qualquer coisa eu te ligo. Você mora perto.

Ele sacode a cabeça.

— Eu ficaria mais tranquilo aqui, para o caso de você ter uma reação ou alguma outra merda.

Pegando meu garfo de volta, cutuco a massa. Dou de ombros e enfio uma garfada saborosa na boca.

— Fique à vontade.

— Já estou.

Depois que bebo quase toda a garrafa de água, olho para Bo, que está raspando o molho do prato com uma fatia de pão de alho.

— Obrigado — murmuro, com a voz grossa e seca ao mesmo tempo. — Eu faria o mesmo por você se a situação fosse inversa. Você sabe disso, né?

Ele anui sem dizer nada. É o nosso jeito. Um irmão cuida do outro, fica de olho, pronto para ajudar com alguma merda.

Quem dera as relações românticas fossem tão fáceis de administrar... O que estou passando é como atravessar um campo minado. Não sei onde pisar, onde parar. A única coisa que sei é que sinto necessidade de fugir, voltar ao trabalho o mais rápido possível e me afastar ao máximo de toda essa merda com Johan e Skyler. Mais que tudo, eu preciso tomar distância.

— Quanto ao trabalho em Montreal, eu vou para o escritório amanhã. Peça para a CEO entrar em contato e nos informar sobre a empresa. Pelo que eu entendi, ela estava esperando a gente voltar para a cidade, é isso? Acho que a equipe toda da International Guy pode cuidar desse trabalho. Que tal?

Bo sorri.

— Estou precisando mudar de ares. O Canadá deve ser ótimo nesta época do ano.

E longe, bem longe dos meus problemas pessoais.



Alexis Stanton não é nada do que eu esperava quando Wendy a leva a minha sala, dois dias depois. É alta, tem um corpo maravilhoso e curvas deliciosas. A mulher parece uma coelhinha da *Playboy*. E, com base no arquivo fornecido por Wendy, é um prodígio em sua área.

Tentando ignorar a mão ainda dolorida, mesmo depois de tomar o analgésico, avalio a mulher enquanto ela se senta a minha frente. Seu cabelo loiro chega aos ombros, encorpado, com grandes cachos que parecem feitos de ouro. Diferente do azul dos meus olhos, o dela é mais brilhante, como

qualquer água cristalina do Caribe em um dia ensolarado. Ela tem um nariz pequeno e arrebitado e maçãs do rosto altas e arredondadas. Os lábios são cheios, rosa brilhante — uma cor tão tentadora que qualquer macho de sangue quente mataria para experimentar.

Limpo a garganta e tento não descer os olhos por seu vestido branco justo. Tem mangas compridas, passando um pouco dos pulsos, mas é a única coisa comprida na roupa. O vestido acaba logo acima dos joelhos, mas sobe por uma coxa esbelta e tonificada quando ela se senta e cruza as pernas. Para combinar com o vestido, ela está usando sandálias altas nude, do tipo que faz as pernas de uma mulher parecerem ter um quilômetro de comprimento. O problema é que, nessa mulher, elas são *letais*, pois, com a ajuda da genética, as pernas dela parecem não acabar mais.

Faço pressão nas têmporas com os dedos e me recosto em minha cadeira. Arrumo a gravata desajeitadamente com uma mão, já que a outra está enfaixada. Dois dedos quebrados presos juntos em uma tala sobressaem do curativo.

— Sr. Ellis, obrigada por me receber. Que bom que voltou antes. A situação da minha empresa está ficando terrível. Nós não temos um minuto a perder.

— Por que você não começa do começo e me dá uma ideia do que vamos enfrentar? O Royce me contou que você está preocupada que alguém esteja roubando segredos comerciais e vendendo essas informações para os seus concorrentes. É isso mesmo?

Ela assente.

— Sim, mas é mais complexo que isso.

Franzo a testa e me inclino para a frente, com os antebraços cruzados sobre a mesa.

— Como assim? — pergunto.

— Não só os últimos três produtos foram roubados e lançados pelo meu concorrente direto duas a três semanas antes da data em que pretendíamos fazer isso — ela diz, fazendo uma carranca — como alguém andou sabotando os nossos processos de trabalho nesse meio-tempo.

Meu interesse desperta:

— De que maneira?

— Software corrompido por vírus, arquivos perdidos ou excluídos aparentemente do nada. É como se os programas estivessem sob o cerco de um fantasma no sistema.

Procuro na memória pelos meus tempos em Harvard.

— Eu já ouvi esse termo, fantasma no sistema ou fantasma na máquina. Tem a ver com inteligência artificial ou com algum tipo de bug causado por erros de programação, certo?

Ela concorda com a cabeça e morde o lábio inferior.

— Não sei se vocês podem me ajudar com essa ameaça. Eu tenho as maiores mentes do ramo trabalhando nos problemas de tecnologia. Além disso, o meu irmão e eu escrevemos todo o código original, mas eu preciso descobrir qual é a *ameaça real*. Alguém está compartilhando informações sobre os nossos produtos, e, depois de muita investigação e de analisar minuciosamente a minha equipe, eu ainda não sei quem é.

Eu me recosto e apoio o dedo sob o queixo.

— A explicação mais simples seria que os dois problemas estão sendo provocados pela mesma pessoa, não? — digo.

Ela suspira e estremece, a seguir arqueia as costas. Com esse movimento ela pretende aliviar a tensão, mas a forma que seu corpo assume é eletrizante, especialmente porque seus seios grandes se projetam como uma bandeira branca em sinal de rendição. Ela se recosta de novo na cadeira e cruza as pernas para o outro lado. Juro que ouço o tecido farfalhar e deslizar sobre suas coxas bronzeadas. O movimento me faz apertar os dentes, e eu me censuro mentalmente. Faz só três dias que eu terminei com Skyler. E *terminar* é um termo bastante questionável, já que tecnicamente ela ainda espera que eu telefone.

Enquanto estou pensando em meu problema pessoal, examino a mulher a minha frente. Meu pau acorda de seu sono de três dias, e eu lambo os lábios e me concentro em seu rosto, tentado a olhar para seu belo corpo mais uma vez, mas sabendo que não é certo. Desejar outra mulher que não seja Skyler não é absolutamente minha intenção.

Independentemente do que eu tenha dito a Nate sobre tudo ter acabado entre nós, preciso dizer isso diretamente a ela. É a coisa justa e honesta a fazer. Não posso esperar que Skyler seja franca comigo se eu não for sincero com ela.

Mas não estou pronto para encarar isso tudo ainda... dizer adeus, deixá-la... permitir que tudo o que construímos entre nós simplesmente desapareça.

Minhas entranhas se agitam e meus músculos abdominais se contraem. Deixo escapar um suspiro pesado. Alexis não nota nada e responde a minha pergunta.

— Eu acho que faria mais sentido se os dois problemas estivessem relacionados, mas é difícil acreditar que alguém da minha equipe de programação possa ter participação nisso, fazer uma coisa tão descarada pelas minhas costas para me prejudicar.

Eu bufo e balanço a cabeça.

— Bom, pela minha experiência, eu posso dizer que as pessoas raramente são o que dizem.

E isso é tão verdadeiro hoje quanto quando Kayla destruiu meu coração. Mas o sentimento é mais intenso agora, por causa da conexão profunda que imaginei que Skyler e eu tivéssemos. Fui idiota a ponto de acreditar que meu relacionamento com Sky seria diferente. Idiota pra caralho.

— Que forma melancólica de ver as pessoas do seu mundo, sr. Ellis. — Alexis franze a testa.

Inclino a cabeça e avalio seu olhar penetrante. É como se ela estivesse tentando olhar diretamente através de mim. Odeio isso.

— Digamos que eu tive a minha cota de experiências com pessoas que me decepcionaram.

— Pessoas? Ou uma mulher importante? — ela pergunta, franzindo os lábios e erguendo uma sobrancelha.

— Que diferença faz?

Ela sobe e desce um ombro.

— Nenhuma, acho. Bom, o fato é que eu investiguei a minha equipe de ponta a ponta. Todos os funcionários foram submetidos ao detector de mentiras, e todos passaram. Não sei como proceder. E é aí que vocês entram.

Apoio o cotovelo no braço da cadeira para poder passar os dedos sob o queixo. É um movimento que sempre faço inconscientemente, agora dificultado pela mão enfaixada. Cerro os dentes e lembro por que minha mão está nessas condições. Porque a mulher que eu amo me traiu e eu perdi o

controle. Nunca mais. Nunca mais vou deixar minhas emoções controlarem minhas decisões em relação ao sexo oposto. Nessa eu não caio mais.

Os belos lábios rosados de Alexis se curvam em um biquinho sensual.

— Você acha que a sua empresa pode me ajudar?

Faço que sim com a cabeça.

— Sim, acho que podemos, mas eu vou precisar de toda a minha equipe.

— Para quê?

— Você disse que já investigou os seus funcionários... — Ela anui enquanto eu prossigo. — Isso significa que a pessoa que está fazendo isso é muito esperta. Pode ser qualquer um de qualquer departamento vazando os segredos comerciais, e apenas algumas pessoas lançando os vírus. Como eu disse, podem ser várias pessoas trabalhando em conjunto. Ou uma pessoa vazando as informações e outra acessando o sistema.

Ela faz uma careta e passa a mão pelo longo cabelo loiro. Eu adorava passar os dedos pelo cabelo de Skyler. Era sempre sedoso. Por um momento, me pergunto se o cabelo de Alexis é tão macio quanto o de Skyler. Então, mentalmente me censuro por pensar nela.

Concentre-se no trabalho, Park, não nela.

— O que você tem em mente? — ela pergunta, trazendo minha atenção de volta ao assunto em questão.

— A minha assistente é um gênio da tecnologia. Nós vamos infiltrá-la como se fosse uma nova funcionária do departamento de programação e análise. O Royce vai entrar como auditor no departamento financeiro. O Bo vai atuar como um novo cliente proativo que precisa que desenvolvam um aplicativo para ele. Alguma coisa relacionada a fotografia, talvez. Você acha que podemos fazer assim?

— Com certeza. Existe uma tonelada de aplicativos que nós podemos criar para operar com filtros, iluminação, dimensionamento, edição instantânea, Photoshop. Mas e você? Qual vai ser o seu papel, sr. Ellis? — ela ronrona meu nome como se fosse um petisco que está prestes a devorar.

Eu a ignoro. Em outros tempos, já estaria em cima dessa mulher. Mas, com tudo o que aconteceu, não sei como reagir. Estou confuso com os sinais profissionais e pessoais que ela está emitindo. É uma sensação desconfortável e desanimadora, e não sei bem como lidar com isso.

Respirando fundo, eu me concentro no trabalho. O trabalho é o mais importante agora, não os longos olhares ou os flertes sutis de Alexis.

— Eu entro como consultor de produtividade e fluxo de trabalho, o que significa que vou ter que entrevistar todos os funcionários, perguntar sobre o trabalho deles, o que cada um faz, esse tipo de coisa. Eu sou muito bom em ler a linguagem corporal e as microexpressões de um indivíduo. Normalmente sou capaz de dizer quando alguém está mentindo ou tentando enganar. Além disso, saber que existe um auditor e um consultor investigando as coisas pode assustar a pessoa e fazê-la cometer um erro.

— Tudo bem. Por onde começamos? — ela pergunta, se inclinando para a frente. O tecido de seu vestido já apertado parece se esticar ainda mais sobre os seios.

Não olhe para os peitos dela, Parker. Não olhe para os peitos dela.

Isso não é legal, meu amigo. Não é legal.

No entanto, tenho que admitir a mim mesmo que ela não usaria vestidos assim se não esperasse que as pessoas observassem seu corpo. Meu palpite é que, do jeito que está à vontade com esse vestido justo e curto, ela *quer* atenção.

Um músculo palpita em minha têmpora, me lembrando de que eu não deveria estar olhando para essa mulher, mesmo que esteja terminando com Skyler. Eu não terminei nada oficialmente ainda.

Sinto um nó no estômago de novo, mas respiro e me atenho ao plano de trabalho.

— A minha primeira sugestão seria a Wendy entrar na empresa imediatamente, tipo amanhã. — Ela arregala um pouco os olhos, mas vejo que é de surpresa, não de contrariedade. Prossigo: — Você vai admiti-la já, assim não vai haver suspeitas sobre a função dela. E ela pode começar a conhecer a equipe e fuçar nos computadores deles.

— Combinado.

— Depois, você vai fazer uma reunião com o Bo e o time da criação de aplicativos, e ele vai explicar o que deseja. Ele vai dizer que quer estar onde tudo acontece, e você vai dar uma sala vazia para ele trabalhar.

Ela inclina a cabeça.

— Isso é bem fácil.

— Vou falar com a Wendy para acessar os arquivos necessários sobre os seus funcionários. Quantos são?

— Vinte e dois, além de mim.

Com isso definido, pego o telefone e aperto o botão para falar com Wendy.

— Diga, chefe — ela gorjeia na linha.

— O Royce te pediu para levantar a ficha completa da Stanton Cibertecnologia enquanto estávamos em San Francisco? — pergunto enquanto olho pela janela, para não olhar para a cliente.

— Pode crer. Estou com os arquivos completos de todos os vinte e dois funcionários e outro da Alexis Stanton. Imaginei que, se algo estranho está acontecendo na empresa dela, você ia gostar de ter em mãos todas as informações possíveis.

Abro um sorriso enorme e giro a cadeira.

— Excelente. Além disso, você vai precisar agendar voos e hotéis para nós quatro.

— Quatro? — ela diz, com inegável emoção na voz.

— Sim, senhora. Você é a nova contratada da Stanton Cibertecnologia. Começa amanhã. Nós precisamos agir rápido.

— Puta merda, chefe! Animal! Não vejo a hora de contar para o Sir Mick! Minha primeira missão secreta. Que incrível! — Sua última palavra sai ofegante, como se eu estivesse fazendo seu maior sonho se tornar realidade.

— Que bom que você gostou. Nós conversamos mais quando eu terminar aqui, mas me passe os arquivos.

— Certinho! — anuncia e desliga.

Volto para Alexis, que está me encarando. Quando digo *encarando*, quero dizer quase me perfurando com os olhos. Do jeito que um tigre olha para um bife cru. Ela lambe os lábios e estufa o peito, balançando na cadeira. Tenho que morder a bochecha por dentro para não entrar na dela e dizer algo totalmente inapropriado.

— Muito bem, está resolvido. Me fale um pouco mais sobre os produtos que você disse que foram roubados.

3

O escritório de Alexis Stanton é exatamente o oposto do nosso. A International Guy se orgulha de sua decoração clean e elegante, mas a Stanton Cibertecnologia vive para o conforto. O escritório dela parece mais uma casa que um local de trabalho. Se não estivesse instalado em um galpão de vários andares nos arredores de Montreal, eu poderia acreditar que a CEO mora aqui. Isso é inquietante e bizarro. Eu me levanto e caminho pelo lugar enquanto Royce espera pacientemente em uma das cadeiras de encosto alto diante da lareira. Sim, tem uma lareira. E, bem na frente dela, um sofá e uma mesinha de centro.

Olho para Royce, e ele me dá um de seus sorrisos bem-humorados. Dou de ombros.

— Estranho, né? Ou só eu que acho? — digo, indicando com o polegar a outra metade do escritório, que tem uma TV de tela plana de oitenta polegadas com uma velha mesa de madeira de frente para ela. Um notebook fino, um telefone e uma luminária estilo Tiffany, com vitral em padrão floral, são as únicas coisas que descansam sobre a mesa. Uma estante de livros abraça cada lado da TV.

— Gosto não se discute, como diria a minha mãe — Royce cantarola, ajeitando a gravata.

Vou até uma das estantes e examino cada prateleira. Todas as fotos são de Alexis com um homem muito mais novo. Irmão, talvez, já que os dois têm os mesmos traços.

Alexis entra com duas xícaras de café fumegante e um sorriso.

— Olá, rapazes. Achei que vocês gostariam de uma dose de cafeína.

— Obrigado. — Pego uma das xícaras. Seu polegar acaricia o meu enquanto ela se afasta. Ergo os olhos e a encontro sorrindo.

Ela pestaneja sem pudor e leva a outra xícara para Royce. Sua roupa de hoje é semelhante em estilo à que estava usando no outro dia, mas a blusa preta é mais reveladora. Seus seios pulam no V profundo do decote, e a blusa mal chega ao cós da calça preta. Tem um cinto fino em torno de sua cintura, chamando atenção para seu corpo em forma de ampulheta. Nos pés, minha kriptonita: sapatos altos vermelho-escuros.

Sexy pra caralho.

Aperto o maxilar e respiro longa e lentamente, esperando a frustração passar.

Royce olha para mim por cima de sua xícara e limpa a garganta.

— Srta. Stanton...

— Alexis, por favor. Nós somos todos muito informais por aqui. Todo mundo me chama de Lexie, na verdade.

Roy anui.

— Tudo bem, Lexie. O que os funcionários sabem até agora?

Ela está perto de sua mesa, abre o notebook e aperta um botão. A tela plana ganha vida, mostrando quinze quadrados diferentes. Cada um indica onde há uma câmera instalada, em diferentes locais do galpão.

— Bom, como você pode ver na tela dois, a Wendy está sentada com o Kidd, aprendendo a mexer nos nossos sistemas. Segundo ele, ela aprende rápido. Mais que isso: ontem à noite ele me disse que era estranho ela querer trabalhar para a gente em uma posição iniciante de programação e análise. Ele acha que a Wendy é um gênio e poderia estar em qualquer lugar. Talvez tenhamos que deixar o Kidd por dentro do nosso trabalho sigiloso de espionagem.

Sorrio, orgulhoso da minha inteligência por ter contratado Wendy.

— Quem é Kidd?

Alexis fica toda orgulhosa e seu rosto assume um lindo brilho.

— Meu irmãozinho.

— O nome dele é Kidd? — Royce pergunta, rindo.

A expressão dela muda completamente: de felicidade a aborrecimento.

— Sim, os nossos pais eram *hilários*. — Suas palavras estão cheias de desdém.

Royce se levanta e ergue as mãos, em sinal de rendição.

— Ei, srta. Stanton... Lexie... eu não quis ofender. O meu nome é Royce, que também não é tão comum. É que o fato de o nome ser Kidd e ele ser seu irmão mais novo é engraçado. Peço desculpa por não ter sido mais profissional.

Ela sacode a cabeça e passa os dedos pelas longas mechas antes de ir até a estante e pegar uma das fotos.

— Não... não é sua culpa. Eu sou muito protetora com ele. Ele é tudo o que eu tenho no mundo, e a vida dele não tem sido fácil. Os nossos pais odiavam a mera existência do meu irmão, se sentiam presos por ter outro bebê já mais velhos, contra a vontade deles. Mais tarde, ele teve que enfrentar bullying na escola, brigar, foi violentamente espancado e tudo o mais. Eu sou a única família que ele tem, e ele a minha. Nós rompemos com os nossos pais faz muito tempo. E agora ele está indo muito bem, e só tem vinte e três anos.

— O Royce não quis ser indelicado — digo, defendendo-o.

Vou até o lado de Alexis para ver a foto no porta-retrato que ela está segurando. São os dois em frente à placa da empresa.

Ela ri secamente.

— Eu sei. Desculpe, Royce. Eu não me ofendi, de verdade.

Ele afunda o queixo e põe as mãos nos bolsos.

— Você comunicou os outros funcionários sobre a nossa chegada? — pergunto, levando a conversa de volta ao trabalho.

Ela assente.

— Nós fizemos uma reunião no fim do expediente ontem, e eu apresentei a Wendy. Ninguém pareceu contrariado. Depois mencionei que um novo cliente chegaria amanhã, e vocês dois hoje. Royce, eu vou levar você para falar com o meu diretor financeiro. Quero que comece a avaliar as nossas contas. Parker, eu vou te colocar em uma das salas de reuniões menores para que você comece as entrevistas.

Bato palmas uma vez, distraído, e assobio quando a dor dos dedos quebrados e da palma costurada corre como ondas pelo meu braço.

Alexis pega meus pulsos e segura minhas mãos.

— Coitadinho. Como você fez isso? — Ela se inclina e dá um beijo em minha mão, do jeito que uma mãe faria com um filho pequeno. Só que, quando termina, ainda pairando sobre a minha mão, ela levanta o olhar e abre um sorriso malicioso, flertando descaradamente.

Caramba, que merda eu vou fazer com essa mulher?

Royce chacoalha algumas moedas no bolso, e isso parece tirar a cliente do transe. Ela se endireita lentamente, cuidando de fazer seus seios sobressaírem o máximo do decote. É um sacrifício imenso não morder a isca. Bom, eu posso olhar, se quiser. Skyler e eu terminamos.

A-c-a-b-o-u.

Pelo menos *eu* sei que nós terminamos. E *ela* deveria saber, depois da traição. Mas não posso me envolver com Alexis sabendo que não terminei oficialmente com Skyler.

Nem sei se quero, de qualquer maneira. Pela primeira vez na vida, não estou preparado para ir para a cama com uma loira gostosa.

Sinto meu peito apertar e engulo em seco.

— Vamos conhecer os seus lugares? — ela sugere.

Levanto a mão para a maçaneta.

— Vá na frente, Alexis.

— Ah, não, não, eu insisto. — Ela sorri e abre a porta do escritório para Royce e eu passarmos.

Saímos, e, enquanto caminhamos, olho por cima do ombro e vejo que ela está definitivamente observando a nossa bunda. Paro de repente e ela leva uma unha vermelha aos dentes e a morde, sorrindo enquanto manobra o corpo ao passar por mim e fazer seu peito quase roçar o meu.

Ela pestaneja.

— Desculpe.

Seu tom é provocativo. Eu aperto os dentes e mordo a bochecha até sentir o sabor metálico de sangue. A dor me lembra de não responder. Não vou fazer nada com Alexis. Droga, não vou fazer nada com cliente *nenhuma* de novo. Nunca mais. Já fiz isso duas vezes. Na primeira deu tudo certo, e acabei ganhando minha primeira amiga de verdade. A segunda me magoou, jogou meu coração no chão e enfiou o calcanhar nele, para garantir.

— Foi engraçado, Alexis, mas nós dois não conhecemos o caminho — eu a faço lembrar, me esforçando para não lhe dar corda.

— Eu sei para onde *eu* gostaria de ir — ela diz, observando meu corpo dentro do terno de cima a baixo enquanto ginga para fazer seus peitos grandes balançarem.

— Caramba — digo e desvio os olhos do espetáculo.

Royce ergue as sobrancelhas enquanto disfarça o choque colocando a mão enorme na frente da boca.

— Só estou provocando — ela admite, rindo e andando a nossa frente pelo corredor. — Vamos, meninos. Vamos fazer a ronda. Eu vou apresentar vocês formalmente a todos os departamentos e relembrar o que vieram fazer aqui. Depois vou deixar o Royce com o diretor financeiro e você, Parker, acomodado em uma *sala privativa* a semana toda. — Sua voz se aprofunda na última frase.

Santa mãe de Deus. Não consigo lidar com uma mulher querendo minha atenção. Não agora. Não esta semana, quando nem sei em que situação estou.

Dou um tapinha nas costas de Royce e lhe peço que vá na frente, pondo distância entre mim e Alexis.

— Sou seu escudo humano agora? — ele sussurra enquanto a seguimos pelo centro do galpão.

— Algum problema?

Seu olhar cor de carvão voa para mim.

— Jamais, cara. Eu vou te proteger com tudo o que tenho. Sejam deusas da tecnologia ou loiras famosas, pode contar comigo.

Aperto os lábios e assinto com força, ciente da situação.

Não sou forte o bastante para lidar com as implicações de me envolver com Alexis, nem quero. Estou mais fraco do que nunca e, para ser honesto comigo mesmo, só a estaria usando para esquecer outra pessoa. Depois da merda que aconteceu com Kayla, prometi a mim mesmo que nunca trataria uma mulher como um corpo quente e nada mais. Eu cresci. O homem que eu era na faculdade não existe mais. Eu gostaria de acreditar que sou mais forte, mais maduro e que respeito tanto a mente e o corpo femininos quanto os meus. Uma noite na cama com Alexis seria bom até eu ir embora. Mas depois disso a realidade atacaria, e eu estaria na mesma posição em que estou agora, só que com mais uma conquista.

Nesse momento, o celular vibra no meu bolso. Eu o pego e olho a tela.

Meu pêssgo.

Só de ver seu apelido, sinto o calor se espalhar por todo o meu corpo como um cobertor em uma noite fria em Massachusetts. Cerro o maxilar e respiro fundo enquanto sigo Alexis, apertando tanto o celular que talvez ele chegue amassado aonde quer que ela esteja me levando. Sem ler a mensagem, enfio o maldito aparelho no bolso.

Alexis nos apresenta a vários funcionários antes de deixar Roy na área de finanças e me levar a um canto do prédio aparentemente isolado. Parece que ela está me conduzindo para a guilhotina, mas tenho certeza de que é o efeito do carvão em brasa que tenho no bolso em forma de mensagem da minha ex-namorada que está bagunçando meu coração e minha mente.

— Aqui estamos. — Alexis abre a porta de um lugar que lembra uma sala de leitura.

— Você deve estar brincando... Isto é uma sala de reuniões?

Ela sorri e dá de ombros.

— Eu gosto de trabalhar com conforto. Passo muito tempo aqui, preciso de coisas que me deixem à vontade e relaxada para estimular a inspiração.

— Inspiração?

Alexis apoia o quadril no braço do sofá e cruza os braços sobre os peitos enormes. Isso faz seus seios praticamente pularem pelo decote. Não posso deixar de olhar para esses globos carnudos. Estão chamando o meu nome, agitando uma bandeira vermelha para atrair minha atenção.

— Áhã. Sabe o que mais estimula a minha inspiração?

Mais uma vez, há flerte em sua voz sensual.

Sinto a boca seca enquanto meu corpo se aquece e reage a sua sexualidade descarada. Tenho medo de perguntar.

— Não faço ideia — digo, e minhas palavras saem roucas.

Ela sorri, sabendo o tipo de atenção e efeito que seu corpo, voz e natureza direta produzem na espécie masculina. Alexis Stanton é o sonho erótico de qualquer homem. Ela parece uma coelhinha da *Playboy*, se veste como uma acompanhante de luxo, mas diz o que pensa. Não posso deixar de me perguntar se tudo isso é só fachada, uma máscara que ela usa para atrair o sexo oposto.

Segundo o histórico que Wendy levantou, ela não só é a melhor em seu ramo e inteligente pra caralho como destruiu os concorrentes — todos do sexo masculino. Alexis foi vista em público com dois desses homens em situações que pareciam românticas, mas nenhum deles afirmou ter um relacionamento com ela. Pelo menos nenhum deles *admitiu* um envolvimento romântico. Talvez seja por isso que seu principal concorrente conseguiu informações sobre os produtos e os lançou antes. Alguém deve estar prejudicando-a por motivos pessoais. Isso definitivamente nos dá motivo para pensar e algo para investigar.

— Sente-se, sr. Ellis. Se você tiver sorte, eu te mostro em vez de te contar.
— Ela ergue a mão, desce com ela pela lateral do tronco e a descansa delicadamente no quadril arredondado.

Enquanto passo por ela em direção ao sofá, Alexis estende a mesma mão e passa o dedo pelo centro do meu peito, descendo e parando na fivela do meu cinto.

Eu recuo.

— Srta. Stanton... Lexie... — Dou uma tossidinha e ergo a mão boa entre nós. — Você é uma mulher linda...

— Que bom que você pensa assim. — Ela dá um passo à frente enquanto eu dou outro atrás.

— Não acho que seja uma boa ideia — digo, apontando para o peito dela e depois para o meu.

Há um brilho malicioso em seu olhar. Sinto meu coração apertar.

— Ah, já eu acho uma ótima ideia. Veja só: eu sou a chefe, você é o chefe...
Sacudo a cabeça.

— Eu... acabei de terminar um relacionamento — afirmo, sem muita firmeza.

Ela franze a testa.

— Ah, que coisa... Me deixe te dar um beijo e te fazer sentir melhor, como eu fiz com a sua mão. — Ela avança mais um passo e eu recuo, até minha bunda encostar na mesa redonda no centro da sala.

— Alexis, como eu disse, você é... bonita...

Seus lábios se contraem.

— Agora eu sou só bonita? Acho que você está tentando se convencer a não me tocar, mesmo estando claramente interessado. Eu notei o jeito como

você olha para mim, para o meu corpo. Você me quer tanto quanto eu te quero. Eu raramente me engano em relação à química entre as pessoas. A sua energia combinada com a minha... seria explosivo! — Ela enlaça as mãos em volta do meu pescoço e pressiona os seios em meu peito.

Mantenho as mãos na lateral do corpo.

— Puta merda... — Minha temperatura sobe, assim como meu pau, e eu me sinto zozzo, como se tivesse tomado alguns drinques. — Em outra hora, em outro lugar, você estaria... Que inferno, você estaria encostada na parede com o vestido enrolado na cintura. Só que eu não estou com cabeça pra isso. Já te disse, estou saindo de um relacionamento. É, hum... muito... recente — concluo sem firmeza.

— Hum-humm... — Ela passa o nariz pelo meu rosto até o pescoço. Um tremor percorre minha coluna, me incentivando a tomar o que ela está oferecendo. O calor de sua respiração faz cócegas na minha pele. Meu pau se anima ainda mais e endurece dentro da calça.

Ela sorri.

— Sua boca me dá todo tipo de desculpa, mas o seu corpo está respondendo outra coisa.

Lambo os lábios e seus olhos pousam na minha boca. Caramba, ela não perde uma chance.

Ela fica na ponta dos pés, seu corpo totalmente nivelado ao meu, do peito aos joelhos. Fecho os olhos e respiro fundo, tentando desesperadamente não responder a sua proximidade, ao cheiro de madressilva misturado com melão que seu corpo exala, ao seu calor, aos seus seios apetitosos saindo tão altos da blusa que, se eu baixar a cabeça alguns centímetros, posso passar a língua por sua superfície carnuda.

Eu gemo e por fim levo as mãos a seus quadris. Ela sorri e aproxima os lábios dos meus. Praticamente posso sentir o sabor do café em seu hálito.

— Você está dizendo *não*? — pergunta.

Esse momento... o momento que eu provavelmente vou lamentar pelo resto da vida. O momento em que me ofereceram um banquete de delícias carnis, bem quando eu estava absolutamente *faminto* de atenção, de toque humano, do desejo de simplesmente deixar tudo desaparecer e me empanturrar. Me empanturrar de toda a beleza que Alexis está me oferecendo.

Mas a faca que Skyler cravou no meu coração ainda está lá, pingando sangue, dificultando minha respiração. A escuridão que envolve minha alma não está pronta para ir embora, nem mesmo por um momento de abandono.

Empurro levemente seus quadris para trás. Suas mãos caem do meu pescoço.

— Estou dizendo *não agora* — respondo e engulo em seco, como se tivesse poeira na garganta.

Ela ergue uma sobrancelha e sorri, sensual.

— Isso não é um *não*. Pela minha experiência, é um *talvez* oficial. Tudo bem, quando você estiver pronto para se divertir sem culpa... — ela se afasta e se dirige à porta, onde para e dá um tapinha no batente — conte comigo. — Dá uma piscadinha e me deixa ali parado com o coração sangrando.

Fecho os olhos, respiro fundo algumas vezes, vou até a porta e a tranco.

Onde foi que eu me meti? Preciso dizer a ela para parar com isso.

Eu deixei as coisas irem longe demais.

Por que fiz isso?

Porque eu sou fraco. Porque estou magoado. Pior: não sei como acabar com essa sensação de vazio dentro de mim. O velho eu estaria com Alexis nua e curvada em cima da mesa em dois minutos, no máximo. Mas este eu, este que ainda está apaixonado pela ex e não consegue se livrar da agonia de não tê-la mais, se encosta na porta, derrotado e entorpecido, antes de lembrar que ela mandou uma mensagem há cerca de meia hora. Pego o celular e leio:

Meu pêssgo

Sinto sua falta. Não sou mais eu sem você. Estou te esperando. Acho que vou te esperar para sempre.

— Caralho! — grito na sala vazia.

O desejo de destruir meu celular novo é tão forte quanto no momento em que estilhacei o antigo contra a parede da cozinha de Skyler.

Sinto a tensão aumentar sobre meus ombros. Começo a andar de um lado para o outro, feito um animal enjaulado.

Ela me enganou. Ela! Eu não a enganei.

Ela me traiu?

As perguntas são infinitas, correndo uma maratona em minha mente sem parar nem para tomar um gole de água. Sempre correndo e correndo, me deixando tonto, incapaz de pensar com clareza.

Tenho que encará-la, conversar, como os rapazes sugeriram. Kayla propôs isso, e mentiu tentando me ganhar de volta. Greg também. A mulher que eu amava e o homem em quem eu confiava me traíram anos atrás, e depois fizeram inúmeras tentativas de consertar as coisas e me levar a perdoar seus pecados com desculpas e racionalizações.

Bom, não vou cair nessa com Skyler.

Ela me traiu!

Com a raiva pulsando forte dentro de mim, digito uma resposta:

Parker Ellis

Pare de me escrever. Acabou. Você me traiu. Chega. Fim da história.

Leio e releio a mensagem. A faca fincada em meu coração se retorce, afundando mais um centímetro. Minha boca saliva, e mais uma vez quero vomitar. Respirando fundo várias vezes, consigo controlar a raiva.

É isso. Você está dizendo adeus. Basta clicar em “enviar”. Você consegue. Está na hora. Esqueça. Liberte-a.

Reunindo todas as minhas forças, clico em “enviar”.

Meus olhos ficam embaçados e eu os esfrego com o punho.

Eu amo Skyler, mas ela nunca foi minha.

Meu celular vibra, e jogá-lo contra a parede está realmente começando a fazer muito sentido — com todos os contatos de negócios, e-mails, trabalho e tudo o mais.

Meu pêssego

A nossa história nunca vai acabar. Eu não te traí. Estou vendo que você precisa de mais tempo.

Ela não me traiu.

Trair.

Trair.

A palavra TRAIR preenche cada centímetro da minha mente e toma meu corpo, empurrando a faca mais fundo no meu coração sangrento.

— Mentirosa de merda! — grito, jogando o celular com tanta força na parede de aço que ele se estilhaça em pedacinhos vermelhos, como respingos de sangue.

A capinha que comprei no aeroporto não ajudou a proteger o celular da minha raiva. Vou até o aparelho e o pisoteio até que não reste nada além de cacos no piso de concreto.

— Você é uma mentirosa. Uma traidora sem-vergonha, como a Kayla. Como o Greg. Como todas as malditas mulheres!

Desabo no sofá de dois lugares encostado em uma das paredes e apoio a cabeça na mão.

— Só pode ser mentira — digo, balançando a cabeça e deixando a tristeza entrar, invadindo meus pensamentos.

Ela está tentando se defender. Mas por quê? Por que faria isso? Por que ela está lutando? Skyler é uma beleza rara. Tão perfeita na vida real quanto na tela. Com ela, o que se vê é o que se tem. Seu corpo, seu rosto deslumbrante, sem precisar de maquiagem. Mas maquiagem nenhuma pode apagar a escuridão do seu coração. Sinto um calafrio.

— Que motivação ela tem? — Meus lábios estão secos. Começo a andar de novo.

Kayla precisava que eu cuidasse dela. Eu era sua galinha dos ovos de ouro. Sua família tinha dinheiro, sem dúvida, mas seu pai queria que ela se casasse e virasse problema de outra pessoa. E eu me candidatei, levantando a mão e gritando: *Eu! Eu! Eu!* Só que me candidatei ao amor, a uma mulher com quem pudesse contar para tudo, para me apoiar na vida, construir uma família, batalhar em parceria pelas coisas que sonhamos ter juntos.

Kayla só queria dinheiro e o estilo de vida ao qual já estava acostumada. O homem não importava, por isso ela estava trepando comigo e com meu melhor amigo. Também por isso ela lutou tanto por mim e não por Greg. Porque Roy e Bo me apoiaram, expulsaram Greg da nossa sociedade e da criação da

agência, o que significava que ele teria que arrumar um emprego e trabalhar duro para ganhar dinheiro. Isso levaria tempo, e Kayla não era burra. Com Royce administrando nossas finanças e carteiras de investimentos, nós já estávamos quase milionários. Kayla queria um pedaço desse bolo e arriscou. Mas perdeu.

Acho que no fim eu me dei bem, porque me liberei de me comprometer com uma interesseira. Claro que eu não senti isso na época. Parecia que estava perdendo alguma coisa.

A questão é: Skyler tem cem vezes mais dinheiro que eu. O que ela poderia querer? Por que está lutando tanto para salvar a nossa relação?

Com tantas emoções e tanta raiva, a resposta não vem. Passo meia hora tentando me recompor e então chamo o primeiro funcionário que preciso entrevistar.

É hora de pôr a cabeça no lugar, deixar de lado tudo o que está tentando me controlar e me concentrar no trabalho.

Concentre-se no trabalho.

Concentre-se no trabalho.

Repito o mantra em minha mente algumas vezes antes de o primeiro funcionário entrar na sala. É a assistente de Alexis, uma mulher tímida chamada Molly. Parece uma bibliotecária dessas que ficam com a cabeça enfiada nos livros em vez de viver a realidade. E só pela linguagem corporal posso dizer que ela tem medo de perder o emprego. Vai ser uma entrevista rápida.

Ela não é nossa espiã.

4

Sinto os olhos embaçados quando a sonolência invade minha mente. A sala é muito confortável. Até as cadeiras ao redor da mesa circular são de couro macio, tão macio que meu corpo afunda. E as cadeiras também balançam, algo não exatamente propício para trabalhar, e sim para relaxar ou tirar uma soneca.

Do outro lado da mesa há uma televisão e um sofá de dois lugares. Fico surpreso por não haver uma lareira aqui. Parece uma pequena sala de estar e jantar. As paredes são pintadas de bege suave, com estampas de bom gosto e pinturas meticulosamente distribuídas. Ela transformou um galpão em algo parecido com um home office, que abriga vinte e dois funcionários, cada um com seu próprio espaço aconchegante. Acho que Alexis desafiaria o Google em uma batalha para ver quem tem o melhor ambiente de trabalho.

Pisco forte algumas vezes e levanto para me movimentar. Então, noto um gato amarelo andando por uma viga de madeira do lado de fora da sala, cuja porta deixei aberta. Ele me encara momentaneamente de cima de seu poleiro e eu me pergunto como uma mulher ocupada feito Alexis pode cuidar de um gato. Eu mal posso cuidar de mim mesmo, muito menos de um animal de estimação. Não paro em casa. Até as plantas que ganho de presente acabam no lixo depois de algumas semanas de negligência.

O gato pula e entra na sala como se fosse dono do lugar. Sobe no braço do sofá e depois no encosto, se aproximando casualmente de mim. Quando está a um passo de distância, para, olha diretamente para mim e mia.

Estendo a mão.

— Que foi, garoto?

Ele esfrega a cabeça em minha palma, pedindo carinho. Entro na dele. Quem não entraria? É uma coisa fofa e peluda esfregando a cabeça em mim. Faço alguns carinhos nele e coço sua orelha. Ele começa a ronronar melodicamente.

Uma voz interrompe a mim e a meu novo amigo peludo.

— Vejo que já conheceu o Spartacus.

Eu me volto para o homem parado à porta.

— Parece que sim. — Paro de acariciar o gato e estendo a mão boa. Ele a aperta.

— Kidd Stanton. Eu sou o próximo da lista de entrevistas — diz, solícito.

Alexis definiu que a última pessoa entrevistada notificasse a próxima da fila.

— É isso aí. Entre, sente-se.

Pego sua ficha na pasta que está na mesa, bem como meu tablet, que contém as informações que Wendy levantou sobre cada funcionário. Li tudo durante o voo, de modo que sei o que diz em sua “outra” ficha. A grande surpresa foi descobrir que Alexis pediu a guarda de Kidd quando ele tinha quinze anos e seus pais não contestaram, abrindo mão de seus direitos sem nem sequer pisar no tribunal.

Kidd se senta a minha frente. Parece perfeitamente à vontade aqui. Provavelmente porque sabe que a irmã nunca o demitiria.

Ele dá de ombros e começa a falar antes de mim:

— O que você quer saber, cara? Eu sou um livro aberto.

— Me fale sobre o que você faz aqui.

— Eu lidero a equipe de programação e análise. Sob o olhar atento da Alexis, é claro. — Ele dá uma risadinha.

— Claro. — Sorrio, tendo o cuidado de manter a conversa descontraída e minha linguagem corporal relaxada.

— Eu faço programação sob a orientação da Lex desde os quinze anos, ou seja, faz uns oito anos, como diz a minha ficha. — Indica com o queixo o impresso que tenho a minha frente. — A Lex me contratou quando eu terminei o ensino médio. Eu não tirei as notas necessárias para fazer faculdade, nem queria, de qualquer maneira.

— E você aceitou o emprego.

— Como um bêbado aceitaria cerveja. — Ele ri com vontade.

Esse rapaz sorri muito, parece tranquilo e tem uma natureza feliz. Suas feições imitam as da irmã. Cabelo loiro, olhos azuis. Seu cabelo é mais um loiro sujo que dourado. Ele tem uma barba rala e uma argola prateada na orelha esquerda. Tatuagens cobrem os antebraços, representando imagens diversas: um leão em um, uma espada no outro. Um coração vermelho adorna seu antebraço esquerdo, com a palavra “LEX” em letras maiúsculas grossas no centro.

Aponto para as tatuagens.

— Legal.

Ele puxa as mangas para mostrar mais obras de arte.

— Sim, eu tenho orgulho delas. Eu mesmo desenhei cada uma. É um hobby.

Olho mais de perto e noto as cicatrizes horizontais debaixo da tinta, perto da curva do cotovelo. Não digo nada, primeiro porque seria altamente inapropriado, e segundo porque às vezes a pessoa precisa ter seus segredos. As feridas parecem antigas, o suficiente para que a tinta sobre elas esteja um pouco desbotada. Meu palpite é que ele se machucou quando era adolescente, antes de ter idade para cobri-las com tinta.

— Lex? — pergunto, indicando o coração vibrante vermelho-sangue.

Seu sorriso, antes feliz e despreocupado, agora é sensacional, inspirado.

— Minha irmã. Alexis, a chefona.

Sorrio.

— Você tatuou o nome da sua irmã no braço?

Ele anui com alegria, sem frescura, superfeliz.

— Com certeza. Eu sei que parece estranho, mas a minha irmã é tudo pra mim. O meu coração inteiro. Sem ela, cara, eu não seria o que sou hoje. Provavelmente estaria na cadeia, ou morto de tanto brigar.

Sem ela, eu não seria eu.

Não sou mais eu sem você.

Fecho os olhos enquanto as palavras de uma das últimas mensagens de Skyler voltam para me assombrar. Calafrios percorrem minha coluna. Aperto os dentes e respiro fundo ao sentir a dor que essas palavras causam. Seguro o lápis com tanta força que o quebro ao meio.

— Uau. Você tá bem? — Kidd pergunta, franzindo a testa.

Pisco algumas vezes.

— Estou com dor de cabeça, desculpe. Deve ser da viagem. Mas estou bem, pode continuar. — Pego a garrafa de água que me levaram antes e bebo metade de uma vez.

— Bom, como eu estava dizendo — bate o dedo no coração tatuado —, a minha irmã é como uma mãe e a minha melhor amiga, tudo junto. Nós somos muito unidos. Eu fiz esta para ela quando completei dezoito anos. Olha, se eu levar o braço até o peito — imita suas palavras, aproximando o braço esquerdo do peito com a face interna para dentro —, ele toca o meu coração. É onde ela sempre vai estar.

— Isso é forte — comento, ainda abalado pelas palavras dele, semelhantes à mensagem de Skyler.

Kidd se recosta e balança a cadeira. Parece não ter nenhuma preocupação no mundo.

— Eu acho. Enfim, por que você está aqui? Nós não estamos com problemas de dinheiro nem de produtividade. A Lex teria me avisado. Não escondemos muita coisa um do outro.

Em uma fração de segundo, decido lhe contar meia-verdade, já que não percebo absolutamente nada como nervosismo ou medo nele. Talvez porque ele seja inocente de qualquer delito, ou um mentiroso muito bom que está usando seu relacionamento com a irmã contra ela.

— Bom, então você sabe que os últimos três produtos vazaram e foram lançados antes pelo concorrente direto da Stanton Cibertecnologia.

Ele franze a testa.

— Sim... Um bando de idiotas, todos eles.

Aperto os lábios.

— Enfim, nós precisamos descobrir o que está acontecendo na área de produção. Talvez algo esteja vazando para o público sem que ninguém daqui perceba.

— Ou talvez exista um espião na empresa — ele sugere.

Interessante ele falar disso primeiro.

— O que te daria essa impressão?

Ele enrug o nariz, e sua felicidade se dissipa instantaneamente.

— A programação e a parte de segurança são feitas inteiramente pela Lex e por mim. Somos os únicos que conhecem o sistema completamente, porque criamos a coisa do zero. O restante da equipe cria novos códigos e programas para trabalhar dentro do sistema, mas nunca ninguém conseguiu passar pelo firewall que criamos.

— E se tivesse um espião no sistema, você tem alguma ideia de quem poderia ser? Funcionários novos, qualquer coisa pode ser útil para descobrirmos como a sua irmã, o seu legado... — acrescento para ver como reage, mas ele simplesmente anui e olha longe — estão sendo prejudicados. Tem alguém que te cause uma sensação estranha? Você suspeita que alguém tenha algum rancor aqui dentro?

Kidd sacode a cabeça.

— Tem uma menina nova, Wendy Pritchard, mas ela acabou de chegar. Não tenho razão para suspeitar dela. Nós temos pouca rotatividade. Acho que não contratamos ninguém novo, tirando a Wendy, há mais de dois anos.

Wendy Pritchard.

Parece que a ninfa da minha empresa adotou o sobrenome do noivo. Aposto que ela está adorando. Deve ter criado uma vida inteira em torno do nome também.

Eu assinto e me levanto.

— Se você lembrar de alguma coisa, eu vou estar aqui a semana toda avaliando os processos e o fluxo de trabalho, e também a produtividade de cada funcionário, na esperança de descobrir como a informação está vazando. Tenho certeza de que é seguro dizer que o seu emprego está garantido.

Ele sorri, e a felicidade com que entrou volta. Kidd me oferece a mão e me dá um tapinha no braço.

— Ei, se você precisar de companhia para sair depois do trabalho, beber alguma coisa, conhecer um pouco de Montreal, é só falar. Eu conheço um bar legal chamado Brutopia. Tem cervejas ótimas, boa comida e muitas vezes umas bandas ao vivo excelentes, se você gostar. A minha garota e eu íamos adorar te levar para dar uma volta.

— Sua garota?

— É, minha noiva. Eu pedi a minha namorada em casamento faz alguns meses. Foi a melhor decisão da minha vida. Ela adora a minha irmã, parecem

duas menininhas quando estão juntas, só rindo. E ela vê a Lex como uma irmã mais velha. Não vejo a hora, cara. A gente vai casar no próximo verão, quando o tempo estiver melhor. Em Old Quebec.

— Uau, casar.

Casamento. Ele já encontrou a mulher com quem quer ficar para sempre. E eu? Estou chegando aos trinta e acabei de perder o amor da minha vida. Sinto um vazio por dentro que faz minhas entranhas revirarem.

— Quantos anos você tem mesmo? — pergunto, com a voz rouca.

— Vinte e três. Inteligente o bastante para saber que, quando eu tenho uma coisa boa, devo segurar firme e não deixar escapar. Ou então sou imbecil o suficiente para ser apressado. Eu e ela não ligamos. Nós somos almas gêmeas.

Almas gêmeas.

Eu pensei que Skyler fosse minha alma gêmea. Sinto uma dor súbita, como se um raio atingisse meu estômago, e passo o braço em volta de mim, protetor, tentando respirar para acalmar a dor.

— Você tem alguém? — ele pergunta, abrindo um sorriso. — Ah, claro que sim. Um cara bonitão como você...

Sacudo a cabeça.

— Na realidade — engulo em seco —, nós estamos terminando.

Ele se aproxima e aperta meu biceps.

— Que merda... Vai dar tudo certo. Se ela for a mulher certa, vocês vão superar.

Eu devia encerrar o assunto, voltar para o âmbito profissional, mas algo dentro de mim está gritando, e eu tenho que perguntar:

— O que você acha que faz dessa mulher a sua alma gêmea?

Kidd franze os lábios e esfrega o queixo.

— Bom, eu amei outra garota antes. Tive que terminar com ela para focar no trabalho. Eu era meio doidão na época e não ligava para as responsabilidades que a Lex tinha me dado. O meu trabalho estava sendo prejudicado, a minha vida estava de cabeça para baixo e eu odiava o caminho que estava seguindo. Passei os anos seguintes me concentrando no trabalho, até conhecer a Victoria. Ela só acrescenta à minha vida, não tira nada dela.

— Entendi. Ela acrescenta alguma coisa à sua vida, ao contrário da primeira com quem você terminou?

Ele sacode a cabeça enfaticamente.

— Não... É que a Eloise queria todo o meu tempo e a minha atenção. Eloise é a minha ex.

Assinto, prestando atenção, como se suas palavras fossem as últimas que vou ouvir. Só não sei por quê.

— A Victoria se encaixa, sabe? Tipo a última peça do quebra-cabeça. Ela simplesmente se encaixa. E me completa. Quando estou triste, ela me anima. Quando estamos longe, sinto a falta dela bem aqui, cara — aponta para o peito —, aqui dentro. Mas eu sei que ela está pensando em mim e eu nela. E, quando estamos juntos, é muito bom.

Passo a mão na nuca, massageando a tensão sempre presente, de que não consigo me livrar desde que saí de San Francisco.

Kidd caminha até a porta.

— Acima de tudo, eu não consigo imaginar o meu mundo sem a Vic. É como com a Lex. Ela é essencial para quem eu sou agora. Eu gosto da pessoa que sou quando estou com ela. Ela me faz ser quem eu sou.

— Legal, cara. Segure firme e não deixe essa menina escapar. Pela minha experiência com as mulheres, posso garantir que um amor como esse é raro.

Praticamente inexistente. Mas não acrescento isso, porque ele não merece que eu estrague sua felicidade.

— Eu sei. É por isso ela vai ser minha legalmente — ele diz, arqueando as sobrancelhas.

Sorrio. Ele dá um tapinha no batente da porta, do mesmo jeito que sua irmã fez hoje cedo, antes de sair. Olho para o gato, que agora está dormindo empoleirado na borda do sofá.

— O que você acha, Spartacus? Alma gêmea é bobagem?

O gato abre os olhos, olha para mim incisivamente e os fecha de novo.

— É, foi o que eu pensei. Bobagem total. Mas eu desejo boa sorte a ele. O Kidd parece ser um cara legal.



Acabo de me sentar na cama e deixar o corpo cair no colchão quando a porta que liga meu quarto de hotel ao do lado se abre e Wendy entra.

— Caramba! Dois celulares em menos de uma semana? — ela diz, com voz estridente e irritante.

— Caiu sem querer, tá?

Ela faz cara de quem não acredita.

— Caiu, sei... Se fosse o caso, ainda estaria funcionando, chefe, não quebrado em mil pedaços para o zelador ter que aspirar quando for fazer a limpeza à noite. Você deu sorte de eu ter ido lá depois que saiu. Eu peguei o chip. Mais sorte ainda é que ele deve ter ricocheteado na parede, porque eu o encontrei preso no tapete, longe do celular pisoteado. E também deu sorte por eu sempre carregar um telefone de reserva na bolsa.

Isso chama minha atenção.

— Você carrega um celular reserva?

— Sim. — Ela sorri e me entrega uma réplica exata do meu último iPhone, mas com uma capinha de borracha.

Passo a ponta dos dedos sobre a superfície rugosa. O telefone parece envolto em dois centímetros de material.

— Que porra é essa?

Wendy responde, colocando a mão no quadril:

— É uma OtterBox. É grossa, para pessoas que trabalham em construção, que deixam o celular cair de grandes distâncias etc. Imagino que, se os caras conseguem derrubar o celular de dois andares e ele sobrevive, este aqui deve sobreviver se for jogado na parede. A sua mãe me contou que você jogava beisebol na escola, mas, Parker, este é o terceiro. Dá um tempo, tá? Você está desperdiçando dinheiro, trocando de celular por motivos que a garantia não cobre.

Bufo alto e ela pisca, imperturbável.

— Eu não vou usar isso. — Devolvo o aparelho. — Tire essa porcaria de capa. Essa coisa não vai caber no bolso da minha calça.

Wendy inspira forte e suspira mais alto ainda quando pega o celular da minha mão.

— Tudo bem.

Como se estivesse preparada para minha recusa, ela pega uma capa de metal elegante no bolso de trás. Observo enquanto ela tira a capa de borracha à

prova de quedas, coloca a bonita e guarda a outra. Então me entrega de novo o telefone.

— Já está com seus contatos, mensagens, correios de voz e e-mails de novo.

— Você sabe a minha senha do iCloud?

Ela ri baixinho.

— Querido, eu sei a senha do seu cartão de débito. Com certeza eu conseguiria abrir o seu armário da academia mais rápido que você. Nunca subestime as minhas habilidades. Além disso, você me assustou quando perdeu o controle hoje. Eu tive que fingir que estava procurando um banheiro para ter certeza de que você estava naquela sala de reuniões.

— Wendy, você precisa parar de se preocupar com a gente. — Sinto culpa e fico mais angustiado do que já estava.

Ela cora e estreita os olhos.

— Toda vez que você fica nervoso, faz alguma coisa insana. Destrói o celular, soca a parede... E da próxima vez? Vai pular de uma ponte? Esse seu comportamento é perturbador para quem gosta de você. Eu posso ser sua assistente, mas também sou sua amiga e me preocupo com você como se fosse da minha família. Esse caminho em que você está é perigoso e destrutivo.

— Desculpe. Não vai acontecer de novo. — Mas não tenho certeza de que não vai mesmo.

— Pedir desculpa não adianta nada, Parker. Nós três estamos preocupados com você. Tanto que eu li as mensagens da Skyler. Se quiser me demitir por invadir sua privacidade, tudo bem, eu entendo. — Noto que seu peito sobe e desce, como se estivesse sem fôlego. Ela deve estar com medo de perder o emprego, mas sinceramente não me importo.

Deixo cair os ombros e deito na cama, olhando para o teto branco — um vazio, assim como minha vida sem Skyler.

— Eu não vou demitir você.

Ela se senta na cama e levanta os joelhos, onde descansa o queixo. Sky fazia isso o tempo todo. Deus! Por que não posso esquecer essa bendita mulher por um dia? Que inferno, eu me contentaria com meio dia... uma hora, até.

Wendy sorri.

— Que bom. Isso significa que podemos conversar sobre o que ela escreveu? — pergunta, com esperança na voz.

— Não — afirmo, categórico.

— Parker, ela disse que não te traiu. Está *implorando* para falar com você. Que droga, ela está implorando para falar *comigo*, e eu estou ignorado as mensagens dela. E você sabe como isso é difícil para mim. Tudo o que eu sempre quis foi um monte de amigos e uma família grande. Primeiro eu encontrei o Mick. Agora tenho vocês. E por um tempo tive uma nova melhor amiga.

Ótimo. Agora estou magoando Wendy por causa do meu relacionamento fracassado.

— Chantagem emocional não combina com você, abusada — digo secamente, esfregando os olhos cansados.

Ela joga os joelhos para o lado e pousa a mão no meu ombro.

— E fuga não combina com você.

— Eu não estou fugindo de nada. Ela me traiu.

Por que tenho que ficar lembrando a todos que eu é que sou a vítima? Sky pisou na bola *comigo*. Igual a Kayla. Igual a todas as mulheres com quem acabo me envolvendo.

— Ela disse que não. — Dá de ombros, como se não estivéssemos falando da mulher a quem entreguei meu coração e minha alma.

Inspiro profundamente.

— E você acredita nela. Mesmo ele tendo dito que os dois reacenderam o relacionamento, e mesmo ela estando lá. Ela passou a noite com ele, Wendy, não tem como negar isso.

— Eu acho que você quer acreditar que ela pisou na bola. Por quê?

— Porque ela pisou! — Eu me sento e encaro Wendy. — Eu estava prestes a me declarar, ia dizer que amava a Skyler!

Ela ofega e seus olhos se enchem de lágrimas. Estende a mão para meu joelho dobrado.

— Park...

Empurro a mão dela. Não quero dó ou consolo.

— Não. Eu fui direto para Nova York para ficar com a mulher que eu amava. Para dizer pessoalmente que estava apaixonado e que eu e a minha equipe íamos resolver o problema dela com o ex. E o que eu encontrei?

Uma lágrima desliza pela face perolada de Wendy.

— Um apartamento vazio. Uma cama vazia onde deveria estar a mulher que eu amo! Daí, eu acordo com o ex dela no meu ouvido e escuto a voz da Skyler no fundo. O que você acha, Wendy? Como mulher. Que motivo você teria para ainda estar no quarto do seu ex de manhã, hein? Diga.

Outra lágrima cai.

— Não sei. A única coisa que eu sei é que reconheço quando uma mulher está apaixonada. E a Skyler está apaixonada por você. Todos nós vimos isso no Lucky's. Eu vi isso nos seus olhos e nos dela. Uma mulher apaixonada não trai. Uma mulher legal não faria isso. E a Skyler é uma mulher legal, Parker, senão você não teria se apaixonado por ela!

Eu me levanto e passo pela sala antes de ir até o bar e me servir dois dedos de uísque.

— Quer?

— Sem dúvida. Ninguém deve beber sozinho.

Sirvo dois dedos para ela e lhe entrego o copo. Ela vira tudo de uma vez, com a maior firmeza.

— Puta merda! — Estende o copo. — Mais um. Desta vez vou degustar. Eu gosto de começar virando.

Risos me escapam. Não imaginei que pudesse rir agora nem se minha vida dependesse disso, mas essa mulher magrinha, que parece uma fada com seu sorriso largo e fácil e seu cabelo vermelho-fogo que brilha com a luz, provoca isso em mim.

Sirvo outro e o entrego a ela. Ela bate o copo no meu.

— Vai dar tudo certo — diz, com tanta sinceridade que quero acreditar.

— Você acha mesmo? — Bebo um gole de uísque e o deixo queimar meu estômago como uma trilha de fogo, mas ele parece não se acalmar.

Ela pousa seu olhar no meu.

— Se você tomar coragem e conversar com ela, acho sim.

Sacudo a cabeça.

— Eu não estou pronto para isso.

Ela endireita os ombros e as costas.

— Bom, quando estiver, pode contar comigo — diz instantaneamente.

Abro um sorriso suave. Quero que ela saiba que valorizo sua amizade, mais do que consigo expressar agora.

— Não tenho dúvida — declaro, permitindo que as palavras entrem no meu coração e puxem a adaga um centímetro para fora.

Ela sorri.

— Irmã é pra essas coisas, né? Para te ajudar com as mulheres, para te avisar quando você estiver no caminho errado, para chamar a Sky de amiga, para te alertar quando você estiver sendo um idiota.

Mais uma vez, o riso surge e vem para a superfície.

— E... Park? — ela murmura antes de beber seu uísque.

— O que é, abusada?

— Você está sendo superidiota.

5

— Alexis, não existe nada na parte financeira que indique qualquer tipo de fraude. A nossa garota analisou as finanças de todos os funcionários, e nenhum deles apresenta flutuações dignas de atenção — Royce diz, suspirando e deixando o tablet na mesa de centro na sala dela.

Ela pega o dispositivo e observa cada documento.

Foram dois dias com Royce checando as finanças da Stanton Cibertecnologia e eu entrevistando dezesseis funcionários, o que não deu em nada.

Alexis inspira fundo e solta o ar com um gemido pelos lábios pintados de vermelho. Hoje ela está deslumbrante. O cabelo dourado está preso em um coque bagunçado, e seus lábios têm um brilho vermelho-cereja que combina com o macacão de seda vermelho. Nos pés, usa as mesmas sandálias de salto alto de quando nos conhecemos em Boston. Lambo os lábios e percebo que as unhas de seus pés combinam com a roupa, pintadas de vermelho-bombeiro. Ela é puro sexo.

Assim que esse pensamento surge, Alexis pousa a mão na minha coxa e se inclina para a frente.

— O que você acha, Parker?

Limpo a garganta, pego a mão dela e a tiro da minha coxa o mais sutilmente possível, pousando-a na almofada do sofá, entre nós.

— Odeio dizer isso, mas quem está fazendo isso com você não está ganhando um centavo. Ou talvez não trabalhe aqui.

Ela franze a testa.

— Eu pensei que, como os vazamentos estão enriquecendo o meu concorrente, nós iríamos encontrar a fonte aqui.

Passo a mão na perna da minha calça, alisando as rugas.

— Teoricamente, faz sentido. Mas precisamos conversar com a Wendy para ver se ela descobriu alguma coisa nos bastidores sobre a programação. Talvez saibamos mais sobre possíveis vazamentos se descobirmos quem está usando o sistema para criar vírus e manipular o seu código para gerar erros. Eu posso chamar a Wendy para uma entrevista como todo mundo e conseguir algumas respostas.

Ela anui.

— Está bem. Acho que é um passo na direção certa. Royce, tem certeza de que não achou nenhuma discrepância?

Ele confirma, se recosta na cadeira e descansa o tornozelo no joelho oposto.

— Lamento. Eu revirei tudo, para não falar da revisão das contas pessoais, poupança e investimentos de cada funcionário. Alguns estão se dando bem no mercado de ações, mas a maioria vive do salário, que aliás eu considero bastante generoso.

Ela sorri e pisca para ele.

— Eu gosto de ter certeza de que o meu pessoal está feliz.

Ele limpa a garganta e ajusta a gravata.

— Isso é óbvio. E você faz as coisas direitinho.

Alexis volta seu olhar para o meu.

— É o que dizem — diz, lambendo os lábios de um jeito sedutor.

Tenho que me segurar para não apertar os dentes e mandá-la parar com isso. Algumas pessoas são diretas, mas outras são *atrevidas* demais. Sem querer parecer um pré-adolescente bobo, estou ficando meio cansado das insinuações e frases de duplo sentido de Alexis. Parece um cachorro com um osso. Depois que vê, não larga mais. É como se conseguir me pegar fosse um desafio que ela tem que vencer. Imagino que uma mulher como ela não seja rejeitada com frequência — se é que foi alguma vez. Isso me faz pensar que ela pode nem perceber que está jogando. É como uma batalha. Ela consegue levar o homem que deseja para a cama, e depois? Não vai ganhar um troféu ou um prêmio. Como o jogo acaba?

— Muito bem. — Royce se levanta. — Eu vou voltar para o departamento financeiro e ver o que mais posso conseguir, se é que tem alguma coisa. O Bo deve chegar a qualquer momento.

Nesse instante, alguém bate na porta da sala.

— Lexie, Bogart Montgomery está aqui para a reunião das três — sua recepcionista informa, recatadamente.

Royce caminha até a porta e contorna Bo como se não o conhecesse.

— Com licença.

— Claro. — Bo se afasta para o lado enquanto Roy acessa o corredor.

Bo se volta para mim e Alexis. Arregala os olhos e, sem pressa, observa descaradamente nossa cliente, da cabeça aos pés e dos pés à cabeça.

Deixo cair os ombros, como se mãos robóticas de metal os empurrassem. Vai ser foda. Já posso sentir o drama de Bo interessado em Alexis. A tensão envolve minhas costas e meu pescoço, retesando meus músculos.

— Hum... oi, linda. — Ele fecha a porta atrás de si e vira para Alexis com a mão estendida.

Ela pousa a palma da mão na dele e ergue uma sobrancelha, nada impressionada, enquanto ele se inclina e lhe beija a mão.

— Estou acordado? — ele continua. — Porque você parece o meu sonho que se tornou realidade.

— Devagar aí. Esta é a nossa cliente, Alexis Stanton — aviso.

— Nome sexy para uma sereia — ele ronrona, ignorando meu aviso.

Afff. Pressiono as têmporas com o polegar e o indicador.

O rosto de Alexis assume uma expressão de confiança.

— Agora sim. Esse é o tipo de homem com que estou acostumada a lidar — ela diz, cruzando os braços sobre o peito voluptuoso e empurrando os seios ainda mais para cima.

— Ignore. É o que nós fazemos — digo, acenando com a mão enfaixada.

Bo alisa o cavanhaque. Ao fazer isso, as fivelas de sua jaqueta de couro tilintam.

— Bo, para te atualizar rapidamente, o Royce não localizou nada nas finanças de nenhum funcionário para concluir que algum deles esteja sendo pago para fornecer informações. Eu não encontrei nada nos dezesseis funcionários que entrevistei, mas tenho mais sete, incluindo a Wendy. Nada do

que eles disseram, nem as respostas às minhas perguntas, sugere que estejam insatisfeitos ou sejam indiferentes em relação à Alexis e à Stanton Cibertecnologia. Todos trabalham aqui com entusiasmo e parecem confusos de verdade em relação aos produtos que vazaram. Parece que você é mesmo uma chefe incrível — digo, fazendo um gesto respeitoso, tentando me certificar de que não haja nem um pinga de insinuação em minha voz.

Ela sorri e morde o lábio inferior carnudo.

— Eu sou incrível em muitas coisas quando tenho oportunidade.

Bo geme.

— Uau! Uma mulher como eu. — E, em um movimento dramático, leva a mão ao coração.

Ignoro os dois e continuo contando minhas descobertas:

— Também revi os testes do detector de mentiras, e todos passaram sem problemas.

Bo sorri enquanto se acomoda na cadeira em frente a Alexis, sem tirar os olhos dela.

— É fácil passar pelo detector de mentiras. O tempo todo os tribunais rejeitam evidências de polígrafo porque não são confiáveis. Você é muito melhor para ler as pessoas do que um detector. Na minha opinião, pelo menos.

— Obrigado. Ainda assim, nós estamos na estaca zero. Você é o próximo, amigo. Quando a Alexis te levar a uma sala com uma grande parte dos funcionários para trabalhar no seu aplicativo, comece a sondar o pessoal. Você sabe o que fazer.

— Eu sempre sei como lidar com as pessoas, mental e *fisicamente*. — Ele abre outro sorriso. Seu tom de voz está cheio de insinuações, apontando diretamente para Alexis.

Suspirando, eu me levanto e vou até a porta.

— Bom, vou voltar a minha sala para terminar as entrevistas.

— Beleza. Achei que nunca ficaria sozinho com a mulher mais linda do mundo — ele responde, com um olhar lascivo e um sorriso largo.

Bom, talvez com Bo aqui, Alexis receba uma dose do seu próprio veneno. Não seria nada mau. Se o foco dela for ele e não eu, não vou ter mais que me preocupar com essa mulher tentadora e sexy atrás de mim. Não que eu não possa encarar... Talvez, provavelmente. Eu rejeitei suas investidas até agora, o

que significa que, no jogo dela, estou ganhando. Imagino que ela não esteja acostumada com isso, o que é quase uma vitória dupla para mim.

Alexis ri alto, levanta e vai abrir a porta para mim.

Olho para Bo, que foi para o sofá e está com os dois braços estendidos no encosto, pernas abertas, se acomodando como se fosse assistir a um jogo de futebol.

— Ele é inofensivo. Atrevido, mas inofensivo. Coloque-o no lugar, se for preciso — oriento.

Ela segura minha gravata e passa a mão por todo o comprimento, roçando meu peito com os dedos. Ondas de calor se espalham de onde seus dedos me tocam e por toda a minha pele, se acomodando entre minhas coxas. Meu pau percebe, se erguendo a meio mastro. Olho para seus lábios cor de cereja e me pergunto por um breve momento se teriam o gosto dessa fruta succulenta. Tudo bem, talvez ela esteja ganhando o jogo neste momento.

— Eu gosto de atrevimento. O que eu quero saber é quando *você* vai gostar da ideia de nós dois juntos — lança, pousando a mão na minha cintura e se inclinando contra meu corpo.

Nós dois.

Essas duas palavras são como jogar um balde de água gelada sobre a minha cabeça, apagando a fagulha de tesão que estava brotando dentro de mim.

O único “nós dois” que posso imaginar é com Skyler. Nós conversamos muito sobre sermos “nós dois”, “eu e você”. E agora ela se foi. Nós terminamos.

Sinto um nó estômago e aperto os dentes. Se essa dor e a sensação de estrangulamento continuarem, vou precisar ir ao médico quando voltar para casa.

O mais educadamente que posso, faço Alexis recuar.

— Não posso. Sinto muito.

— Mas... — ela começa a pressionar, e então, do nada, uma grande mão segura o ombro dela.

— Ele realmente *não pode*, linda. Já eu... — Bo sorri e ela gira o ombro, se livrando da mão dele. Ele recua com as palmas para cima, em um gesto de rendição. — Tudo bem, tudo bem. Estou vendo que o meu charme não está funcionando. Só que com o Park, querida, você está batendo na porta errada.

Olho para ele e estremeço.

— Fique na sua. Eu tenho tudo sob controle.

Ele dá de ombros e volta para o sofá, onde cai como um saco de batatas. Concentro a atenção em Alexis.

— Por quê? — ela sussurra baixinho. Sua expressão passa a ser de preocupação, mas também posso perceber insegurança.

Mordo o lábio inferior e franzo a testa.

— É uma questão pessoal. Como eu disse, estou saindo de um relacionamento.

— Sabe o que as pessoas dizem? — ela murmura, quase ronronando.

Fecho os olhos, sabendo que ela vai dizer algo do tipo “a fila anda” ou “a melhor maneira de esquecer alguém é pegar outro alguém”.

— Uma noite de sexo sem culpa pode curar tudo — ela complementa, presunçosa. Qualquer partícula de insegurança desaparece em um instante.

Bo estala os dedos e levanta a voz para que ambos possamos escutá-lo:

— Eu já ouvi dizer isso e acredito cem por cento!

Inclino a cabeça para trás e rio diante dessa situação ridícula.

Eu lutando contra a atração entre nós.

Me sentindo culpado por ainda não ter conversado com Skyler sobre o que ela fez.

E desejando não estar nessa situação.

Se Skyler não tivesse pisado na bola comigo, eu conseguiria afastar Alexis com nada mais que palavras frias e a frase “relacionamento sério”. Mas seria bem feito para Skyler se eu fosse para a cama com Alexis.

Que inferno... eu poderia tirar fotos e enviar para ela. Ela gosta de mandar mensagens. “Aqui estão algumas fotos de mim com outra loira gostosa. Espero que você tenha se divertido tanto com o seu ex quanto eu com este mulherão.” Sim, isso é o que eu faria. Machucá-la do jeito que ela me machucou.

Acontece que pensar em Skyler sabendo que eu agi do mesmo jeito que ela faz meu estômago revirar e se contrair com tanta força que vou acabar enjoando. Não, eu sou melhor que isso. Não vou transar com qualquer uma só para irritar minha ex, ou quase ex, dependendo do ponto de vista.

Porra! Não posso mais pensar nisso. Tenho que trabalhar.

— Olha, é uma ótima proposta, Alexis, e em outras circunstâncias eu ficaria mais que feliz em aceitar a incrível experiência que eu sei que nós dois

teríamos. Mas não posso. Eu só... Não vai rolar. — Dou meia-volta e sigo pelo corredor, deixando Bo e Alexis para uma batalha dos sexos.

Quando volto para a minha sala, vejo Spartacus aninhado em minha cadeira.

— Ei, amigo, o que está fazendo?

Levanto o gato e o coloco no meu colo. Surpreendentemente, ele se enrola e apoia a cabeça no meio da minha barriga. Passo os dedos por seu pelo macio e aveludado.

— Você entende, né? Sabe como é amar tanto alguém que não consegue esquecer?

Spartacus boceja, abrindo bem a boca, e esfrega a cabeça no meu abdome. Seu calor e sua suave presença ronronante começam a fazer a tensão deixar meu corpo. A cada longa carícia em seus pelos, outro feixe de energia negativa me abandona, até que, por fim, fecho os olhos, me recosto na cadeira e, pela primeira vez na semana, consigo respirar fundo. Não sinto mais nenhum nó no estômago e estou em paz.

Porra.

Preciso de um gato.



Duas horas depois, já entrevistei outro funcionário e a sra. Wendy Pritchard está entrando em minha sala.

— Entre e feche a porta, sra. Pritchard.

Vejo seus lábios se contorcerem para segurar um sorriso. O cadeado que leva no pescoço brilha com a luz. Ela está usando legging azul-royal, botas de camurça, blusa xadrez preta e branca que chega até o meio das coxas e cinto amarelo nos quadris. Brincos prateados de argola nas orelhas e um batom cor-de-rosa suave nos lábios. Nas mão, luvas de redinha sem dedos.

Um ícone de estilo. Toda vez que vejo seu figurino, me pergunto se gosto ou não. Independentemente disso, sempre fica bem nela.

— E aí, chefe, como vai? — diz, se sentando e dando um giro completo na cadeira. Depois ela para e se segura na mesa.

Eu rio.

— Você sabe que eu te chamei aqui como se fosse uma entrevista normal para que possamos falar das merdas que estão acontecendo sem que os outros desconfiem, certo?

— Totalmente.

— E... sra. Pritchard? — digo, erguendo uma sobrancelha.

Ela sorri. Sua felicidade é como um raio de luz saindo do centro de seu peito e iluminando a sala.

— Não é incrível? O Sir Mick esquentou o meu traseiro por causa disso.

Franzo a testa.

— Por quê? Ele não gostou de você usar o sobrenome dele?

Ela sacode a cabeça e a inclina.

— Ah, não, ele *adorou*. Por isso me deu uns tapas. Recompensa. *Helloooo?*

Passo alguns momentos refletindo sobre essa informação.

Wendy franze os lábios.

— Ah, tudo bem. Eu esqueço que alguns de vocês são caretas. Tenho certeza que o Bo teria entendido a brincadeira. Mas eu não me atreveria a dizer isso pra ele. Ele ia passar a semana inteira me enchendo e inventando um monte de coisas relacionadas a tapas. — Ela geme. — Ele não cala a boca nunca. Às vezes eu tenho vontade de colocar uma mordaca nele e soldar as pontas para ele não conseguir tirar.

— Entendo.

Ela fica toda orgulhosa, como se não estivéssemos falando de tapas e mordacas. Quando foi que o meu relacionamento com Wendy mudou tão dramaticamente?

— Como nós não temos muito tempo, vamos direto ao assunto — digo, para obter as informações de que preciso.

— Tudo bem, chefe. Estou pronta.

Ela se senta na beira da cadeira, apoia os cotovelos e as mãos na mesa e espera que eu fale.

— O Royce não encontrou nada nas finanças. Eu não encontrei nada nas entrevistas, e só faltam alguns funcionários.

— Nem com o Kidd Stanton?

Eu me recosto na cadeira.

— O que tem o Kidd?

Ela inspira fundo e solta o ar, como se estivesse organizando os pensamentos.

— Eu andei analisando o código dele. Cada programador escreve de um jeito diferente, quase como se fosse uma impressão digital. Existem algumas particularidades que eu posso ver entre o modo como a Alexis e o Kidd programam. O trabalho dele não é tão avançado ou seguro quanto o dela, mas ele é muito bom.

— Tudo bem. O que mais?

— Com base na investigação que eu consegui fazer entre os projetos e o treinamento, encontrei pelo menos três coisas curiosas. Uma era um bug no sistema, que parece ter sido inserido ali. A programação corresponde ao estilo do Kidd. A outra era um código capenga... Esclarecendo: até mesmo os melhores fazem bobagem quando estão cansados e tal. Mas esse... — Ela sacode a cabeça.

— O quê? Fala logo.

Ela estremece.

— Esse parece intencional. Como se a pessoa quisesse escrever alguma coisa que atrapalhasse o sistema. Pior: é tão óbvio que até um técnico mediano perceberia. Tipo, tão amador que está escondido à vista de todo mundo. Faz sentido?

Eu me reclino na cadeira e bato o indicador nos lábios.

Por que Kidd Stanton escreveria um código ruim que sua irmã poderia encontrar facilmente?

Por que ele iria inserir um bug no sistema?

— Não faz sentido. Eu conversei com o sujeito. Ele tem o nome da irmã tatuado no braço.

— Sim, eu vi. Muito legal. Eu queria tatuar alguma coisa com o nome do Mick.

— Algo mais? Algum outro funcionário do departamento fazendo coisas estranhas?

Ela dá de ombros.

— Tem uma garota meio esquiva. Como se não gostasse de eu ter sido contratada. Até comentou que não sabia por que eu estava lá se ela podia facilmente cobrir o déficit do departamento.

— Quem é?

— Eloise Gagnon. Trabalha aqui há vários anos.

Folheio a pilha de fichas que sobrou em minha mesa e pego a dela.

— Essa eu ainda não entrevistei.

— Ela é meio estranha, mas pode ser que queira uma promoção e esteja chateada por eu ter sido contratada em vez de ela ser promovida.

Assinto.

— Possivelmente. Mas eu vou descobrir. Bom trabalho. Continue de olho nos outros programadores. Investigue os produtos que vazaram e analise a programação deles.

— Pode deixar. Esse seria mesmo o meu próximo passo — diz, passando os dedos pela franja.

— Tudo bem, pode voltar. Diga para essa tal Eloise que ela é a próxima.

Wendy empurra a cadeira para trás, mas não se levanta.

— Como você está hoje?

Encaro seus olhos azuis.

— Wendy... no trabalho não.

Ela parece desapontada, e suas bochechas ficam vermelhas.

— Desculpe... Eu só... Você ligou para ela?

— Não. — Suspiro.

Ela aperta os lábios.

— Eu não consigo fazer isso. — E mexe os dedos no colo.

— Fazer o quê?

Ela sobe e desce um ombro.

— Ficar de boa sabendo que você está errado. E que está sofrendo. Eu odeio isso. Odeio demais, porque sinto que seria muito fácil consertar as coisas se você ligasse para ela. — Ela solta as palavras depressa, mas noto o instante exato em que percebe que falou demais. — Eu... Meu Deus, desculpa. Eu não devia... Eu não tenho nada com isso.

A faca fincada em meu coração entra um pouco mais, roubando meu ar. Meus batimentos cardíacos se tornam descompassados e meu corpo inteiro se aquece. Fecho a mão boa e a aperto em cima da perna, tentando controlar meus sentimentos.

— É, não tem.

— Parker... — Sua voz está trêmula.

Um raio cai no meio do meu estômago, chamuscando músculos e tecidos.

— Wendy, eu sei que a sua intenção foi boa, e você é uma dádiva para a International Guy. Você é uma de nós, isso não vai mudar. Mas você tem que parar com isso.

Deus, por favor, faça essa mulher parar. Não posso lidar com a esperança dela mais o pavor insuportável que enche minha alma.

Penso um pouco e adoto uma abordagem diferente:

— Olha, eu estou lidando com o que aconteceu entre mim e a Sky da única maneira que sei. Esta não é a primeira vez que uma mulher me magoa.

— O quê? — Ela arfa e leva a mão ao peito.

Merda. Eu não queria falar disso de novo. Estou tentando desesperadamente deixar esse assunto antigo no passado, lidar com essa nova mágoa e seguir em frente.

Wendy fica absolutamente imóvel, esperando que eu continue.

— Tudo bem. — Suspiro. — Vou te dar a versão resumida. Eu fui noivo de uma garota chamada Kayla McCormick na faculdade. Ela me usou e me traiu transando com o meu melhor amigo, o Greg, com o anel de noivado que eu dei no dedo e na nossa cama.

Ela arregala os olhos do tamanho de descansos de copo.

— Puta que pariu — rosna.

Sorrio.

— Pois é. Desde então, eu não entreguei o meu coração a mulher nenhuma, até...

— A Skyler. — Ela fecha os olhos, como se a informação a atingisse e partisse seu coração em pedacinhos, da mesma forma que fez com o meu.

— Sim. — Lambo os lábios e tento me livrar da emoção que subitamente nos envolve.

— Eu não sabia.

— Você não tinha como saber. Eu e os caras não falamos disso. Por um bom motivo: porque foi uma merda. E agora eu estou vivendo outra merda.

Ela estende uma mão trêmula e a pousa em cima da minha, apertando-a.

— Eu quero te ajudar. Como eu faço isso?

Aperto sua mão com firmeza.

— Sendo minha amiga, Wendy, para que eu possa contar com você, como você prometeu. — Sacudo a cabeça. — Mas não tente resolver as coisas. Você não pode fazer isso por mim. Eu tenho que encontrar o jeito certo de superar isso.

Seu lábio treme.

— Mas... e se o jeito certo for dar uma segunda chance para a Skyler?

Há tanta esperança e amor em seus olhos que é difícil olhar para ela sem desmoronar. Ou socar outra parede.

— E se eu prometer pensar nisso?

Aquela luz que vi quando ela entrou se acende de novo.

— Jura?

— Juro. — Aperto sua mão mais uma vez e a solto. — Agora saia daqui. Eu tenho que terminar essas entrevistas hoje, e depois preciso relaxar. Agora que o Bo chegou, talvez nós quatro possamos sair. Longe deste lado da cidade, claro.

— Perfeito! Eu vou achar um lugar.

— Na verdade, me recomendaram um bar chamado Brutopia. E é quarta-feira, deve ter até música ao vivo.

Seu rosto inteiro brilha lindamente.

— Eu adoro música ao vivo — diz, com fascínio na voz.

Sorrio.

— Eu sei, abusada. — Dou uma piscadinha. — Combine com os caras. Eu saio daqui a uma hora.

— Pode deixar, chefe.

— Até mais, Wendy.

Ela sorri e ergue os ombros quase até as orelhas.

— Não vejo a hora de contar para o Mick que eu vou sair à noite pela cidade com os meninos.

— Você acha isso sensato?

Um sorriso perverso se forma em seus lábios.

— Ah, sim. Isso vai render uma punição severa quando eu voltar para casa. Talvez eu não consiga andar durante alguns dias. Não vejo a hora! — Ela pula sobre os calcanhares, balançando sua bundinha.

Mais uma vez, na presença dela não posso deixar de rir.

— Gulosa! — provoco quando ela abre a porta.

— Gulosa pelo amor do meu homem, você sabe disso. — Ergue os dedos em forma de revólver. — Bang, bang. Fui!

Rio e me reclino na cadeira. E então uma bola amarela cai no meu colo, me forçando a voltar à posição normal. Spartacus olha para mim como se eu o tivesse perturbado, e não o contrário.

— Você acha que é dono do universo, não é, gato?

Ele olha para mim como se estivéssemos brincando de estátua. Eu pisco primeiro, então ele empurra a cabeça contra a minha barriga e começa a ronronar.

Antes que eu possa tirá-lo do colo, Wendy está de volta a minha porta.

— A Eloise saiu mais cedo hoje. Consulta médica. Estava na agenda dela. — Ela baixa a voz. — Eu chequei.

— Claro que checou. — Eu diria que fez bem, mas ela ficaria toda toda. — Bom, acho que vou embora, então. Se este gato me deixar levantar — digo e aponto para meu colo.

Parece que Spartacus me considera o local perfeito para cochilar.

— Ahhh, que fofo. Sabia que os gatos conseguem reconhecer pessoas boas? Além disso, estudos encontraram baixos níveis de estresse em pessoas que acariciam um gato ou se aconchegam a eles.

Levanto a mão e aponto para a porta.

— Fora.

— Mas é verdade! Tudo bem. Tchau! — E dispara em direção ao corredor.

Olho de novo para Spartacus e passo a mão por seus pelos várias vezes.

— Você é um pentelho, está deixando a minha calça toda cheia de pelos, mas — eu me inclino para perto dele e roço o queixo em sua cabeça macia — me faz sentir melhor. Obrigado por me fazer companhia.

6

O Brutopia é um bar moderno e estiloso no coração do centro de Montreal. É preciso subir uma escadaria de madeira bamba para chegar à porta pesada. Lá dentro há um bom número de clientes comendo e tomando cervejas e drinques. O lugar parece pequeno, mas, quando vamos até o balcão vazio, vemos que há um palco onde os músicos estão montando seus instrumentos, uma pequena pista de dança e cadeiras em volta. Nos fundos, por um recorte na parede, vejo uma parte muito maior atrás do balcão. De onde estou, posso vislumbrar uma mesa de sinuca.

Wendy desliza como uma borboleta colorida batendo as asas.

— Este lugar é perfeito!

Roy olha em volta, colocando as mãos nos bolsos.

— Ainda bem que troquei de roupa.

Sorrio e avalio seu visual. Ainda está de calça social, mas agora usa uma camiseta branca de manga comprida. O branco em sua pele de ébano parece brilhar sob as luzes baixas do bar. Dou um tapinha em seu braço.

— Verdade. Vamos começar com uma bebida, arranjar uma mesa e fazer os pedidos?

— Claro — diz Bo, dando um tapinha nas minhas costas, examinando todas as mulheres ao redor enquanto se dirige ao balcão. — Uma dose de tequila e a cerveja gelada que você recomendar — ele pede ao barman.

Wendy levanta a mão.

— Hummm, para mim também! O mesmo.

Olho para Roy, que me olha de lado e sorri.

— Para a gente também.

Bo ergue as sobrancelhas.

— É isso mesmo? Então hoje nós vamos beber até cair?

Passo a mão pelo cabelo, bagunçando-o ainda mais. Está comprido demais, precisando de um corte. Mas não me importo. Não me importo com nada agora.

— Sim — respondo.

Royce sacode a cabeça.

— Não sei se eu vou beber até cair, mas a noite é uma criança, e eu vi um trompete e um trombone ali.

Wendy vira a cabeça para olhar atrás dele.

— Demais! Vai ser divertido!

O barman coloca quatro doses de tequila no balcão com uma fatia de limão na borda. A seguir, começa a servir as cervejas em copos que parecem gelados, então alinha os quatro copos. Bo passa os copinhos de dose para cada um de nós.

— A que vamos brindar? — pergunta, abrindo um sorriso largo, o cavanhaque e o bigode perfeitamente aparados.

Tento pensar em algo positivo ou motivacional para dizer. Wendy ergue o copo e todos nós acompanhamos seu movimento, tipo o mestre mandou.

— Acho que devemos brindar a... confiar no coração. A deixar que o nosso coração nos conduza à felicidade.

Sinto meu coração se apertar, como se houvesse um torno em volta dele. O punhal invisível que Skyler cravou ainda está lá, bem no fundo. Fecho os olhos e respiro.

— Tim-tim. — Royce bate seu copo no dela.

Bo faz o mesmo.

— É isso aí.

Abro os olhos e me concentro no olhar de cada um, um de cada vez, orgulhoso por estar exatamente onde estou, por ter o apoio dessas três pessoas para me ajudar a encontrar meu caminho.

— A confiar no coração.

Bato meu copo no deles, viro a tequila e deixo o abençoado calor do álcool deslizar pela minha garganta e aquecer minhas entranhas pelo que parece ser a

primeira vez em séculos. O aperto no coração diminui um pouco mais quando enxáguo a tequila com dois longos goles de cerveja gelada.

— Vamos pegar um lugar perto da banda — Wendy convida, toda animada.

Ela mal consegue conter o entusiasmo. É reconfortante ver alguém se divertir todos os dias, aproveitar cada minuto que Deus nos dá para apreciar as coisas boas da vida.

— Nos conte a sua história, Wendy — peço, me sentando no sofazinho da mesa enquanto ela desliza para o centro, Bo se senta ao lado dela e Roy na cadeira em frente. Só cabem três no sofá, tem uma forma curva estranha.

— Vamos precisar de mais uma rodada de tequila para isso — ela responde.

— É pra já! — Bo dá um tapa na mesa e se levanta. Ele tira a jaqueta de couro e a pendura em um gancho perto da nossa mesa.

Royce vira a cadeira de lado para poder ver a banda que está se posicionando atrás dele.

— Parece que são sete caras. Deve ser bom. Não ouço música ao vivo faz tempo.

— É. — Tomo um gole de cerveja. — Uma mistura bem eclética — digo, indicando um negro no centro montando seu microfone, vestido exatamente como um aspirante a Michael Jackson dos anos 90. Seu figurino é complementado por uma calça justa pula-brejo, camiseta branca justa e luvas brilhantes. Tem até cachinhos nos cabelos.

— Não sei. — Royce observa o homem de cima a baixo. — Se esse irmão cantar como o Michael, eu vou ficar feliz.

Bo volta com quatro doses duplas de tequila desta vez.

— Duplas? — Rio.

— Já que vai beber, beba direito, certo? — Ele ri com entusiasmo.

— Acho que sim.

Pego um dos copinhos de vidro.

— Minha senhora. — Entrega um para Wendy.

— Quando você vai aprender que sou a senhora do Mick, não sua? — ela diz.

Royce envolve o copo com seus longos dedos. O copinho parece minúsculo em sua mão gigante.

— A que nós vamos brindar agora?

Antes que um deles fique poético e fale em confiar no coração de novo, eu me manifesto:

— À amizade... e à família. Nova e velha.

— Amizade e família, tudo bem — Royce confirma, tilintando seu copo.

— É isso aí — Bo acrescenta.

— Família — Wendy conclui com a voz trêmula enquanto leva seu copo ao centro da mesa, onde estamos com as mãos estendidas. — Eu amo vocês — sussurra.

— Aff, Wendy! — gemo.

— Mulher! — Royce resmunga.

— Não esse tipo de família, se Deus quiser — Bo reclama, dramático.

— Desculpem! Credo! — ela bufa.

— Sininho, você está com os caras, os irmãos que a vida te deu. Não é pra ficar toda melosa — Bo adverte.

— O Bo está certo, menina. Se você quer curtir com os seus irmãos mais velhos, tem que parar com essa doçura, está ouvindo? — Royce acrescenta.

Ela revira os olhos.

— Eu só disse que amo vocês. Vocês estão agindo como se eu estivesse escrevendo poemas e prometendo dar o nome de vocês ao meu primeiro filho.

— Bo é um nome perfeito! — ele dispara, rápido.

— De jeito nenhum! Parker é maneiro! — entro no ringue.

Royce balança a cabeça.

— Senhores, deixem comigo. Royce é classudo, elegante. Definitivamente um líder.

— E Michael? — Wendy pestaneja lindamente e bebe a cerveja.

Nós três resmungamos de novo.

— Beba e fique quieta! — ordeno, rindo.

— Tudo bem! À família! — Ela bate o copo nos nossos e nós quatro viramos a tequila dupla.

Agora, o calor no meu estômago gira como uma banheira borbulhante na temperatura exata para a imersão. Eu me recosto, passando o dedo pela borda

do copo de cerveja.

— Tudo bem, abusada, já bebeu sua tequila. Agora fale de você. De onde você é?

— De Sacramento.

— Califórnia. Dá para perceber que você não é daqui — Bo brinca.

Ela sorri.

— Eu conheci o Sir Mick em um hotel em que ele estava hospedado por causa de uma conferência. Eu era garçonne lá. Nós passamos a noite juntos, e dois dias depois eu estava com o meu apartamento inteiro encaixotado e pegando um voo para Massachusetts, onde estou desde então.

— Caralho, ele não brinca em serviço. Fez a mulher abandonar a vida dela e atravessar o país em dois dias! — Royce balança a cabeça e passa a mão pela careca.

Wendy sorri.

— Foi amor à primeira vista. Como nós dois gostamos do mesmo estilo de vida, tudo se encaixou. Antes dele, eu não tinha nada. Meia dúzia de amigos, um emprego de merda, lutando para sobreviver. Eu não tinha feito o ensino médio, e ele me fez estudar a distância. E olhe para mim agora. Nunca estive tão feliz. — Ela toma um longo gole de cerveja.

— Nossa, Sininho! O que aconteceu com a sua família? — A expressão facial de Bo demonstra preocupação e compaixão. Por trás da jaqueta de couro e do comportamento galinha, ele é um sujeito amoroso.

Ela dá de ombros.

— Eu não tenho família. Segundo o que a assistente social me disse quando eu era adolescente, a minha mãe era viciada em drogas, e não existiam registros de um pai. Quando eu tinha uns cinco anos, o serviço de proteção à criança foi chamado porque eu ia e voltava sozinha do jardim de infância e estava desnutrida. A professora deu queixa, os assistentes sociais apareceram e eu nunca mais vi a minha mãe. Ela nunca tentou me recuperar. Então, passei de um lar adotivo a outro até fazer quinze anos e decidir que não dava mais.

— Quinze? — Pouso a mão em seu ombro. — Wendy... — Minha garganta arde de pensar em uma menininha ruiva sendo transferida de uma casa a outra. Como alguém pôde fazer isso com ela? Ela é incrível.

Ela aperta os lábios.

— É. Eu já tinha um QI alto e habilidades para hackear e mentir, então falsifiquei meu documento dizendo que tinha dezoito anos. Abandonei a escola e fui trabalhar. Eu comecei como garçonne em uma lanchonete. Morava em quartos alugados ou ficava no sofá dos amigos quando podia, para economizar. Até que o meu cavaleiro apareceu.

— Como? — pergunta Royce, se inclinando sobre seus grandes antebraços na mesa, tão absorto quanto eu na história.

O bar ao nosso redor está fervilhando. Pessoas rindo, bebendo... Ouvimos vaia e gritos no salão dos fundos, mas nós três estamos grudados no banco, focados exclusivamente em nossa linda irmãzinha ruiva.

O sorriso brilhante a que já me acostumei nela irrompe por trás do papo pesado.

— Então, foi no bar do hotel. Eu tinha vinte anos e trabalhava lá. O Michael apareceu, pediu uísque, sorriu com desdém porque não era de marca boa e começou a falar de bebidas. Acontece que eu tinha uma garrafa de Macallan escondida no bar, para quando precisava de um verdadeiro estímulo.

— Espertinha. — Royce sorri.

— Pois é! — Ela agita as sobancelhas, então levanta a mão aberta e bate na dele. A luz volta à sua história, afastando a tristeza por revelar seu passado.

Bo sacode a mão.

— E aí, o que aconteceu? Não me deixe na mão, querida. Eu não aguento, se é que você me entende. — Ele sorri malicioso, erguendo uma sobancelha.

Ela vira e lhe dá um soco no ombro.

— Ai! — Ele esfrega o local. — Odeio quando você me bate com os nós dos dedos.

— Você tem sorte de eu não bater com um soco-inglês! — ela retruca, erguendo seu pequeno punho como uma vovó italiana faria para ameaçar seus netos quando não se comportam.

Ele esfrega o bíceps dolorido, fazendo beicinho.

— Continue a história, Sininho — pede.

Ela lambe os lábios e se inclina para a mesa.

— Bom, eu disse para o Mick que ia lhe arranjar coisa boa se ele não contasse para o meu chefe.

— Arriscado — comento.

Ela assente.

— Sim, mas ele era bonito, e juro que o jeito como olhou para mim, como se pudesse ver a minha alma, destruiu toda a minha resolução. Eu só queria agradá-lo, ser tudo para ele para que ele fosse meu.

Royce assobia.

— Droga. Por que eu não encontro uma mulher assim?

— Porque você está procurando no lugar errado, imbecil. — Bo gargalha.

Royce franze a testa.

— Olha quem fala. O rei das mocinhas... — debocha. — Eu não acreditaria em uma palavra do que você dissesse sobre esse assunto. O Park pelo menos encontrou uma boa.

Desta vez eu debocho:

— Ah, você está olhando para o cara errado. Eu não conseguiria segurar uma mulher boa nem que a minha vida dependesse disso. Acho que eu tenho um cartaz de tinta invisível colado na testa, que só dá para ver com luz negra, dizendo “Me traia” ou alguma merda parecida.

Royce balança a cabeça.

— Não é verdade. Eu não acredito nem por um segundo que a Sky tenha te traído. Quanto mais cedo você aceitar isso e der à coitada uma chance de se explicar, melhor vai ser para todos nós.

Aperto os dentes, desejando outra dose de tequila para desmanchar o nó que se formou instantaneamente em minha garganta.

Bo olha para longe e finge estar interessado no garçom que serve comida em uma mesa perto de nós.

— É o que você pensa também, Bo? A Wendy já deu a sugestão dela hoje, você pode falar também.

Ele dá de ombros.

— Tem certeza que está pronto para ouvir o que eu penso?

— Tenho certeza que eu não quero ser surpreendido se você soltar a bomba depois. Nós estamos todos aqui conversando e cuidando um do outro, certo? Então diga.

Eu me sinto como um pavão com as penas arrepiadas. Frustração, irritação e raiva súbita queimam minhas veias, procurando um jeito de sair.

Wendy pousa a mão no antebraço de Bo e olha para ele, que inclina a cabeça.

— Tudo bem, então. Eu acho que você está com medo.

Não é o que eu esperava que ele dissesse.

— Medo? De uma loira gostosa? Sêrio? Isso é o que você acha? — Respiro fundo e espero que ele continue.

Ele alisa o cavanhaque e bate o polegar no lábio inferior.

— Você está com medo das consequências de amar alguém do jeito que ama a Sky. Com medo de que ela faça exatamente o que a Kayla fez...

Arregalo os olhos e bato meu copo na mesa. Felizmente, já bebi quase tudo, por isso não derramo a bebida.

— Ela *já fez* o que a Kayla fez! A Sky passou a noite no hotel com o Johan...

Bo levanta as mãos.

— Eu sei. Só que você não pode provar que ela te traiu com base na palavra dele. Olha, o que estou dizendo é que a garota que eu conheci, com quem estive em Nova York, era louca pelo meu melhor amigo. Louca. A mulher dos seus sonhos. Ela esteve no Lucky's e ficou um tempo com a gente. Ela se abriu para a nossa família, falou de se mudar para Boston. Que razão ela teria para desistir disso?

— Um pau duro. Ela gosta de foder. Eu que o diga. E ela é *muito boa* nisso. Talvez quisesse matar a saudade do pau do Johan. — Só de pensar em Sky chegando perto do pepino mole do Johan, aperto o copo de cerveja com tanta força que quase o quebro.

Royce vira bruscamente para mim.

— Ah, cara, não vá por esse caminho.

Uma poderosa explosão de raiva começa a se formar dentro de mim, me tomando de calor. Aperto os dentes com tanta força que só espero não quebrar um molar.

Eles não entendem. Eles não entendem o que ela fez, porra!

— Sim, eu vou sim por esse caminho! Porque eu *preciso* saber que a minha equipe, a *minha família*, está do meu lado. Do meu! Eu devia ser a prioridade de vocês, não a mulher que me fodeu! — digo, com a voz rouca e áspera, e bebo o que resta no copo. — Preciso de outra maldita cerveja.

Eu me levanto e vou para o balcão. Preciso de um minuto de paz, um tempo para esfriar a cabeça antes que eu exploda.

Que inferno. Eles estão do lado dela?

Eles são meus amigos, minha família, não dela. Então eu lembro: Sky não tem família.

Imagens dela flutuam em minha mente enquanto espero que o barman pegue meu pedido.

Sky nervosa ao conhecer meus pais.

Depois, rindo das disputas entre eles.

Minha garota trocando telefone com os caras enquanto tomávamos cerveja e comíamos sanduíche de porco desfiado.

Sky e Wendy falando sobre planos de casamento.

Minha garota prometendo ir ao casamento... comigo.

Sky me dizendo que estava pensando em se mudar para Boston.

E se ela estiver dizendo a verdade?

Johan é mestre em manipulação. Ele pode facilmente ter inventado que ficou com ela, mentido para mim. Meu coração começa a bater rápido, e sinto um nó no estômago. Eu o aperto e respiro fundo algumas vezes. Preciso de mais cerveja. E outra dose de tequila.

— Cerveja ou tequila? — o barman pergunta.

— Os dois. Mais uma rodada de cerveja e de tequila para os quatro. E pode mandar a garçonete, nós precisamos comer.

— Boa ideia. A banda já vai começar — ele diz, indicando com o queixo os sete músicos no palco.

O guitarrista está dedilhando e o tecladista aquecendo os dedos. Enquanto espero as bebidas, os trompetistas passam algumas escalas, e meu batimento cardíaco começa a desacelerar mais uma vez. Deve ser pelo álcool que entra em minha corrente sanguínea, mas, seja o que for, sou grato.

Royce se aproxima e para à minha frente.

— Desculpa, irmão. O que você está passando não deve ser fácil, e não cabe a mim...

Sacudo a cabeça.

— Não, cara, tudo bem. Eu precisava ouvir isso. Se não for das pessoas que gostam de mim, de quem mais?

— Vai seguir o nosso conselho?

Dou de ombros.

— Não sei o que eu vou fazer ainda. Só sei que hoje eu quero relaxar com os meus amigos. Tudo bem?

Ele abre um sorriso largo, branco, extrabrilhante, que contrasta com sua pele negra e sua camiseta branca.

— Sim, tudo bem. — Ele me pega pela nuca e se inclina para a frente, quase encostando a testa na minha. — Independente de qualquer coisa, você sempre pode contar comigo, o Bo e a Wendy. Nós somos seus amigos e te apoiamos. Mesmo assim, é nossa obrigação te dar uns chacoalhões às vezes, te ajudar a ver as coisas de um jeito diferente caso você esteja ficando cego. Tipo quando você acha que uma mulher legal pisou na bola com você.

Eu rio mesmo que ele ainda esteja me pressionando. Entendo por quê.

— Você acha que ela é a mulher certa para mim, né? — Ergo o olhar e fito seus olhos escuros.

Ele dá de ombros.

— Sim, acho que é. Acho que ela é tudo de bom. Além do mais, eu quero ver o meu amigo feliz. E nunca te vi mais feliz do que quando estava com ela.

Suas palavras batem forte em meu inconsciente, misturando-se às mensagens que meu passado está mandando sobre meu futuro.

— Eu estava feliz. Mais que isso: eu estava apaixonado.

Ele aperta meu ombro com força.

— Meu irmão, você ainda está apaixonado. É por isso que dói tanto.

E ele tem razão. Independentemente do que eu acredite que Skyler possa ter feito com Johan, isso não muda o fato de eu estar completamente apaixonado por essa mulher. E nem sequer consegui lhe dizer isso pessoalmente. Talvez, se tivesse dito, ela teria me esperado chegar para falar com o ex. Talvez ela não tivesse pensado que estava sozinha.

— Cristo! — Passo a mão pelo cabelo. — Meu irmão, eu estou um caco.

Royce me faz virar para o balcão, onde o garçom colocou as quatro cervejas e as quatro tequilas duplas.

— Está mesmo. Mas tudo bem, nós estamos aqui.

Ele pega duas cervejas com uma mão e coloca as outras na dobra do cotovelo, coladas a seu corpo, para poder pegar duas tequilas. Eu pego as outras

duas com a mão boa e as levo para a mesa.

No instante em que deixo as bebidas na mesa, Wendy se joga em meus braços. Pressiona o rosto no meu, respirando em meu ouvido. Seu cheiro de coco invade minhas narinas, afastando o odor úmido e gorduroso do bar e substituindo-o por algo mais agradável, confortável até, pois já me familiarizei com seu aroma.

— Desculpe, Park. Eu não quero que você pense que não estamos do seu lado. Não importa quanto eu goste da Skyler, você sempre vai ser a minha prioridade — diz, cravando as unhas nas minhas costas, como se quisesse se imprimir em minha pele.

Esfrego suas costas e curto o abraço por um momento, deixando a sensação que me provoca ter o carinho e a preocupação dessa mulher se infiltrar em meu corpo dolorido e cansado.

— Obrigado, Wendy. Desculpe também. Peço desculpa a todos vocês. Eu fui meio babaca antes, mas vou resolver isso.

— Bom, eu não ia falar nada — Bo diz baixinho, mas alto o suficiente para que todos possamos ouvir.

Imperturbável, continuo:

— Que tal se a gente só se divertir pelo resto da noite? Comer, beber e ser feliz, hein?

Wendy se afasta com os olhos marejados, mas segura as lágrimas. Agradeço por isso.

— Um brinde. — Royce ergue sua tequila sobre a pequena mesa.

Nós três seguimos seu exemplo.

— Que nós nunca deixemos nada atrapalhar o que temos. Nós somos a equipe IG, para o que der e vier!

— À equipe IG! — Wendy aplaude e Bo a acompanha.

— A *isso* eu posso brindar — digo e sorrio, tirando dos ombros todo o peso com que entrei no bar.

A banda começa a tocar um dos maiores sucessos de Michael Jackson, “Billie Jean”.

Wendy demonstra seu entusiasmo com um grito:

— Uhuuu!

Roy vai ainda mais para o lado para poder ver direito. Os teclados entram, e, no momento em que chega o refrão, já estamos todos cantando a plenos pulmões.

Equipe IG, para o que der e vier.

7

A porta da minha sala de reuniões se abre com o que parece um rangido estridente, retumbando em minha cabeça de ressaca como um martelo nas tâmporas. Aperto os dentes por causa da dor e engulo a bile que quer subir.

Eloise Gagnon aparece.

— Acho que eu sou a próxima a ser entrevistada — diz em voz baixa enquanto abre mais a porta.

Anuo.

— Sim, entre. Pode se sentar, srta. Gagnon.

— Pode me chamar de Eloise. — Ela sorri levemente, mas não vejo muita sinceridade no gesto. É como se sorrisse por hábito, porque é o que se faz quando se conhece alguém.

É uma mulher miúda e magra, com poucas curvas, o que se nota claramente no jeans e na blusa de manga comprida e decote V que está usando. Nos pés, um par de sapatilhas simples. Seu cabelo castanho está preso em um rabo de cavalo firme na nuca. Seus óculos de armação preta realmente a favorecem. Ela parece jovem, como se tivesse acabado de sair da faculdade, mas sua ficha diz que tem quase a minha idade.

— Eu sou Parker Ellis. Sabe por que estou aqui? — pergunto o mesmo que perguntei a todos os outros funcionários.

— Sim. Para falar sobre a produtividade, mas imagino que tenha mais a ver com os vazamentos de produtos bastante sérios que aconteceram.

Estreito os olhos.

— E por que você acha isso? — Meu faro se aguça.

Ela dá de ombros.

— Faz sentido. A empresa perdeu muito dinheiro porque os concorrentes lançaram produtos similares antes da gente. Então seria razoável pensar que temos algum problema interno.

Eu me reclino na cadeira e esfrego os dedos no lápis que estou segurando até ele cair na superfície de madeira da mesa com um ruído. Então, pego-o de volta e repito o processo. É uma estratégia que aprendi em Harvard durante um curso sobre técnicas de interrogatório. Tive uma aula chatérrima de análise de negócios, e descobri que isso tende a incomodar as pessoas, o que pode fazer que elas cometam um deslize e revelem informações que estavam tentando esconder.

Ela olha para o lápis enquanto repito o mesmo processo várias vezes. Se encolhe quando o lápis bate na mesa de novo, mas finjo não notar, fazendo de conta que estou lendo sua ficha.

— E o que você faz aqui?

— Sou uma das programadoras.

— Ah, então você trabalha com a nova funcionária, Wendy.

Levanto a cabeça para observar suas expressões faciais. Um olhar de repulsa atravessa seu rosto e desaparece em um instante.

— Acho que sim.

— Parece que você sente alguma coisa em relação a essa nova funcionária. Tem algo que queira me contar?

Ela franze os lábios.

— Eu não sei por que a contrataram se eu poderia ter assumido o trabalho extra. Já trabalhei diretamente com o Kidd.

— Kidd?

— Sim, o diretor do departamento. Nós sempre trabalhamos juntos perfeitamente.

Interessante. Há algo em seu jeito de falar que me provoca agulhadas nas têmporas. Mas a dor da noitada de ontem está ofuscando um pouco meu pensamento.

— Você trabalhou muito tempo com o Kidd?

— Nós começamos juntos. Eu tinha acabado de terminar a faculdade e ele o ensino médio. Ele é brilhante. Nem fez faculdade, e a sua habilidade com linguagem de programação é tão boa quanto a da irmã. Nós dois éramos a

melhor equipe, perfeita em todos os sentidos. — Ela franze a testa e olha para o outro lado. — Aí a Alexis nos separou e eu fiquei com o lado chato do negócio. Manutenção. Não trabalhava mais na criação de produtos.

— Não deve ter sido legal para você. Aconteceu alguma coisa?

Com um olhar feroz, ela volta o rosto para mim de novo.

— Não. Acho que eu não era tão boa quanto eles. Não tinha capacidade para andar com os grandes. Mas trabalhei duro e consegui voltar à equipe de programação. E agora tenho que competir com a Wendy, a nova garota de TI.

Ah, estou entendendo. O problema dela é com *Wendy*. Uma pontada de dor atravessa minha cabeça. Aperto os dentes e tento respirar. Deus, minha cabeça está me matando.

Bebi demais.

Da próxima vez que a equipe IG se reunir para uma balada, vai ter que ser *depois* de concluído o trabalho. As luzes fluorescentes do teto estão queimando minhas retinas.

Engulo em seco e pego a garrafa de água.

— Você está bem? — Eloise pergunta. — Está meio esverdeado.

Bebo a maior parte da garrafa, deixando a sensação de frescor revestir meu estômago vazio.

— Só cansado.

Ela dá uma risadinha.

— Parece que você encheu a cara ontem.

Puxo o ar com os dentes fechados, permitindo que ela me flagre em um comportamento de cara mau para ver como responde.

— Tome cuidado, ela pode demitir você. Quando quer, ela é uma verdadeira bruxa. — Eloise se inclina sobre a mesa, se aproximando e franzindo o cenho. — Não deixe aquele corpão e o rosto de estrela de cinema te enganarem. Por baixo de tanta moda e glamour, a mulher é um demônio.

Nossa, essa foi forte.

— Parece que você não gosta muito da Alexis. Se esse é o caso, por que trabalha aqui?

Ela estreita os olhos.

— Porque o Kidd é incrível, eu aprendi mais com ele do que nos quatro anos de faculdade. Eu faria qualquer coisa para manter o meu emprego aqui.

Ela é bastante poética ao se referir a um homem que, para todos os efeitos, é seu chefe. Há um toque de algo mais aí, algo que meu cérebro cansado e de ressaca não consegue entender.

Preciso dormir.

Por um ano inteiro.

— É só isso, sr. Ellis? Eu tenho muita coisa para fazer. Estou revisando os erros na programação do Kidd.

— Erros?

Wendy mencionou ontem que encontrou erros na programação que correspondiam ao estilo de Kidd.

Ela anui e passa a ponta do dedo em cima da mesa, formando círculos.

— Acho que é a nova namorada dele. — Ela se inclina para a frente como se fosse me contar um segredo. — Desde que ele começou a sair com ela, o trabalho ficou prejudicado. Estou tentando corrigir esses erros para que ninguém perceba. Uma hora ele vai se livrar dessa mulher e começar a pensar com mais clareza de novo.

Uau! Isso é que é segurança.

— Vamos ver se eu entendi. — Esfrego e pressiono os dedos na minha nuca, massageando a parte de trás do crânio, tentando aliviar a tensão da noite de bebedeira. — Você está revisando o trabalho do Kidd e consertando tudo?

— Sim, está um caos. Ele está cometendo erros muito óbvios. Coisas que poderiam pôr o sistema em risco.

Ding! Ding! Ding! Ding!

O alarme dispara em minha cabeça.

— Como eu falei, estou consertando, portanto não se preocupe. Eu vou segurar a onda da equipe até ele recuperar o juízo que perdeu por causa dessa namorada.

— Namorada?

— Sim. Victoria — pronuncia com escárnio. — Ela não serve para ele. Ele precisa se livrar dessa menina depressa.

— Na verdade, acho que ela não vai a lugar nenhum. Ele me disse que pediu a namorada em casamento e ela aceitou. Os dois estão planejando se casar no próximo verão. Estou surpreso por você não saber.

Eloise empurra a cadeira para trás e a derruba na pressa de se levantar. Seu corpo inteiro está ereto, o nariz e o peito vermelhos.

Eu me levanto e ergo as mãos.

— Ei...

— Ele vai se casar com aquela piranha?! — diz, com um grito mal contido. Tento engolir, mas minha boca parece o deserto do Saara.

— Ele nunca vai melhorar! Ela está arruinando um gênio!

— Calma, Eloise.

Eloise.

Eloise.

Seu nome ecoa em minha cabeça. Eu conheço esse nome... Não é muito comum, mas já o ouvi antes. Há pouco tempo.

É que a Eloise queria todo o meu tempo e a minha atenção. Eloise é a minha ex.

Kidd.

Esta é a sua Eloise? Sua ex?

— Preciso ir — ela informa, agitando as mãos como se estivesse sacudindo água delas. Antes que eu possa impedi-la, ela sai porta afora.

Desabo de novo em minha cadeira e Spartacus pula no meu colo, pressionando suas pequenas patas diretamente em meu estômago dolorido.

— Calma, amigo. Eu já estou enjoado, não piore as coisas — digo, afagando atrás das orelhas do gato e o acariciando. Spartacus mia e se acomoda, pronto para tirar uma soneca. — Que bom que alguém pode dormir — digo com a boca seca e termino a abençoada garrafa de água bebendo tudo de uma vez.

Então jogo a garrafa na lixeira, fazendo uma cesta de três pontos. Pressiono o alto do nariz, deixo a cadeira reclinar para trás e fecho os olhos, tentando descobrir como todas essas informações se relacionam.

Eloise está corrigindo os erros de Kidd no sistema. Ela o está acobertando. Por quê?

Porque está apaixonada por ele? Talvez.

Kidd disse que tinha uma ex chamada Eloise. Não é um nome tão comum. E eles trabalham juntos. Kidd vai se casar, e Eloise surtou. Talvez ele esteja

vazando acidentalmente as informações, e por isso ninguém está ganhando dinheiro com isso. Porque não é intencional.

Pego meu celular novo e abro o contato da Wendy.

Parker Ellis

Tenho algo para você checar. Me ligue.

Clico em enviar e me reclino na cadeira. Fecho os olhos de novo por alguns minutos antes de meu celular tocar.

— E aí? — ela diz, parecendo sem fôlego.

— Onde você está? — Posso ouvir ao fundo o som do trânsito na rua.

— Eu disse ao Kidd que precisava sair para comprar um café. Estava indo ao Starbucks, e você não vai acreditar no que eu acabei de ver. Uma igreja gótica incrível. Quase tive um orgasmo quando vi esse edifício impressionante. Parece ter um milhão de anos!

Sorrio ao notar sua empolgação. Pelo menos alguém está animado esta manhã.

— É a Basílica de Notre-Dame.

— Pensei que a Notre-Dame ficasse na França, ou em Indiana, para quem torce pelo Fighting Irish! — ela diz e ri da própria piada.

— Fica mesmo. Essa que você está vendo é a Basílica de Notre-Dame. A de Paris se chama Catedral de Notre-Dame. *Basílica* significa igreja, mas na religião católica é uma igreja com privilégios especiais concedidos pelo papa. A arquitetura é do estilo gótico romântico que vemos em muitas igrejas dessa época. O mais legal dela são os vitrais. Se você tiver tempo para entrar, vai notar que os motivos não são bíblicos: eles descrevem a história da cidade de Montreal. É fascinante.

— Uau, você sabe bastante sobre isso.

— Sim, eu estudei muito desse assunto na faculdade. Visitei muitas igrejas com a minha família também. Ah, pelo que eu sei, eles têm um grande espetáculo de luzes. Os técnicos de iluminação dos shows da Madonna criaram uma performance usando o interior da igreja, as espirais, curvas, janelas e pinturas para criar uma experiência inesquecível. Talvez possamos todos ir

quando encerrarmos o caso — sugiro, pensando que seria uma boa ideia mostrar a Wendy um pouco da rica história de Montreal.

Eu sempre amei essa cidade, mas adoraria levá-la para Quebec, lhe mostrar o bairro de Old Quebec, ficar em um dos hotéis históricos e andar de balsa para ter a melhor vista da cidade.

— Legal, estou dentro. E aí, o que você tem para mim? Estou no Starbucks.

Um café seria incrível agora, mas não posso pedir que ela me traga um, pois causaria suspeitas. Suspiro.

— Bom, eu acabei de conversar com a Eloise.

— Superfofa, né? — diz, e o sarcasmo escorre de cada palavra.

— Tão fofa quanto a sensação que eu tenho no estômago agora.

— Coitadinho. Não aguenta beber — brinca.

— Como é que você está tão bem? Você bebeu tanto quanto nós — reclamo.

Ela ri.

— Sim, mas com pequenas diferenças. Entre as bebidas eu tomava água, e depois suei na pista de dança. Além disso, eu comi o meu peso em fritura. Você só ficou bebendo.

Ah... Comida, água. Sim, teria sido uma boa. Caralho, seria uma boa agora.

— Foi um arraso — continua. — Eu ainda estou com “Man in the Mirror” na cabeça. Aquela banda manda muito bem. — Sua voz fica mais baixa, parecendo distante enquanto faz seu pedido no balcão.

Quando a ouço terminar, respondo:

— A banda estava mesmo ótima. Bom, voltando ao trabalho... A Eloise me falou que está corrigindo os erros de programação do Kidd. E me parece que ela está fazendo isso há algum tempo.

— É mesmo? Humm.

— Sim, e ainda por cima eu acho que eles namoravam. Quando eu disse que ele ia se casar, ela saiu voando da sala. Uma mulher só faz isso se...

— Se está apaixonada e não é correspondida. Merda.

Ela agradece a alguém, então ouço os sons da rua ao fundo enquanto ela bufa e arfa, como se estivesse andando depressa. Wendy sempre anda depressa.

E eu me pergunto se é porque não quer perder nem um segundo da vida.

— Sim.

— Mas como isso resolve o nosso problema? No máximo aponta ainda mais contra o Kidd.

Esfrego um nó no ombro.

— É verdade.

— Você precisa contar para a Alexis. Talvez ela possa revisar os códigos também, ou então perguntar diretamente a ele.

— Sim, mas acontece que, se ele fez isso, talvez não tenha sido intencional. Por isso não existem indícios de recompensas financeiras. Talvez alguém esteja hackeando o sistema, e os erros de programação do Kidd estejam facilitando a entrada.

— Talvez. Eu vou fazer uma verificação completa dos firewalls e ver o que consigo encontrar.

— Obrigado.

— Não por isso, chefe. Estou adorando trabalhar infiltrada! Eu me sinto uma das Panteras!

Rio.

— Tchau, Dylan.

— Tchau, Charlie!



Uma pressão fluida percorre meu couro cabeludo, esfregando e brincando com meu cabelo comprido demais, que começa a se enrolar. Skyler adora passar os dedos pelo meu cabelo. Suspiro, curtindo a sensação. O sono ainda toma minha mente enquanto passo o braço em volta de sua cintura e a puxo para o meu colo.

— Ahh! — Ela ri, mas sua voz está abafada, mais profunda, enquanto seu corpo descansa colado no meu. — Parker... — Suspira.

Eu inclino sua cabeça e tomo sua boca sem abrir os olhos. Uma parede de calor pressiona meu peito. Sorrio colado em seus lábios e passo as mãos pelas suas costas. Sonolento, curto a sensação de Skyler sendo generosa enquanto meu corpo acorda lentamente. Claro que a “fera” é a primeira a acordar. Forço

os quadris para cima e tenho a sensação de estar balançando. Estou na cadeira do escritório, inclinado para trás. Skyler gruda a boca na minha de novo, úmida e macia. Eu a beijo profundamente.

Nossa, quanta falta senti disso.

Sua boca suculenta na minha, sua língua me invadindo deliciosamente. Eu me desmanchando em seu calor e ela gemendo. Mas parece distante e diferente. Um murmúrio daquilo que estou acostumado a ouvir da minha garota. Vou acariciando suas costas e sinto muito mais dela que o normal.

Hã?

As luzes brilhantes invadem meus olhos cansados e meu cérebro de ressaca enquanto pisco. Quando os abro, fico chocado com o que vejo.

Alexis.

No meu colo.

Com a língua na minha boca.

Merda! Eu fiz isso. Eu a puxei para o meu colo e a beijei. Seguro seu tronco e a empurro para trás, fazendo-a soltar minha boca com um som audível.

— Que porra é essa? — Balanço a cabeça, tentando forçar os últimos vestígios de sono a sair do meu cérebro. Meu pau percebe imediatamente uma mulher diferente e se encolhe a meio mastro.

Alexis passa os braços em volta do meu pescoço.

— Seus lábios são macios como eu pensei.

Sinto o gosto de seu batom e de café na língua. O tesão com a proximidade de seu corpo pulsa em meu peito, descendo.

Merda, onde foi que eu me meti?

— Alexis, você é linda, sexy... Qualquer homem ia te querer...

Ela abre um sorriso largo.

— Isso é ótimo, porque eu quero você!

Ela cola mais uma vez os lábios nos meus, e, em um momento de fraqueza, eu a beijo, mergulhando a língua, rolando-a até ficar com seu gosto impresso nas papilas gustativas. Ela geme e pressiona os seios grandes em meu peito. Desço a mão até sua bunda e me esfrego nela. A fera acorda de novo, orgulhosa e pronta para a ação sem culpa.

Por vários minutos continuo a beijar Alexis, despejando em minhas ações toda a raiva, o ódio e a revolta pelo que Skyler fez. Assumindo o comando.

Controlando meu destino. Beijando uma mulher bonita que se ofereceu a semana inteira.

Até que a realidade explode como um sinalizador lançado ao céu quando Alexis leva a mão ao meu cinto. Ela o abre, bem como o botão e o zíper da calça. Gemo, mas, no instante em que ela envolve meu pau duro com a mão, uma flecha de veneno se crava direto em minhas vísceras. Grito e empurro Alexis. Me levantando, abotoo rapidamente a calça e fecho o zíper.

Ela senta em cima da mesa, indiferente, com um sorriso sensual nos lábios inchados de tanto beijar.

Passo a mão pela boca, tentando tirar o gosto dela. Vou precisar de muito mais que as costas da mão para isso.

Sem perceber, começo a andar de um lado para o outro, puxando o cabelo.

— Caralho. Caralho. Caralho! — rosno.

— É o que eu estava tentando pegar antes de você me interromper — ela diz, rindo.

Suspiro e me volto para a loira gostosa.

— Alexis...

— Se você disser “não é você, sou eu”, acho que eu vomito, querido. Nenhum homem me rejeita. Jamais. E essa barra de aço dentro da sua calça está me dando razão.

Sinto o corpo inteiro pesado, como se carregasse uma bola de demolição, pela necessidade de simplesmente cair na cama e dormir... por um ano. Meu corpo está em agonia, mas o vazio do meu coração é muito mais pesado que qualquer coisa que eu possa imaginar. A necessidade dela, de Skyler, me enfraquece.

Limpo a garganta.

— Alexis, me desculpa. Quando eu disse que acabei de sair de um relacionamento, quis dizer que há uma semana eu estava apaixonado por uma mulher, seriamente comprometido. Agora... porra, não sei mais o que eu sou. O que nós somos. E seria injusto da minha parte ficar com você sem ter resolvido as coisas com ela. Você entende?

Ela fecha os olhos, cruza os braços e depois as pernas, empoleirada em cima da mesa.

— Acho que sim. Mas eu não estou oferecendo nada além de diversão. Dois corpos se unindo em uma noite de paixão. Ninguém precisa saber...

Gemo, passando a mão pelo meu estômago apertado.

— Eu vou saber.

Ela bufa.

— Eu entendi tudo errado. Por alguma razão, achei que você vivia e respirava sexo. Você exala isso. Dá para sentir as ondas saindo do seu corpo. É uma decepção ver todo esse calor e energia acumulados sendo desperdiçados com alguém que está só na sua cabeça.

— Isso não muda os fatos. O meu coração ainda está com ela.

— Sim, mas o seu corpo está aqui, e por um momento esteve duro e carente... *por mim*.

Respiro fundo lentamente, tentando apelar a ansiedade e o nervosismo.

— Como eu disse, você é uma mulher linda...

— Que poderia te fazer esquecer esse amor perdido... pelo menos até você voltar para os Estados Unidos. — Ela ergue uma sobrancelha.

Sacudo a cabeça.

— Receio que não.

Ela suspira e estala os lábios.

— Que pena. Eu esperava de verdade uma brincadeira selvagem com esse americano gostoso.

Rio e olho para ela, sustentando seu olhar.

— Desculpe se eu fiz você pensar que eu estava a fim...

Ela ri musicalmente.

— Ah, meu bem, você não me fez pensar nada.

As palavras “meu bem” saindo de seus lábios me fazem estremecer. Só de Skyler eu quero essas palavras carinhosas. De repente, tenho medo de nunca mais ouvi-las.

Sinto meu estômago se agitar. Engulo devagar, inspirando e expirando compassadamente, tentando pôr meu corpo de novo na linha. Preciso de sono, água e comida. Não necessariamente nessa ordem.

— Acho que não estou acostumada a ouvir “não” de um homem. Desculpe se eu forcei a barra — ela diz, sorrindo com lascívia.

— Não forçou, não.

Ela sorri com falsa modéstia quando se levanta da mesa.

— Não, eu não forcei.

— Posso te fazer uma pergunta?

— Começa e termina com “Esqueça, eu me enganei. Vamos para a sua casa?” — ela brinca, arqueando as sobrancelhas.

Sacudo a cabeça.

— Alexis, por que você faz esse jogo?

Ela faz uma pausa antes de responder.

— Que jogo? — Sorri, sabendo exatamente do que estou falando, mas discordando.

— Você não precisa fazer isso. — Indico sua roupa e a sala. — Não precisa usar os seus atrativos, agir desse jeito implacável quando quer um homem.

Alexis inclina a cabeça.

— E por que eu não faria isso se assim consigo o que quero muito mais rápido do que só com o meu intelecto? Além disso, se sou eu que faço as regras, também determino o prêmio. Às vezes é uma trepada fantástica com um americano gostoso. Outras vezes, os homens me veem como objeto. E aí, enquanto eles estão olhando para os meus peitos e a minha bunda, eu compro as ações das empresas deles, assumo o controle acionário e construo um futuro brilhante para mim.

— Alexis... fazer joguinhos não é a resposta. — Franzo a testa quando me conscientizo de que, no passado, eu já fui conhecido por fazer meus joguinhos.

— Não? Mesmo que eu sempre vença? Não é minha culpa se os homens me veem como uma fantasia ambulante sem neurônios, só com peitos grandes. Mas é culpa deles quando pensam com o pau, e não com o cérebro, durante as negociações comerciais. E, francamente, isto — indica seu corpo com as mãos — sempre funciona. Eu raramente dou trela à fantasia que um homem vê diante dele, a menos que o queira na minha cama. Minha escolha, meu jogo. Eu ganho.

— Não desta vez, querida — digo.

— Talvez eu precise revisar os passos para ver o que saiu errado... Ou talvez ainda exista uma chance de isso acontecer — ela replica, erguendo uma sobrancelha.

— Sem chance. — Rio. — Saia daqui! Vá procurar outro desavisado para atormentar.

Ela ri.

— Não vai ser difícil. O seu sócio não é exatamente um prêmio de consolação.

Balanço a cabeça e pego meu blazer, que deixei dobrado no sofá.

— Não, e ele jogaria com prazer. Não só isso: ele entende as regras porque usa as mesmas.

Ela tamborila os dedos na boca manchada, e eu sinto meu coração apertar ao lembrar que foram os meus lábios que fizeram isso nos dela. Minha língua estava em sua boca, ansiosa pelo seu gosto.

— Isso torna o jogo menos divertido.

— Sim, mas mais honesto. Pense nisso antes de atacar o seu próximo alvo. As pessoas devem saber onde estão se metendo.

Sua expressão jovial se desfaz e ela franze os lábios. Eu desvio de seu corpo quando passo por ela, saindo da pequena sala.

— Pense nisso.

— Vou pensar — ela responde. Pelo peso em sua voz, acredito nela.

Depois de atravessar os fundos do prédio e descer a escada até a rua, aceno para um táxi, entro e deito a cabeça cansada durante todo o caminho para o hotel, olhando pela janela, observando os edifícios e a arquitetura intrincada. Wendy tem razão de se entusiasmar com a mistura do antigo e do novo na cidade. Há edifícios de metal e cores brilhantes ao lado de outros feitos de pedra, que parecem ter centenas de anos. Essa combinação torna a cidade única e agradável aos olhos.

Enquanto olho para fora, a paisagem começa a ficar embaçada e a desaparecer, e os pensamentos sobre Skyler começam a correr em minha mente.

O que ela está fazendo agora?

Será que está triste?

Ainda sente a minha falta?

Já faz dias que ela mandou a última mensagem.

O que devo fazer?

Chego ao meu quarto, deixo o blazer na cadeira, tiro os sapatos e a calça. A seguir, desabotoo a camisa e a jogo longe, afasto a colcha, deito na cama só de cueca e acendo o abajur. Pego o controle remoto na mesinha e ligo a TV. A primeira coisa que aparece é um programa sobre o mundo do entretenimento.

O rosto de Skyler aparece na tela, com Tracey a seu lado, com o braço ao redor de seus ombros. Alguém empurra um microfone na frente dela. Ela parece cansada, com olheiras, mas dá seu sorriso falso de tudo-é-um-mar-de-rosas para os paparazzi sanguessugas.

— E como vai SkyPark? — pergunta um homem enxerido.

Eu me sento na cama e prendo a respiração, esperando sua resposta.

— Uma maravilha. O Parker está viajando a negócios, e eu não vejo a hora de ele voltar.

A multidão a massacra com um monte de perguntas. Ela passa as mãos pelo cabelo e olha em volta. Vem a próxima pergunta:

— E qual vai ser a primeira coisa que você vai dizer para o Parker quando vocês se encontrarem?

Skyler fecha os olhos, e posso sentir a dor como um golpe invisível no plexo solar. Esfrego meu esterno e espero que ela responda.

Ela abre seus olhos azuis brilhantes. A única cor que quero ver quando acordo de manhã. Fixa o olhar na câmera, e juro que, se eu não soubesse, acreditaria que está falando direito comigo.

— Quando a gente se encontrar, eu vou dizer a ele que senti sua falta e que o amo mais que tudo no mundo.

Senti sua falta.

Eu o amo.

Mais que tudo no mundo.

Ela me ama. Skyler me ama. Skyler me ama e admitiu isso em rede nacional para o mundo inteiro ver e ouvir.

Putá que pariu!

8

Estou péssimo. Não preguei os olhos à noite depois que vi o programa. Fiquei rolando na cama, tentando descobrir o que fazer.

Como vou responder a isso?

Skyler me ama.

Ela me ama.

A emoção que sua confissão me causou corre por minha corrente sanguínea, provocando uma sensação quente e fluida que se infiltra profundamente em meus ossos, revestindo minha alma congelada. É como se eu tivesse passado a semana envolto em gelo, entregue ao frio do ódio e da traição.

Ela me ama.

Fecho os olhos e deixo a verdade entrar. Minha mulher admitiu em rede nacional que me ama. A energia incita meus pés, e começo a andar de lá para cá no quarto do hotel, sem saber o que fazer com essa energia cinética bombeando em mim. É como se eu fosse um fio desencapado, com todas as sinapses disparando a duzentos quilômetros por hora, sem ter para onde ir enquanto quase abro um buraco no carpete.

A porta do quarto conjugado se abre.

— Meu. Deus. Você precisa ver um programa com a... — Wendy diz, apressada, mantendo o notebook aberto e pronto no canal do programa de entretenimento.

Balanço a cabeça e levanto a mão. Não quero que ela chegue mais perto.

— Eu já vi. Na TV ontem à noite.

Ela arregala os olhos, e o azul de suas íris parece ainda mais claro, como o céu ensolarado depois de uma chuva forte.

— Então você sabe. — Sua voz se reduz a um timbre mais suave e menos entusiasmado. E a compreensão se estabelece entre nós.

— Que ela me ama? — digo as palavras que preenchem a parte vazia do meu coração. O punhal cede, aliviando por um instante a pressão reprimida e o vazio dolorido que passou a semana toda ali.

Wendy anui, fecha o notebook e chacoalha a mão. Seu olhar enlouquece de animação, seus olhos se esbugalham enquanto a energia se agita em torno de seu corpo pequeno.

— Sim! Ah, meu Deus, Park. Que incrível! Viu? Eu falei que ela te amava! — Seu sorriso é enorme e radiante.

Alguém bate na porta, chamando minha atenção. Sabendo que só pode ser uma de duas pessoas, eu a abro e continuo andando de lá para cá. Os pensamentos correm em minha mente como galinhas sem cabeça.

Por que ela admitiria na TV que me ama?

Como isso muda o que está acontecendo entre nós?

— Caralho, cara — Royce diz quando entra.

Está de terno, com uma gentileza no olhar que não quero ver, porque significa que ele assistiu ao programa e está esperando que eu perca a cabeça.

E estou mesmo perdendo a cabeça, mas não preciso que os rapazes saibam disso. No entanto, com os pensamentos desordenados sobre Skyler correndo dentro de mim, sem mencionar até onde cheguei com Alexis ontem e a culpa que isso acarreta, não tenho a menor chance de manter a calma.

— Meu irmão... agora a coisa ficou séria! — Bo anuncia, rindo, entrando atrás de Roy e fechando a porta.

Os três param diante de mim, como os Três Amigos.

— Gente... eu... — Perco a linha de pensamento quando me conscientizo da única coisa, da questão mais importante que está atormentando cada movimento meu. — É possível que ela não tenha me traído? Digo, *de verdade*? Vocês conhecem a minha história...

Continuo andando pelo quarto, embora o espaço esteja significativamente reduzido devido aos três corpos adicionais.

— Humm, eu preciso fazer uma confissão... — Wendy levanta a mão.

Olho para ela, que fica vermelha, evitando meu olhar.

— Bom, meu irmão... eu também. — Royce limpa a garganta.

Ele fica balançando sobre os calcanhares, para a frente e para trás, em um movimento que já o vi fazer mil vezes. Está guardando um segredo que o deixa desconfortável.

— Vocês não vão falar primeiro, de jeito nenhum! — Bo interrompe, a ansiedade e a irritação claras em seu tom áspero.

Os três se entreolham e começam a discutir... em voz alta, como se eu não estivesse no quarto.

— Eu tenho que contar primeiro! — Wendy bate o pé feito criança.

Royce balança a cabeça.

— De jeito nenhum. O meu irmão merece ouvir de mim, né?

Bo diz, indignado:

— Não mesmo. Eu o conheço há mais tempo...

— Uma hora a mais. Você fez uma aula com ele antes da que tivemos todos juntos — Royce argumenta e cruza os braços sobre o peito enorme.

Wendy geme.

— Eu sou a mais nova. Posso ser demitida! — ela reclama, voltando à discussão, com voz histérica.

— Nós não vamos deixar ninguém te demitir — Royce afirma, convicto.

— Não se preocupe, Sininho. Eu cuido de você se perder o emprego. Você pode me dominar, se é que me entende. — Bo mexe as sobrancelhas.

O rosto de Wendy se contorce em uma expressão de repugnância.

— Seu grosso! Isso não é hora de brincar! — Ela aponta para Bo e fica com as bochechas vermelhas de novo.

Eu me coloco entre eles.

— Vocês três, calem a boca! Caramba, eu preciso dos meus melhores amigos agora. A mulher que eu amo, que acredito que me traiu com o ex dela, que passou a noite com ele, que se arriscou e pagou as dívidas daquele imbecil, afirmou em rede nacional que *me ama*. E eu... eu beijei a Alexis ontem. — Deixo a confissão escapar, como se estivesse purgando a feia verdade da minha alma e do meu coração partido.

Os três se voltam para mim com cara de...

Choque, Wendy.

Surpresa, Royce.

Fúria, Bo.

— O quê?! — As palavras saem altas, pois são três pessoas gritando.

— Como você pôde? — Wendy pergunta, chocada, como se eu a tivesse traído.

— Puta merda... Você pisou na bola — Royce acrescenta.

— Pisou feio. — Bo sacode a cabeça e franze o cenho. — E eu queria a Alexis pra mim, caramba!

Caio de volta na cama segurando a cabeça, encolhido em posição fetal. Culpa, vergonha e medo são as emoções predominantes que giram em espiral dentro de mim. Então, do nada, surge uma pontinha de felicidade, excitação e expectativa quando recordo o que Skyler revelou. A mulher que eu amo me ama também.

Eu deveria estar exultante.

Deveria estar gritando de alegria no telhado do prédio mais alto.

Deveria estar de joelhos agradecendo a Deus por encontrar a mulher certa.

Mas não consigo. A faca que ela enfiou no meu coração penetra um pouco mais, e mais sangue jorra, me enchendo de pavor.

Como ela pode me amar e me trair?

Wendy cai de joelhos aos meus pés e pousa as mãos no meu bíceps.

— Eu tenho trocado mensagens com a Skyler. — Sua voz treme. — E-Eu perguntei sem rodeios se ela traiu você — admite depressa, com os olhos marejados.

Pisco lentamente e me concentro em seu olhar.

— E o... o que ela disse?

Eu me odeio por precisar saber, por precisar ouvir sua resposta, como um homem agonizante recebendo a extrema-unção. Tudo o que eu posso fazer é desejar e esperar, contra todas as probabilidades, que minha reação inicial tenha sido injusta. Estou tão arrasado que prefiro passar a vida inteira me desculpando com Skyler e fazendo as pazes com ela a viver uma vida sem seu amor.

Wendy lambe os lábios e olha para mim. Parece tão pequena aos meus pés, delicada e honesta.

— Ela jura que não. — Duas lágrimas caem de seus olhos. Seco a primeira e depois a segunda.

Roy pigarreia.

— Ela me disse a mesma coisa. Só que eu liguei para ela.

Minha cabeça voa para ele, como se tivesse autopropulsão.

— Você falou com ela? — pergunto, com a voz trêmula.

Ele assente.

— Ontem, depois da nossa noite. Não consegui evitar. Você está sofrendo demais, irmão. Demais. E te ver assim todo dia me mata. Eu estava com raiva, louco da vida por ela ter tanto controle sobre o meu irmão, chateado por ela ter magoado você. Eu queria que ela sofresse, queria dizer que ela estragou tudo.

Engulo em seco, como se tivesse um caroço na garganta.

— E?

Ele sacode a cabeça.

— Ela admitiu que foi ao hotel do Johan na esperança de resolver o problema sozinha. Jurou que não te traiu. — Roy morde o lábio grosso e o esfrega com o polegar, imagino que para apaciar a dor. — Cara, eu acredito nela, mas não vou te contar o que ela disse. Você precisa ouvir direto da fonte.

Fecho os olhos, e a dor por não estar com Sky e pela possibilidade de ela não ter me traído toma corpo como uma rajada de ar quente. Abrindo os olhos, encaro Bo.

— Você também?

Ele inclina a cabeça, solta um longo suspiro cansado e põe as mãos nos bolsos da jaqueta.

— Bom, como ela está disponível, pensei em convidá-la para sair.

Rio alto ao ouvir o absurdo de Bo. Ele tem boas intenções, e seu método para fazer alguém se sentir melhor é fazer piadas.

Royce dá um tapa na cabeça dele, tão rápido que eu poderia jurar que seu braço foi impulsionado por mágica.

— Ai! — Bo reclama. — Odeio quando você faz isso! Está bagunçando o meu cabelo perfeito.

— Eu vou te dar um cabelo perfeito com o meu pé na sua bunda! Fale a verdade e pare de graça. Não vê que o Park está sofrendo?

Bo esfrega a cabeça, e seu olhar escuro encontra o meu.

— A Skyler ligou e eu atendi. Ela queria saber como você estava.

A ansiedade aperta meu peito como um torno.

— E o que você disse? — pergunto, atento a suas palavras.

Ele puxa os lábios para dentro da boca.

— Eu disse que você estava bem. Melhor do que nunca — ele responde levemente, com desdém até.

— É mesmo?

— Claro que não! Eu disse que você está magoado. Furioso. Irado. E que, se eu descobrisse que ela te traiu, ia encontrar um jeito de fazê-la pagar por enganar você, eu, todos nós. — Ele agita o braço ao redor do quarto.

Estreito o olhar e aperto o punho, endireitando a coluna, pronto para atacar. Posso sentir minhas narinas se dilatarem enquanto a raiva domina cada terminação nervosa. Sinto meu corpo se aquecer e meu estômago se apertar.

— Você não disse isso para a minha mulher! — rosno, olhando para ele. A necessidade de proteger Skyler ainda corre forte em minhas veias.

Ele assente.

— Sim, eu disse. Porque, quando ela magoou você, Park, magoou todos nós. Nós a aceitamos de braços abertos no nosso grupo. E, se ela pisou na bola com a gente, eu queria que também sentisse dor!

— Caralho! — Passo a mão pelo cabelo e deixo a cabeça cair. Aperto os dentes com tanta força que sou capaz de quebrar diamantes com os molares. — Que caos.

— Sem dúvida. Agora nos conte por que foi que você beijou a Alexis Stanton — Royce exige, cruzando os braços. — O que deu na sua cabeça? — pergunta, com decepção na voz.

Bo, no extremo oposto do espectro, sorri.

— O que deu na cabeça do Park... Ele estava pensando com a cabeça de baixo.

Aponto para ele.

— Deixe a fera fora disso.

— Credo... fera! — Wendy finge estar enjoada. Ela murmura alguns palavrões e se apoia nos calcanhares, acariciando minha coxa para demonstrar apoio.

Passo alguns momentos pensando em por que acabei cedendo.

— Não sei por que eu beijei a Alexis. Ela está dando em cima de mim desde que chegamos. E eu estava vulnerável... com saudade da Skyler, de ressaca, perdido, cansado... Que inferno, eu não sei. O velho Parker teria pulado na cama com ela em um minuto. Ela é puro sexo.

— É mesmo. — Wendy anui freneticamente. — Eu mataria para ter o corpo dela, aqueles seios, os quadris, as pernas longas... o cabelo dourado. Além disso, ela é extremamente inteligente, domina o trabalho.

Royce suspira.

— Em seu favor, tenho que dizer que ela é demais mesmo. Mas isso não é desculpa para ceder, especialmente enquanto você está tentando entender os seus sentimentos em relação à Skyler. Pisou na bola, meu irmão. Feio. Porque, se você vai esclarecer as coisas com a Sky, como eu não tenho dúvida de que vai fazer, vai ter que confessar sobre a Alexis.

Eu gemo. Odeio pensar que vou ter de admitir minha fraqueza em relação a Alexis. Mas, se não fosse pela traição da Skyler, isso nunca teria acontecido!

— Sim, eu sei. Eu vou cuidar disso quando chegar a hora. Por enquanto, preciso descobrir o que fazer com a Skyler.

Bo inspira fundo enquanto alisa o cavanhaque.

— Faça uma surpresa de novo. Vá para Nova York quando o trabalho aqui acabar. Ponha tudo em pratos limpos de uma vez por todas. E, se depois de conversarem você ainda acreditar que ela te traiu, termine tudo. Nós vamos estar do seu lado todos os dias. — Bo estende o punho.

Bato o meu no dele.

— Nós vamos estar do seu lado independente do que você decida. — Royce estende o punho também, e eu retribuo.

Wendy se ajoelha e pega minha mão, apertando-a com força.

— Nós estamos do seu lado. — Ela se inclina e me dá um beijo no rosto.

Eu a abraço apertado, curtindo o conforto feminino. Então dou um tapinha em suas costas e deixo que ela me ajude a levantar.

Solidariedade e amor puro preenchem meu peito enquanto olho para os meus três amigos, dois antigos e uma nova, mas não menos importante. Estendo os braços. Wendy abraça minha cintura e se aconchega a meu lado. Bo se posiciona do outro.

— Vocês sabem que eu nunca perco uma oportunidade — brinca, batendo nas minhas costas e apertando meu ombro.

Royce suspira e revira os olhos.

— Vocês vão me obrigar a fazer isso, né?

Eu o chamo, agitando os dedos.

— Vamos lá, cara, abraço grupal. Pela equipe.

— Maldita equipe. Eu sempre me ferro — resmunga com teimosia, então se posiciona a minha frente e baixa a cabeça, encostando a testa na minha. Mas não o peito. Isso seria demais para Roy. Wendy abraça sua cintura e se aperta contra nós dois. Seu cheiro de coco preenche o espaço entre nós. Bo curva o corpo para a frente e encosta a cabeça na nossa.

— Eu sempre quis fazer parte de um time de futebol. Imagino que seja assim que eles fazem quando se amontoam, só que um pouco menos à vontade — Bo comenta, rindo.

— Shh! Você está estragando o momento — reclamo. — Só quero dizer obrigado. Do fundo do coração, obrigado.



— O que você está sugerindo é ridículo! O meu irmão jamais pisaria na bola a ponto de pôr em risco um lançamento que vale milhões.

Ponho as mãos na cintura e olho para Alexis com compaixão.

— Eu só posso te dar as informações que a minha equipe reuniu. Você tem que decifrar o que encontramos até agora. Ainda falta terminar a investigação, mas as provas que encontramos até o momento apontam para ele.

— Para o meu irmãozinho! — Alexis anda de um lado para o outro, batendo os saltos no chão de concreto. O som desaparece quando passa por um dos muitos tapetes espalhados pela sala. Ela apoia os braços no encosto do sofá onde Bo está sentado. Royce está na cadeira a minha frente.

— Alexis, não estamos dizendo que o seu irmão está intencionalmente tentando prejudicar você. Como eu disse antes, não encontramos nada nas finanças dos funcionários, nem do Kidd, que sugira algum tipo de pagamento. No entanto, não dá para ignorar os erros no sistema, e os códigos errados que a Wendy encontrou correspondem ao estilo único do seu irmão.

— Como eu sei programar de olhos fechados e fui eu que o treinei na arte, vou precisar ver as provas pessoalmente. Os locais exatos.

Pela primeira vez desde que conheci Alexis, seu olhar é penetrante. Há agitação em seu tom de voz, e seu maxilar está tenso. Ela não está feliz com o que estamos sugerindo: que seu irmão pode ter algo a ver com o vazamento de informações.

Eu me levanto e coloco um tablet em sua mesa.

— Nós imaginamos isso, então pedimos para a Wendy destacar alguns locais para você analisar e verificar. E tem mais uma questão preocupante — digo, o mais profissionalmente possível.

Ela se senta a sua mesa, abre o notebook e o sistema. Olha para o tablet e rola para uma parte no fim do código que Wendy marcou.

— O que é?

— Parece que a Eloise Gagnon encontrou um monte de erros no sistema e limpou tudo, consertando os códigos para encobrir o Kidd.

Alexis estreita os olhos.

— Por que ela faria isso? — Ela se volta para a tela e abre uma parte com um fundo preto e um monte de números e letras. A imagem me faz lembrar o filme *Matrix*.

— Eu tenho a impressão de que os dois namoraram e ela ainda gosta dele. Ela não pareceu feliz ao saber que ele vai se casar.

Alexis bufa.

— Claro que não. Eu ajudei a separá-los há dois anos.

— Como assim?

— Eles namoravam quando o Kidd começou aqui. Só que ele era muito novo e imbecil. Pensava com o pau, não com o cérebro.

Bo dá um sorriso.

— Não posso culpar o jovem.

Royce o encara.

— O jovem? Cara, olha quem fala.

Bo abre um sorriso malandro.

— É verdade. Só que eu aprendi com a experiência.

Royce bufa.

— Até parece.

— Se vocês dois já terminaram... — interrompo.

Eles arregalam os olhos. Royce franze a testa, irritado por ser pego em atitude não profissional. Ele se orgulha de seu profissionalismo, de modo que mesmo um simples deslize o chateia — especialmente depois do desastre com Rochelle. Mas nessa circunstância não posso culpá-los. Alexis mantém um ambiente descontraído, onde vale praticamente tudo. Especialmente levando em consideração o número de vezes que ela tentou me agarrar. Se bem que, com a nossa conversa de ontem, parece que ela entendeu que, embora eu a ache atraente, não vou ficar com ela.

O que me lembra do que ainda tenho que fazer com Skyler. Estou ansioso para encerrar este caso e fazer o que Bo sugeriu: ir para Nova York, aparecer na porta dela e exigir respostas. Então, que Deus me ajude. Ela vai me ouvir e me contar todos os detalhes sórdidos do que aconteceu com Johan se tiver alguma esperança de um futuro comigo.

Um futuro comigo.

Meu coração sangra quando penso nisso. Estou bem próximo de obter respostas e acabar com esse vazio dentro de mim. Só preciso terminar o trabalho aqui. Uma parte de mim pensa em deixar os detalhes para o restante da equipe e pegar o próximo avião, mas não seria certo. Não posso largar minha equipe na mão estando tão perto de resolver o caso e sair de Montreal deixando uma cliente feliz. Ou, no mínimo, uma cliente satisfeita.

— Quando você fez os dois terminarem, como foi que o Kidd lidou com isso?

Alexis dá de ombros.

— Aceitou na boa. Ele estava perdendo muito tempo atrás da Eloise. Ela é alguns anos mais velha e, honestamente, tinha muito controle sobre ele. Eu acabei com isso. Coloquei a menina em outro departamento e sugeri que, se ele estivesse levando a sério o emprego aqui na Stanton Cibertecnologia, deveria terminar com ela e se concentrar no trabalho. Ele fez a escolha dele. Para ser honesta, fiquei orgulhosa do meu irmão. O Kidd nunca voltou atrás.

— Interessante... — Estalo o pescoço, diminuindo um pouco a tensão do dia.

— Por quê? — Alexis pergunta, olhando para o monitor, correndo os dedos pelo teclado.

Cruzo os braços e apoio a mão machucada. Parece bem melhor, mas ainda dói, e os dois dedos vão ficar imobilizados por um bom tempo ainda.

— Ela alega que está corrigindo os erros que encontra porque acha que ele perdeu o foco por causa da namorada.

— É mesmo? — Ela ri sem emoção. — Sinceramente, eu duvido. O Kidd está se saindo muito bem desde que conheceu a Victoria e não quer deixar que a história se repita. Está até mais focado no trabalho e garantindo o futuro para a família que quer formar com ela.

— Me parece que você gosta da Victoria.

Alexis assente.

— Sem dúvida. Ela fez maravilhas por ele. Ele está mais entusiasmado, fica ansioso para ir para casa no fim do dia, e isso melhora a inspiração dele. Eu adoro essa garota. Ela é como uma irmã mais nova para mim. Eu não poderia estar mais feliz por eles.

— E o que inspira você? — pergunto, sabendo o risco que a questão implica.

Ela sorri e crava os lindos olhos em mim por cima do ombro.

— Sexo gostoso e sem compromisso.

Ela aprendeu alguma coisa com a nossa conversa?

Antes que eu possa responder, Bo se levanta e faz um T com as mãos.

— Eu me ofereço em nome da causa.

Royce e eu caímos na risada, mas é ele quem responde, entre gargalhadas:

— Senta, cara. Ela não quer você.

Alexis vira na cadeira e avalia Bo, das botas e jeans desbotados e justos à eterna jaqueta de couro.

— Ah, eu não disse isso — corrige, girando uma mecha de cabelo no dedo.

— Em geral eu prefiro caçar, e não ter a presa servida em uma bandeja de prata. — Ela lambe os lábios e ergue uma sobrancelha. — Mas — gesticula para mim —, já que esse gostosão não quer saber, eu poderia ser convencida a brincar com alguém um pouco mais disposto.

Do outro lado da sala, Bo joga um beijo para ela.

— Conte comigo, gata. À noite vamos nos divertir.

— Que Deus nos ajude — digo, esfregando as têmporas.

Parece que vou ter outra dor de cabeça. Uma coisa que aprendi com a minha intromissão entre Royce e Rochelle foi a não fazer isso. Portanto, não vou dizer nada sobre o envolvimento entre Alexis e Bo. Se os dois quiserem trepar o resto do tempo que passarmos aqui, que seja. Pelo menos ela finalmente entendeu que eu não vou entrar nessa.

Alexis volta para o código e franze a testa.

— Que foi? — pergunto, apoiando o quadril na borda da mesa.

Ela sacode a cabeça.

— A programação parece com a do Kidd, mas tem alguma coisa estranha. Eu vou precisar de mais tempo para identificar o que está faltando.

— Tudo bem, vamos te deixar trabalhando nisso. Eu tenho mais duas entrevistas com funcionários. A Wendy já tem algumas outras pistas e está trabalhando na programação para ver se consegue encontrar algo que ligue os vazamentos com os vírus. Royce, se quiser voltar para o hotel e trabalhar nos nossos outros casos por enquanto...

— Sim, cara, seria uma boa. Nós temos uma possível cliente em Londres que fez uma proposta, sem falar que eu preciso revisar as demonstrações financeiras de fim de trimestre da Sophie.

Sophie.

Merda. Com tudo o que está acontecendo entre mim e Sky, não falei com ela sobre a possibilidade que Wendy mencionou de o namorado pedi-la em casamento. A esta altura ele já pode ter pedido. Mas eu gosto de pensar que ela me ligaria para contar.

Empurrando os pensamentos sobre minha amiga para outro recesso da mente, aponto para Bo:

— Bo, é a sua vez. Vá com tudo na reunião sobre o aplicativo e veja se descobre alguma coisa de alguém.

Ele sorri e sacode a jaqueta.

— Ir com tudo é comigo mesmo.

9

— Me explique o que você descobriu que chamou a atenção da Alexis.

Aperto o alto do nariz e me reclino na cadeira. Arrisquei e desci para a área dos programadores depois do expediente e encontrei Wendy e Bo discutindo o caso, ou melhor, brigando. Todos os outros, exceto nós três e Alexis, já foram embora.

Já se passaram mais dois dias e nós avançamos muito pouco. Royce volta para casa amanhã, sua parte está completa. Bo fez os programadores e a equipe de tecnologia rebolarem para criar o aplicativo mais impossível do mundo. Tudo o que não se deve fazer em um aplicativo ele pediu que fizessem. O que significa que todos o odeiam. Todos menos Alexis. Parece que as coisas se ajeitaram entre eles. Desde que foram para a cama, ela me deixou em paz. Agora está na cola de Bo, implorando por mais. Acho que ela gostou do jeito louco dele na cama.

— Nós não concordamos — Wendy solta, olhando feio para ele.

Bo suspira e apoia o queixo no encosto da cadeira. Está montado nela, com as pernas grandes ao redor do assento.

— Qual é o problema? — pergunto, apoiando os pés na mesa a minha frente. Uma explosão de alívio muscular domina minhas pernas.

— Eu acho que o Kidd é a causa do vazamento — Wendy afirma enfaticamente. — E isso com base no novo código que ele escreveu hoje. Ele deixou buracos sérios, alguns tão grandes que qualquer hacker que se preze poderia facilmente explorar para roubar tudo deste lugar.

Franzo a testa.

— Como assim?

Ela aponta para o computador. Eu me levanto e olho para os números e as letras, como se eles pudessem me dizer o que ela está vendo. Infelizmente, minha formação é em administração, não em TI.

— Abusada, você vai ter que me dar mais que uma tela coberta de letras e dígitos.

— Estou dizendo, Wendy. O Kidd não fez isso. Quanto antes você começar a acreditar nos meus instintos e procurar em outro lugar, antes nós descobrimos o culpado. — Bo dá um tapa no encosto da cadeira. — Como se chama aquela garota estranha, a programadora? Começa com E?

— Eloise — digo.

Ele estala os dedos e aponta para mim.

— Isso mesmo.

Wendy resmunga:

— A programação dela é totalmente diferente.

— Olha, eu entendo que a programação dela é diferente, mas preste atenção no que eu estou dizendo. Eles já namoraram, certo?

Ela suspira, vira de novo para o computador e continua digitando.

— Sim. Estou ouvindo.

— Você não está olhando para mim — Bo observa secamente.

Wendy responde, irritada:

— Eu sou multitarefa. Pode continuar.

Ele torce os lábios e tamborila os dedos nas costas da cadeira.

— Eu não consigo parar de pensar no seguinte: a Alexis sugeriu ao Kidd que terminasse com a Eloise. Ele terminou. Talvez, durante esse tempo todo, ela ainda esteja a fim dele. Então, Park, você contou a ela que ele vai se casar com a atual namorada, de quem ela não gosta. E outro dia ela fugiu da sala de entrevistas dizendo que estava com pressa.

Franzo a testa.

— Tudo bem. Mas o que isso tem a ver com o resto?

Ele alisa o cavanhaque.

— Você sabe que uma mulher desprezada pode ser perigosa, não? Talvez a Eloise ainda goste do cara.

— Se o que você diz é verdade, ela não nos contaria sobre os erros dele — contra-argumento.

— E ela não contou. Só quando chegamos e ela precisou salvar a própria pele. A Alexis não foi informada sobre o que estava acontecendo com o Kidd e os supostos erros dele. Ele parece o tipo de sujeito que comete esses erros que ela diz que ele cometeu?

Wendy se volta de novo para Bo.

— Na verdade, não. Ele é extremamente focado e apaixonado pela empresa. E ama a irmã. Eu não vejo o Kidd dando menos de cem por cento aqui. Mas ainda assim os códigos parecem dele.

Minha mente está zumbindo, cheia de possibilidades, mas não consigo pegar nenhuma delas. É como se a resposta estivesse lá, mas escorregando por entre meus dedos. Só consigo focar em minha necessidade de ir para Nova York e confrontar Skyler sobre Johan.

O telefone de Wendy toca enquanto estamos ali sentados pensando em voz alta. Ela atende e coloca no viva-voz.

— O Parker, o Bo e eu estamos aqui no viva-voz. Achou alguma coisa? — pergunta ao interlocutor.

Ouvimos a voz de Alexis pelo celular:

— Sim. Bastante, na verdade. A programação parece a do Kidd, mas não é exatamente igual. Tem uma diferença sutil, um estilo que eu nunca vi no trabalho dele. É coisa pequena, mas está ali. Acho que alguém está querendo fazer parecer que é ele que está criando esses erros.

— Sininho, mande uma parte do código da Eloise para a Alexis fazer algumas comparações — Bo sugere.

— É pra já! — Seus dedos percorrem o teclado mais uma vez.

— Não se incomode, imbecil! — diz uma voz baixa e furiosa provinda da porta.

Nós três viramos e vemos Eloise parada embaixo do batente. Está com os braços para a frente e uma grande arma preta nas mãos, o dedo no gatilho. Ela atira em um dos servidores e a coisa explode em pedaços.

— Levantem, todos vocês! — grita.

Obedecemos mais que depressa. Vou contornando as mesas para chegar à frente de Wendy.

— Não se mexa, porra! — Eloise ordena.

Paro onde estou. Meu coração bate forte enquanto a adrenalina corre pelo meu sistema nervoso.

— Desculpe, Eloise. Eu não quis ofender.

— Você! — Ela aponta a arma para mim.

Wendy grita:

— Não!

Eloise desvia a arma para ela.

— Cale a boca!

— Querida, não precisa apontar a arma para nós — Bo argumenta, com sua voz mais encantadora.

Eloise arregala os olhos e seu rosto fica vermelho. Só posso supor que seja de raiva. Em menos de um segundo ela aponta a arma para Wendy e atira.

— Não! — Um grito explode e sai da minha boca furiosamente, como um tornado em terra seca.

Bo pula na direção de Wendy para interceptar a bala, mas é tarde demais. Ela foi atingida no lado direito do peito. O sangue escorre logo acima dos seios, tingindo de vermelho sua blusa amarela. Sua fonte de vida escoia pelo buraco. Wendy arregala os olhos, por um breve segundo ciente do que aconteceu, antes de bater duramente contra a mesa e tombar. Então permanece caída ali, com a mão pálida sobre o ferimento da bala, e o sangue se acumula, formando um círculo gigante em seu peito. Bo corre para ela e cai de joelhos no chão de concreto, colocando a mão sobre a dela para estancar o sangue.

— Wendy, baby, não! — ele grita, curvando seu corpo sobre o dela.

Tento ir até ela também, mas outro tiro ecoa e eu paro no meio do caminho. Uma onda de dor percorre meu ombro e desce pelo braço.

— Cristo! — Pego meu braço e vejo uma fatia horizontal ensanguentada no alto do ombro, onde a bala raspou, levando pedaços do meu paletó, da camisa e da minha carne. Aperto o ferimento, grato por ela não ter me acertado mais seriamente.

— Eu mandei não se mexer! Por que você não me escuta? Ninguém me escuta! Primeiro o Kidd, depois a Alexis e agora vocês três! — Ela agita a arma como uma lunática. Bom, tecnicamente, ela é mesmo. Se eu quiser convencê-la de algo, minha próxima abordagem vai precisar melhorar.

Levanto as mãos em rendição e baixo o tom de voz, apesar de todo o meu ser querer ir ver Wendy.

— Vamos, Sininho, fique comigo... — a voz de Bo retumba, baixa e agoniada. — Ela precisa de uma ambulância! Está perdendo muito sangue e não consegue respirar.

Olho para onde eles estão, a cerca de cinco metros, e vejo uma espuma rosa saindo da boca de Wendy. Fico apavorado.

— Estou te ouvindo, Eloise — respondo à mulher armada.

Ela ri, e o som que sai é estranhamente desprovido de emoção.

— Acho que vocês me descobriram, hein?

Sacudo a cabeça.

— Na verdade, não. Só percebemos que você estava envolvida de alguma forma.

Seu braço vem em minha direção de novo, com a arma apontada diretamente para mim.

— Quem é você, afinal? Como todos vocês se conhecem?

Engulo o medo que sinto pela vida de Wendy e tento apressar as coisas.

— Nós trabalhamos juntos em Boston. Nós três. Fomos chamados para investigar vazamentos de informações sobre produtos e bugs no sistema.

— Uau. A piranha contratou uma equipe para descobrir o pouco que eu andei fazendo no sistema. Vejam só. Estou lisonjeada. — Ela joga a cabeça para trás e ri.

Dou alguns passos para a frente, me inclinando sobre a mesa mais próxima dela. Tenho que achar um jeito de tirar sua arma e ajudar Wendy.

— Park... a Wendy está fria. Nós precisamos de ajuda! — a voz agonizante de Bo rasga o ar pesado.

— Eu mandei calar a boca! — Eloise grita e atira na mesa perto da cabeça de Bo.

Ele se abaixa, colocando seu corpo protetor sobre Wendy.

— Ei, ei, eu quero muito ouvir o que você tem a dizer. Me conte como você fez tudo. E por quê.

Ela joga a cabeça para trás de novo, e suas pupilas assumem um tom preto assustador.

— Por quê? — repete minha pergunta, sarcástica. — Eu vou te contar por quê. Vingança.

— Vingança? — sussurro.

Ela bufa.

— O Kidd me largou há quatro anos, sem mais nem menos. A Alexis mandou ele terminar comigo e me transferiu para outro departamento para facilitar as coisas para o irmãozinho dela. Foi revoltante. — Ela apoia a mão que segura a arma na mesa mais próxima.

— Mas você não vendeu os segredos — digo, para mantê-la falando.

Ela bufa e olha para o teto.

— Por que eu faria isso? Não quero o dinheiro dela. Eu quero que ela perca tudo para os concorrentes. E queria impressionar o Kidd, mostrar o que ele perdeu, como eu sou boa. E que ele poderia me ganhar de volta se pedisse desculpa.

Dou mais um passo para ela enquanto está distraída. Wendy emite um som gorgolejante. Olho e vejo sangue e espuma saindo de sua boca enquanto Bo a segura de lado para que escorra no concreto e ela não engasgue. Sinto como se um martelo atingisse meu cérebro, e o suor se espalha por meu corpo. Respiro como um maratonista no fim da corrida: rápido e instintivamente.

Eloise continua:

— Então você me contou que ele ia se casar com *aquela mulher*. Nós podíamos ter sido tão felizes juntos! Éramos um casal perfeito. E todo esse tempo eu esperei que ele lembrasse, que percebesse que tudo poderia voltar a ser como era. Nós dois trabalhando e vivendo juntos. Essa Victoria não merece o Kidd!

Sacudo a cabeça.

— Não, você tem razão. Ela não o merece. Mas você merece o melhor. Eu sou profissional na aproximação de pessoas. Fiz isso em San Francisco antes de virmos para cá. Não foi, Bo?

— Sim, ele é o melhor. — A voz dele não passa de um sussurro áspero, e lágrimas enchem seus olhos.

Olho para Wendy. Ela está inconsciente.

— Ela ainda está respirando? — pergunto, e o medo permeia minhas palavras.

— Sim, mas com dificuldade. — Ele fala como se cada palavra o matasse lentamente.

— Que tal se eu encontrar o companheiro ideal para você? — ofereço a Eloise.

Ela inclina a cabeça para o lado e dá batidinhas na mesa com a arma.

— Pode ser divertido. E você está certo: o Kidd não é digno de mim nem dos meus talentos. — A mulher ergue a cabeça em um movimento austero enquanto minha amiga jaz no chão, sangrando até a morte.

Sou tomado por outro ataque de ódio e pânico, porém noto que a cavalaria chegou. Atrás de Eloise há uma parede com duas janelas que separa a sala da escada e do corredor. Dois policiais passam de braços estendidos e armas na mão e se esgueiram até a porta do escritório em que estamos.

Como é que eles sabiam onde estávamos? Talvez Alexis tenha ouvido os tiros.

Olho para o telefone e percebo que Wendy não encerrou a ligação. Alexis deve ter ouvido tudo.

Prendo a respiração e tento manter a atenção de Eloise em mim.

— Então, o que você me diz? — Engulo em seco ao ver a porta atrás de Eloise se abrir lentamente. — Seria um prazer te ajudar. Seria muito fácil...

Os dois policiais estão com as armas apontadas para ela.

— Mãos para cima! — um deles grita.

Ela se volta com a arma apontada. Seus olhos são duas chamas de raiva.

— Não! — rosna. Sua mão se contrai antes de ambos os policiais a derrubarem com dois tiros cada.

Eu me abaixo e rastejo até Bo, que está com Wendy no colo, embalando-a, com os lábios pousados na testa dela.

— Vamos, Sininho. Não nos deixe! — ele chora.

Ela não se mexe.



O hospital estava um caos quando fomos levados para o pronto-socorro com Wendy em uma maca, inconsciente, com o pulso fraco. Os paramédicos

disseram alguma coisa sobre colapso pulmonar e muita perda de sangue. Liguei para Royce e pedi para ele nos encontrar no hospital e avisar Michael.

Agora, estou sentado em uma cama do hospital enquanto um residente sutura meu ferimento e diz que estou em estado de choque. Nem sinto dor. Está tudo entorpecido. Bo está ao lado do meu leito como uma sentinela. Uma hora se passou desde que correram com Wendy para a cirurgia.

Royce entra atabalhado no pronto-socorro, o paletó voando ao vento, como se ele fosse um dos Homens de Preto e chegasse para salvar o mundo.

— Meu irmão... — diz, com a voz muito mais grossa que o normal, pousando a mão em meu outro ombro. — Você está bem?

Confirmo com um movimento de cabeça, incapaz de dizer qualquer coisa.

— Foi superficial. A bala passou de raspão — Bo responde por mim.

Roy anui e nota as roupas de Bo, que têm sangue do peito à cintura. Sua camiseta branca está vermelha, coberta do sangue de Wendy.

— Meu Deus! Você está ferido também? Que merda aconteceu? Vocês sabem mais alguma coisa sobre a Wendy? — dispara uma série de perguntas que não consigo nem assimilar no estado mental em que me encontro.

Bo sacode a cabeça.

— Não é meu sangue. A Wendy está passando por cirurgia. Colapso pulmonar, ferimento a bala no peito. Você ligou para o Mick? — Sua voz é superficial, nada parecida com seu tom normal, que é brincalhão, exuberante e amoroso.

Roy assente.

— Ele chega daqui a uma ou duas horas. — Passa a mão pela careca. — Como isso foi acontecer?

Dou de ombros.

— Não percebi que ela era instável. Eu não estava concentrado. Eu devia ter captado a conexão. Alguma coisa... — começo. Ódio de mim mesmo e vergonha enchem minha mente de todas as coisas que eu devia ter feito melhor.

Bo pousa a mão nas minhas costas.

— Não se atreva a fazer isso. Nós quatro estávamos juntos fazendo as conexões, e estávamos conseguindo, juntando as peças quando ela pirou. A culpa foi dessa psicopata, não sua! — Bo aponta o dedo para mim.

— Se a Wendy morrer... — Meu corpo treme tanto que até minha voz falha. Lágrimas enchem meus olhos e rolam sem controle pelas minhas faces.
— Ela não pode morrer — sussurro.

Bo encosta a testa nas minhas costas e Royce segura meu ombro com força.

— Irmão, você precisa ter fé. Tenha fé na nossa garota. Ela é forte. Ela vai voltar para a gente e, imagine só, vai ter uma puta história para contar.

Rio entre lágrimas e enxugo o nariz e os olhos com o braço. Wendy adora uma boa história.

— Sim. Se Deus quiser.

— É isso aí. Se Deus quiser. Você tem que acreditar para receber essa bênção — Royce diz sua verdade, e eu a deixo penetrar em meu coração.



— Onde ela está, caralho? — Michael Pritchard entra desesperado na sala de espera do hospital. O paletó azul-marinho risca de giz se agita atrás de seus passos rápidos.

Ele vem até mim. Posso ver a fúria misturada com angústia em todas as linhas duras de seu rosto. Ele não é muito mais velho que nós três, mas emana uma força mal contida que nenhum de nós jamais viu. Aperta os dentes ao rosnar:

— Onde está a minha mulher?

Posso sentir as vibrações de seu tormento saindo dele em explosões ardentes de fúria. Engulo em seco e olho dentro de seus olhos, que vão escurecendo enquanto meu olhar se intensifica.

— Se ela morrer, você é o culpado — avisa, fora de si.

Assinto.

— Ela não vai morrer. A Wendy é forte...

— E você acha que eu não sei disso? Fui eu que a tirei daquele apartamento horrível infestado de ratos e daquele emprego péssimo, indigno dos objetivos e talentos dela. Eu ajudei a Wendy a se formar. E ela me deu vida. A vida dela é a minha. — Ele bate no peito. — A Wendy pode ser sua assistente, até sua amiga, mas é o meu *tudo*. O meu mundo gira em torno das

vontades dela, dos seus desejos, do seu amor. Então, eu sei que a Wendy é forte. A *minha* Wendy. E cada centímetro perfeito dela é meu. Ela é pura força.

Royce pousa a mão no ombro de Michael, que rosna ao sentir o contato.

— A médica está aqui... — Roy anuncia e aponta para a porta da sala de espera.

— Vocês são da família?

— Sim — declaramos os quatro, para a contrariedade de Michael.

— Eu sou o noivo dela. Por favor, me diga como ela está — ele pede, com emoção contida.

A médica, alta e de cabelo escuro, junta as mãos a sua frente.

— A cirurgia correu bem. A bala atravessou o peito, penetrou o pulmão e ricocheteou na escápula. O pulmão estava em colapso quando ela chegou, e a Wendy perdeu muito sangue. Nós corrigimos o pulmão, retiramos a bala e a pusemos em coma induzido até os sinais vitais voltarem aos níveis desejados. As próximas vinte e quatro horas são cruciais, mas eu tenho todos os motivos para acreditar que, se ela continuar reagindo bem, vai dar tudo certo.

— Nós podemos vê-la? — Michael pede.

— Quando ela sair da sala de recuperação e for para a UTI, nós avisamos.

Ele engole em seco.

— Obrigado, doutora — diz, com a voz embargada, deixando cair os ombros.

Por trás da médica, chega uma enfermeira com um saco plástico e se aproxima de Michael. Dentro está a aliança de diamante de Wendy e sua coleira com cadeado.

— Acho que isto deve ficar com a família.

Ele pega o saquinho com suas mãos grandes. As lágrimas molham o plástico quando ele cai de joelhos.

— Eles cortaram a coleira. — E apoia uma das mãos no chão, a outra ainda segurando o pacote.

Royce e eu nos agachamos e o ajudamos a levantar, levando-o até uma cadeira azul a poucos metros.

— Eles cortaram... — repete, e mais lágrimas caem de seu rosto estoico.

A faixa de couro foi cortada perto do cadeado. Ele deve ter mandado fazer sob medida para ela, pois as extremidades eram conectadas pelo cadeado. Tento

pegar o saco plástico, mas ele o aperta contra o peito e me encara.

— Desculpe. — Afasto a mão como se tivesse sido queimada.

Michael tira a coleira do saquinho. Solta a gravata e abre o primeiro botão da camisa. Então, puxa uma longa corrente, como as que se usam nas plaquinhas de identificação militar. Na ponta, há uma chave de prata com o nome de Wendy gravado. Ele pega a chave, insere-a na fechadura e abre o cadeado de prata. Retira a coleira destruída, coloca o cadeado em sua corrente e o fecha antes de guardá-lo, com a chave, sob a camisa de novo.

— Ela vai ficar bem — digo, apertando seu antebraço na tentativa de confortá-lo.

Ele foca o olhar na parede branca e nua, mas não parece ver nada. Responde com a voz baixa:

— É melhor que fique, senão a coisa vai ficar feia.

10

— Por que ela não acorda? — A raiva mal contida de Michael começa a escapar a cada minuto que Wendy continua em coma.

A cirurgiã se mantém firme, esperando enquanto ele respira e tenta se controlar.

— Ela está dormindo há dois dias — ele constata.

— Nós tentamos acordá-la hoje de manhã — a médica explica. — Ela não está mais recebendo sedativos que a impeçam de acordar. Acreditamos que, quando ela foi baleada, sofreu uma concussão na queda. O corpo e o cérebro estão se recuperando do trauma. A atividade cerebral da Wendy está normal, então não há receio de que ela tenha sofrido algum dano cerebral. Mas o cérebro é uma coisa complicada. A sua noiva vai acordar quando o cérebro e o corpo dela comandarem. Tudo o que podemos fazer agora é tratar os ferimentos e esperar.

Ela estende a mão e toca o braço de Michael.

— Eu entendo que você esteja ansioso para que ela abra os olhos. Todos nós estamos. Mas infelizmente *ela* não está pronta. Fale com a Wendy, para que ela saiba que você está aqui esperando-a acordar.

O corpo inteiro de Michael se arrepia ao ouvir as instruções da médica. Ele aperta os dentes e diz:

— Tudo bem.

Michael gira e volta para a cadeira na cabeceira de Wendy, onde está há dois dias, sem sair nem para tomar banho ou trocar de roupa. Ainda está com o terno com que chegou, apesar de sua assistente ter trazido sua bagagem ontem e o registrado no hotel ao lado do hospital.

— Michael, por que você não vai comer alguma coisa, tomar um banho e trocar de roupa? — sugiro.

Ele sacode a cabeça rigidamente e leva a mão de Wendy aos lábios, fitando seu rosto com uma expressão suplicante.

Pouso a mão em seu ombro.

— Cara, ela precisa de você, agora mais do que nunca.

Tento controlar a emoção que quer tanto sair. Com a parte superior do corpo enfaixada, um tubo de oxigênio no nariz, sua pele normalmente pálida quase transparente, ela parece tão tranquila... Mas nenhum de nós está. Somos quatro homens à beira de um ataque de nervos se a nossa garota não abrir seus lindos olhos azuis e nos surpreender com um de seus comentários inteligentes.

— É por isso que eu não vou sair daqui — Michael rosna.

— Mick...

— Não me chame assim — ele vira e resmunga.

Engulo em seco.

— Desculpe. Dá para ver que, do jeito que está, você não pode ajudar a Wendy em nada. Você precisa ir para o hotel, comer alguma coisa, tomar um banho e trocar de roupa. Se puder cochilar, melhor ainda. Você não tem utilidade para ela nem para ninguém esgotado desse jeito. Por favor, faça isso por ela.

Ele pouso a mão no rosto dela.

— Não posso deixá-la sozinha.

— Ela não vai ficar sozinha. Eu estou aqui. Os rapazes vão chegar em breve para me substituir, e eu vou poder fazer a mesma coisa daqui a algumas horas. Quer você goste ou não, agora nós também somos da família dela e cuidamos uns dos outros.

Ele fecha os olhos e diz, com a voz trêmula:

— Por que ela não acorda? Eu preciso ver os olhos da Wendy, ouvir a voz dela para saber que ela vai ficar bem.

— A médica disse que ela vai sair dessa. Você, por outro lado, não vai poder ajudá-la a se recuperar se estiver esgotado. Vá comer, tomar um banho e descansar. Você está fedendo.

— Estou nada — ele diz, estreitando o olhar.

Rio levemente para que ele saiba que estou brincando.

— Não, não está. Mas vai ficar se usar esse terno mais um dia.

Ele suspira fundo e baixa a cabeça sobre Wendy. Sinto um nó no estômago e meu coração acelera. É horrível testemunhar a dor e o sofrimento desse homem, mas existe verdadeira beleza em sua devoção à noiva. Ele é um homem perdido no mar, e a mulher que ele ama está em terra. Sem ela, ele deixará que a maré o leve.

Começo a sentir o peso do fardo do meu próprio amor perdido.

Michael se levanta abruptamente.

— Você tem razão. Vai ficar com ela?

Assinto.

— Eu volto logo, coração. Vou comer, me trocar e volto rapidinho, meu amor. — Ele lhe dá um beijo na testa e outro nos lábios antes de olhar para mim. — Você tem meu número. Me avise se alguma coisa mudar. Qualquer coisa. Se ela mexer um dedo, eu quero saber.

— Eu te dou a minha palavra.

Ele anui e me deixa sozinho com ela. Eu me sento ao seu lado e pego sua mão.

— Ei, abusada. — Aperto-a e espero uma resposta, mas nada. Ela está perdida na terra dos sonhos. — Eu queria que você acordasse. O seu noivo está quase tendo um treco esperando você abrir os seus lindos olhos azuis.

Olho para ela e prendo a respiração. Nada. Nenhum movimento. Seguro sua mão entre as minhas.

— Me desculpe, Wendy. Lamento muito que você tenha se machucado. Não era para ser assim.

Sacudo a cabeça e permito que a culpa e a vergonha escondidas sob a superfície venham à tona, agora que estou sozinho com ela.

— Ah, Wendy, você não vai acordar? Eu preciso ver que você está bem. Preciso ouvir você me dizer que vai dar tudo certo, porque eu estou me afogando, linda. Estou me afogando em um mar de incerteza. Você está ferida, o Bo e o Royce estão enlouquecidos. O seu noivo está a ponto de estrangular a próxima pessoa que vir pela frente. E eu estou péssimo. Pirando. Não falei com a Sky ainda, e sei que você quer que eu fale. Mas eu mandei uma mensagem para ela. Conteí que você foi hospitalizada aqui em Montreal por causa de um tiro. Ela não respondeu, não sei por quê. Talvez ela me odeie por eu não ter

ligado para falar da gente. — Abaixo a cabeça. — Eu preciso que você acorde, irmãzinha, que acorde e grite comigo. Que me diga o que fazer, como consertar as coisas.

— Eu não odeio você, Parker. — Um sussurro chega aos meus ouvidos, e eu me viro lentamente.

Ela é como um halo de luz dourada. Seu cabelo loiro cai em ondas brilhantes em volta do rosto. O olhar cor de caramelo me acerta direto no peito e aperta meu coração.

— Skyler... — digo, surpreso, e me levanto.

Lágrimas rolam por suas faces como um rio de tormento. Ela lambe os lábios.

— Eu nunca poderia te odiar. Eu te amo.

— Meu Deus, venha aqui — digo, estendendo os braços.

Ela corre os três metros necessários para chegar até mim e se encaixa em meu corpo. Me abraça com força, e sou engolido por seu calor.

O cheiro de pêssego com chantili preenche o ar, substituindo o de alvejante antisséptico do hospital pelo meu aroma favorito. Enterro o rosto em seu pescoço e cabelo e inalo profundamente. Seu corpo treme contra o meu, e ela crava as unhas nas minhas costas. Arranha meu ombro ferido, que arde e queima, mas não me importo. Nada poderia me impedir de abraçar essa mulher.

— Meu bem, eu sinto muito... por tudo. — Sua voz se transforma em soluços contra o meu pescoço, e suas lágrimas molham minha camisa de manga comprida.

Enrosco a mão boa em seu cabelo, na base do crânio, e a puxo para mim, absorvendo cada milímetro dela, viva e em carne e osso.

Como eu pude viver sem isso?

Sem ela.

Aperto seu corpo e fecho os olhos, deixando que se conecte ao meu por um minuto, dois, dez. Não sei quanto tempo ficamos assim, só nos abraçando. E, então, a realidade se infiltra entre nós.

Mágoa.

Desonestidade.

Traição.

Rangendo os dentes, eu a empurro para longe, engolindo a bile que me sobe pela garganta ao impor espaço entre nós. Minha mente gira. Preciso levá-la a um lugar reservado para interrogá-la, ou jogá-la por cima do ombro, arremessá-la na cama e expiar seus pecados com uma trepada daquelas.

— Park...

— O que você está fazendo aqui? — digo, limpando a garganta e dando um passo para trás.

Ela cruza os braços e esfrega os bíceps, sentindo frio de súbito. Acho que tem mais a ver com a distância que coloquei entre nós do que com a temperatura.

Skyler franze a testa.

— Como assim? Você me disse que a Wendy foi baleada. — Ergue a mão para indicar a Bela Adormecida. — A Wendy é minha amiga. É como uma irmã para o meu namorado. Claro que eu largaria tudo para ficar ao lado dela, de você.

— Eu não esperava que você viesse de tão longe.

— Parker, nós temos que conversar. Eu não sou sua inimiga. Sou a mulher que te ama.

Que te ama.

Suas palavras destroem minha determinação, e os últimos dez dias se derramam sobre meu corpo como ácido, queimando carne e osso.

A raiva por ela ter estado com Johan.

O amor por ela *versus* o que ela fez.

Alexis dando em cima de mim.

Wendy baleada.

É coisa demais, e me sinto como um vulcão prestes a entrar em erupção.

Bo entra no quarto justo nesse momento.

— Ei, olá! — Olha de mim para Skyler, para Wendy e depois para mim de novo. — Hum, melhor eu sair?

Reteso o maxilar e olho para Skyler, para seu vestido esvoaçante, o suéter simples e as botas de camurça até os joelhos. Ela é meu sonho que virou realidade, e ao mesmo tempo meu pesadelo.

— Você precisa ficar com a Wendy até o Michael voltar. Ligue para ele se houver qualquer alteração. Eu prometi isso. Preciso falar com *ela*. — As

palavras queimam como veneno em minha língua conforme me aproximo de Skyler, pego sua mão e a arrasto para fora do quarto.

— Aonde nós vamos? Para onde você está me levando? — Ela puxa minha mão boa, o que repuxa os pontos em meu ombro. Estremeço, mas a seguro mais forte. De jeito nenhum vou deixá-la escapar.

Não há como parar esse trem. Estou fora de mim agora, e preciso de paz e tranquilidade para lidar com as emoções atrozes que giram como um vórtice em minha mente e meu corpo.

— O hotel ao lado do hospital. Você queria conversar, então vamos conversar.

Ela acompanha meu ritmo, que é mais uma corrida que uma caminhada rápida.

No instante em que chegamos ao meu quarto, insiro o cartão, empurro Skyler para dentro e fecho a porta com o pé. Ela gira. Seu peito sobe e desce, ofegante. Seus olhos são uma mistura selvagem de marrom e caramelo, e suas faces estão rosadas. Ela nunca esteve mais linda.

Porra!

— Parker... — Ela lambe os lábios e eu perco a cabeça.

Já era.

Eu a pego pela cintura, a faço girar e a preno contra a porta do quarto, esmagando meu corpo no dela. Ela ofega, então aproveito sua boca aberta e a beijo. Ela tem gosto de menta e loucura. Ou talvez seja eu. Seja o que for, lambo fundo, chupo sua língua e engulo cada gemido seu. Sua língua dança com a minha em um ritmo ilícito que faz todas as minhas terminações nervosas se aquecerem e estourarem.

Eu me esfrego nela e agarro sua bunda, me aproximando mais. Ela afasta a boca para respirar.

— Ah...

Ela inclina a cabeça para trás, e eu passo os lábios pelo seu pescoço, lambendo e mordendo, sem me importar se deixo sua linda pele marcada. Ela merece a mordida da dor. Quero que ela sinta o que eu senti.

— Você gosta disso, meu pêssgo. Né? Gosta de me ver perder a cabeça por você. — Passo a mão pelo decote do seu vestido e levanto seus seios, ignorando

a dor na mão, que está me matando. Mordo seu peito carnudo e rechonchudo, e ela grita. — Sim. Você me deixou louco! — digo.

Ela reage e levanta minha camisa até conseguir pôr as mãos no meu abdome. Seus dedos acompanham cada músculo meu, e isso é como um tiro de tesão no meu pau. A fera está alerta, inchando e crescendo mais a cada suspiro de seus lábios, a cada toque de seus dedos na minha pele nua.

Recuo, puxo a camisa pela cabeça e tiro seu suéter. O vestido levaria muito tempo. Seus dedos voam rápidos para a minha calça, abrindo-a, e ela mergulha as duas mãos e me acaricia.

Êxtase.

Paraíso puro.

Seu toque é lava derretida em minha pele, que empurro contra a palma de sua mão.

— Por favor... — ela implora, com um desespero que eu conheço muito bem.

Levo a mão para baixo de seu vestido e encontro sua calcinha rendada.

— Você colocou essa tanguinha de renda para mim? — rosno e tomo sua boca em um beijo profundo. A renda é frágil, e eu a rasgo facilmente com um puxão feroz.

Ela grita ao sentir o beliscão em sua pele sensível. Puxo a calcinha rasgada e a enfio no bolso, esfregando meu pau duro nela enquanto subo a mão por sua coxa.

— Está molhadinha para mim? — Lambo seu pescoço.

Ela geme.

— Sempre.

— Humm, acho que vou ter que ver por mim mesmo. — Seguro seu centro possessivamente. Seu desejo recobre minha mão. — Você sentia tanto tesão assim pelo Johan? — Aperto os dentes e enfio dois dedos em seu sexo.

Ela abre a boca em um grito silencioso e sacode a cabeça.

— Nunca.

Eu a como com os dedos, esfregando a palma da mão em seu clitóris molhado.

— Ele te tocou assim quando você estava no hotel com ele? Ele enfiou os dedos em você, fez você gritar o nome dele? — Entro e saio com os dedos em

um movimento rápido e tortuoso que eu sei que vai mantê-la excitada, mas sem tocar os pontos certos para fazê-la gozar.

— Não! — Ela bate no meu peito. — Eu não faria isso com você. Com a gente! — Seus olhos brilham de raiva e repugnância. Isso mexe comigo. Eu precisava disso, mais do que poderia expressar.

Isso me dá esperança.

Tiro os dedos de seu calor melado e ela grita:

— Não!

— Passe os braços em volta do meu pescoço e pule — exijo.

Ela não hesita nem por um segundo. Apoio sua bunda com a mão boa e a pressiono com mais força contra a porta. Ela se segura enquanto levanto seu vestido e manobro meu pau até o centro molhado entre suas coxas.

Coloco só a pontinha. É uma tortura não entrar fundo, mas eu preciso saber. Ela aperta as pernas, tentando fazer com que eu me mexa, que afunde nela, mas não consigo. Não até ter certeza.

Eu a olho diretamente nos olhos e sustento seu olhar.

— Você transou com ele?

Ela contorce os lábios, fazendo uma careta.

— Não. — Seus olhos brilham de lágrimas.

— Você me traiu, Sky? Diga a verdade.

Seu olhar faísca de ira, mas logo se suaviza.

— Eu juro que não. Eu te amo.

— Caralho! — Entro fundo nela, deixando quase duas semanas de raiva, ódio e incerteza sangrarem de dentro de mim enquanto invisto contra seu corpo perfeito. — Você. É. Minha. — Meto com força, esfregando minha pelve na dela, querendo ir mais fundo, mais forte, até me sentir totalmente envolvido pela mulher que eu amo.

— Meu bem, que saudade! Que saudade da gente! — ela grita e suspira.

É demais. Tudo o que Skyler e eu somos juntos é demais para suportar. Estou pendurado pela força de um único fio de cabelo.

— Goza — rosno, bombeando seu corpo enquanto ela me aperta. As paredes de seu sexo são como um lar sagrado de onde eu nunca mais quero sair.

Faíscas e formigamento correm pelo meu corpo enquanto absorvo tudo o que somos, Skyler e eu.

O refúgio entre suas coxas dá as boas-vindas a todas as minhas investidas.
Ela me aperta com os braços, como se nunca mais fosse me soltar.
A serenidade de ter seus lábios nos meus, sua respiração e seu gosto na minha boca...

Sua alma voltando para casa.

— Eu nunca mais vou ser o mesmo — sussurro contra seus lábios, levando-nos mais alto a cada investida abençoada.

Corpos se unindo, mentes se fundindo, corações se curando a cada respiração.

— Meu bem... — ela geme e lambe os lábios, os seus e os meus.

O toque de sua língua dispara outra onda de êxtase entre minhas coxas, que gira em torno da minha virilha até que minha visão fica borrada, minhas coxas travam, meus glúteos se retesam dolorosamente. O suor irrompe do meu corpo e uma euforia sobe pela minha coluna, tensionando minhas bolas, que batem na bunda de Sky a cada investida.

Pouso a mão machucada em seu rosto, deslizando o polegar e o indicador por seu maxilar.

— Você destruiu o meu mundo. Eu não posso ficar sem você. Sem isto. Eu te amo, Skyler. Eu te amo tanto que queima.

Lágrimas rolam por suas bochechas enquanto seu corpo se aperta, braços em volta dos meus ombros, calcanhares cravados na minha bunda. Ela poussa os lábios nos meus em um beijo esmagador.

Seu beijo é amor, honestidade e verdade. Me cura de dentro para fora enquanto meu corpo voa para as estrelas.



Sinto seu cabelo macio conforme corro os dedos pelos fios. Depois da trepada na parede, transamos na cama, ainda meio vestidos, eu com a calça aberta e sem camisa, ela com seu vestido leve. Mas, para minha tristeza, ela tirou as botas.

Olho o relógio e noto que saímos há duas horas e não resolvemos muito além de aliviar a dor do corpo.

— Temos que ir. A Wendy pode acordar. — Deixo seu cabelo escorregar pelos meus dedos uma última vez e me sento na lateral da cama.

— Meu bem, nós precisamos conversar. De verdade. — Ela pousa a mão no centro das minhas costas nuas, e sinto minha pele queimar.

Eu anuo e me levanto. Não consigo encarar seu toque agora. Se eu permitir, posso facilmente mergulhar na situação, ignorar todo o resto da minha vida e me perder no calor da sua luz.

— E nós vamos.

Ela fica de joelhos.

— Mas você acredita em mim? — pergunta com a voz trêmula e se apoia nos calcanhares, empoleirada na cama como um cachorrinho carente esperando o próximo petisco.

Olho para seu rosto cheio de tristeza e seus olhos honestos.

— Sim. Mas isso não significa que eu ainda não esteja magoado e furioso pelo que você fez. Ir atrás dele...

Ela fala depressa:

— Eu tinha que tentar resolver...

— Não dá para fazer isso agora, Sky — interrompo. — Tenho que voltar para a Wendy. Ela precisa de nós. De todos nós. Você entende?

Ela morde o lábio e assente antes de engatinhar para fora da cama e calçar as botas.

— Preciso pegar a minha mala — diz, apontando para a parte inferior do corpo, sob o vestido, onde sei que está nua.

— Sim, tudo bem.

Seus olhos pousam no curativo em meu ombro como se o estivesse vendo pela primeira vez.

— O que foi isso?

— Tiro, pegou de raspão. Eu fui atingido no mesmo dia que a Wendy.

Ela arregala os olhos, que se enchem de lágrimas mais uma vez. Pega o pulso da mão enfaixada. O médico do pronto-socorro substituiu alguns dos pontos que arrebentaram. O anelar e o mindinho ainda estão com tala.

Sua voz é rouca e tão baixa que mal posso ouvi-la:

— E isto?

Tento puxar a mão. Não quero contar a ela o que eu mesmo fiz.

— Deixa pra lá, Sky.

Ela puxa minha mão ferida para seu rosto e a beija.

— E isto? — repete.

Fecho os olhos e reúno coragem para admitir minha dor.

— Eu briguei com uma parede e uma garrafa de cerveja. Você devia ver o estado em que ficou a parede.

— Quando? — Uma lágrima desliza por sua face.

— Sky...

Mas sua voz sai mais alta:

— Eu perguntei quando.

— No mesmo dia em que você acordou na cama de outro homem.

Ela fecha os olhos, e mais lágrimas deslizam.

— Parker, eu não transei com ele. — Suas palavras demonstram ainda mais convicção agora, porque não estou dentro dela.

Aprumo os ombros e minha determinação.

— Eu acredito em você.

SKYLER

A mão de Parker queima na minha enquanto ele me conduz pelos corredores do Hospital Geral de Montreal. Observo seu perfil, olhando ansiosamente para seu rosto bonito. Seu maxilar está tenso, e parece que ele não se barbeia há alguns dias. As maçãs do rosto altas e o nariz reto são um colírio, mas são seus olhos — ou melhor, as olheiras sob esses tristes olhos azuis — que me preocupam. Aperto sua mão para que se lembre de que estou aqui e agradeço a todas as divindades conhecidas por ele me permitir estar ao seu lado.

Juntos.

Rezei por isso durante a maior parte das duas semanas que passei sem ele. Nosso encontro foi uma colisão furiosa de corpos, membros e bocas. Uma febre que inchava e crescia, se intensificando, mas terminou com dúvidas e incertezas sobre a nossa situação. Só posso esperar que isso seja suficiente até termos tempo para conversar sobre o que aconteceu.

Chegamos ao quarto de Wendy e encontramos Michael falando com uma loira e um loiro mais novo. A moça parece saída de um desfile da Victoria's Secret. Ou de uma versão elegante da *Hustler*. Seu cabelo cai sobre os ombros em cachos grandes e abundantes. Está usando um vestido azul-royal colante que parece ter sido costurado no corpo, exatamente o oposto do meu vestido longo e meu suéter simples. Os sapatos são altíssimos, e o batom, rosa brilhante. Parece que ela acabou de sair de uma boate, embora seja meio-dia e dez. O homem sentado ao seu lado tem traços semelhantes aos dela: o mesmo cabelo loiro e os mesmos olhos, mas está de jeans e camiseta. Definitivamente eles não formam um casal, mas devem ser parentes.

— Parker! — A mulher pula da cadeira e gruda o corpo voluptuoso no meu namorado.

Ele solta minha mão e lhe dá tapinhas nas costas, em um gesto de apoio e preocupação. Felizmente, não mais que isso. Ainda assim, fico tensa.

— Alexis, o que você está fazendo aqui? — Ele olha para o cara. — Kidd.

O rapaz o cumprimenta com um aceno de cabeça.

— Nós viemos no primeiro dia e ontem de novo, mas não nos cruzamos. Estamos desolados com o que aconteceu com a Wendy, e por culpa de alguém que trabalhava para mim. — Ela funga, chorosa. Encosta a testa no peito de Parker com as mãos no rosto, soluçando, e deixa as lágrimas rolares.

Ele alisa as costas dela e engole em seco. Posso ver seu pomo de adão se mexer devagar. Parker olha para mim e franze a testa. Não sei bem o que isso significa, ou por que ele fez isso. Talvez porque haja uma estranha chorando em seu peito. Talvez ele não queira que eu o veja consolá-la.

— Calma, a Wendy vai ficar bem — Parker arrulha e ergue o queixo para o homem ao lado deles, que parece bastante desconfortável. Então coloca a mulher chorosa nos braços tatuados do homem, que a recebe e a conforta com seu abraço.

Ela solta um gemido, afasta a cabeça e pega o lenço que Michael lhe estende. Sempre um cavalheiro o noivo da Wendy.

— Quem é ela? — a loira pergunta, apontando para mim enquanto enxuga os olhos e o nariz. Nem um milímetro da sua maquiagem está borrado, o que me faz querer odiá-la por ser tão perfeita mesmo quando chora.

Antes que qualquer um de nós possa responder, Michael olha para mim e diz:

— É a namorada do Parker.

Ela arregala os olhos e um sorriso diabólico surge em seus lábios brilhantes.

— Bonita. Agora eu entendo por que você não aceitou a minha oferta — solta, se dirigindo a Parker enquanto me avalia.

Não aceitou sua oferta?

Que tipo de oferta ela fez?

Uma onda violenta de ciúme me domina. Estreito o olhar para ela e aperto os punhos nas laterais do corpo. Meu coração bate tão forte que mal posso

respirar. Sinto enjoo e um nó no estômago. Estou prestes a fazer um escândalo neste hospital.

— Uau. Esses punhais que você está me lançando são mortais — ela diz, passando a mão no cabelo com uma indiferença nos movimentos que eu nunca consegui ter. — Não se preocupe, ele não aceitou. Bom, não completamente. — E dá uma piscadinha, o que pode muito bem ser visto como nada menos que um ponto marcado em um placar.

— Que merda significa isso, Parker? Quem é essa mulher? — digo, perdendo o controle e olhando feio para ele. — Tem alguma coisa que você precise me contar sobre a peituda aí?

Ele passa a mão na nuca.

— Esta é Alexis Stanton, e o irmão dela, Kidd. São os nossos clientes. O tiroteio aconteceu no escritório deles. Eles vieram ver a Wendy. E não, não tenho mais nada a dizer. Do resto, nós vamos falar *mais tarde*.

A ênfase nas palavras *mais tarde* não permite argumentos. Mesmo furiosa e sentindo gotas de suor se formarem no meu couro cabeludo, aperto o queixo e mantenho a boca fechada.

— Você me parece familiar. Muito parecida com aquela atriz, Skyler Paige — diz a loira.

Parker suspira alto.

— Isso porque ela *é* Skyler Paige — ele revela e olha para os pés, claramente constrangido com a situação.

— Uau! — Alexis pisca rapidamente, como se não pudesse acreditar em seus olhos.

Comemoro por dentro: *Engula essa, sua Barbie vadia!* Ponto para mim.

Michael vem até mim e pega minha mão.

— Obrigado por vir, Skyler. A Wendy vai ficar contente. Fale com ela, acho que ela consegue te ouvir. — Ele aperta os lábios, irritado, enquanto me leva até Wendy ali deitada, antes de olhar por cima do ombro e dizer: — E a todos vocês.

Vendo-a tão imóvel, enfaixada, a área ao redor dos olhos e das faces escura, sinto um nó no estômago. Eu me sento na cadeira ao lado da cama e pego sua mão.

— Wendy... sou eu, a Sky. Sua nova melhor amiga, lembra? — Engulo em seco. — Ei, você precisa acordar, garota. Você tem um casamento para planejar, e nós temos que escolher os vestidos das madrinhas, lembra? Nós íamos passar um fim de semana só de mulheres na cidade. — Apoio o queixo em seu braço e olho intensamente para seu rosto, desejando que ela abra os olhos. — Por favor, acorde. — Minha voz sai como se eu tivesse engolido lâminas de barbear, e minha garganta arde.

Mãos quentes pousam nos meus ombros. Parker.

— Eu não sabia que ela tinha convidado você para ser madrinha.

Meu nariz começa a escorrer. Fungo, sem me importar que a peituda me veja desmoronar. Nada me importa vendo minha amiga deitada em uma cama de hospital, lutando para acordar e voltar para as pessoas que a amam.

Limpo a garganta.

— Sim, quando você foi para San Francisco. Ela me ligou, e eu aceitei. — Olho fixamente para o rosto de Wendy. — Eu disse que ficaria muito feliz e honrada de ser madrinha de casamento dela. — Elevo a voz, na esperança de que Wendy possa ouvir meu compromisso na terra dos sonhos, ou onde quer que esteja flutuando sua mente.

O tempo passa ao meu redor, mas fico onde estou, segurando a mão de Wendy, desejando que minha amiga abra os olhos.

Só abra os olhos.

Repito a frase em um loop contínuo enquanto as horas passam.

Mas ela não se mexe nem acorda.

Um tempo depois, o calor de Parker se infiltra em meus ombros tensos, onde ele pousou as mãos de novo. Ele se inclina e beija minha cabeça, e por um momento desejo que possamos ficar neste lugar feliz e amoroso um pouco mais. O lugar onde estamos juntos e nos amamos e nos preocupamos um com o outro, sem mentiras e meias-verdades entre nós.

— É hora de voltar para o hotel. O horário de visita acabou. — Sua voz é um estrondo em meu couro cabeludo.

Pisco, como se de repente acordasse de um transe hipnótico. Diante de mim, Michael está sentado, segurando a outra mão de Wendy, olhando desesperadamente para suas feições de fada. Não lembro quando ele foi para o

outro lado nem há quanto tempo estou sentada ali. Mas minhas costas doem e meus joelhos e quadris estão rígidos. Parker segura minha mão.

— Venha. — Ele me puxa da cadeira de plástico. Aperto a mão de Wendy uma última vez.

— Por favor, acorde — sussurro e dou meia-volta para ir embora.

Bo e Royce estão parados como sentinelas à porta. O nó no estômago volta ao ver os melhores amigos de Parker. As feições de Bo são duras, sua expressão sombria. Royce não está longe disso, mas não sei se é por mim ou pelo estado de Wendy.

— Oi, pessoal — digo e avanço, guiada por Parker.

Os dois observam nossas mãos entrelaçadas.

— Skyler. — Bo está impassível, sem sinal algum de felicidade ao me ver.

Royce não faz muito melhor. Acena com a cabeça e ruge:

— Menina.

Fecho os olhos e baixo a cabeça, seguindo os quadrados brancos de linóleo do piso do corredor, enquanto o frio que eles emanam me congela até os ossos. Eu me pergunto brevemente se vamos ficar bem de novo um dia.



Parker não diz uma palavra enquanto pegamos minha bagagem na recepção e voltamos a seu quarto no hotel.

Aturdida, coloco a mala no sofá e vasculho até encontrar um short e uma blusinha, além de meus artigos de higiene pessoal. Pegando meu pijama e meu nécessaire, vou até o banheiro. Quando fecho a porta, Parker está ao telefone pedindo comida pelo serviço de quarto. Ele sabe do que eu gosto, de modo que nem me preocupo em dizer o que quero. Não que eu vá conseguir comer, de qualquer maneira. Não tenho apetite, e ainda sinto o nó no estômago. É como se eu acabasse de sair de uma montanha-russa. Ondas de náusea e tontura dominam meus movimentos.

Entre o nervosismo por causa de Wendy e minhas próprias inseguranças em relação ao que aconteceu com Parker e Alexis, estou péssima. Sinto o coração pesado e o peito apertado. Deixo o pijama no balcão e me olho no espelho. Ondas loiras e rebeldes caem pelos meus ombros e costas. O pouco de

maquiagem que passei já sumiu. Mesmo assim, lavo o rosto e passo hidratante. Preciso de um pouco de distância do homem do outro lado da porta.

Não sei o que dizer a ele, como fazê-lo acreditar que eu jamais o trairia. Ele diz que acredita em mim, mas por que não fala comigo? Por que está evitando conversar? E que merda aconteceu entre ele e a peituda?

Uma ideia se forma em minha mente. Não sei como vão ser as coisas com ele, mas me sinto como se estivesse na beira do terraço de um edifício. Embaixo, a rua movimentada, carros passando, pessoas cuidando da vida, e ali estou eu. No alto, na beira, balançando entre ser salva e me deixar cair.

Um flash dos olhos bondosos de minha mãe surge em minha cabeça. Uma lembrança gira ao meu redor e me leva de volta a um tempo remoto.

Eu tinha dezesseis anos, e o menino que filmava comigo, de quem eu gostava, havia me magoado. Eu estava na frente do espelho. Minha mãe, linda, estava atrás de mim, passando os dedos pelo meu cabelo comprido. Seus olhos cor de chocolate transmitiam amor e compaixão através da nossa ligação de mãe e filha.

— Você sabe o que fazer, minha linda menina. — Ela sorriu suavemente e encostou o queixo no meu ombro.

Sacudi a cabeça e meus olhos se encheram de lágrimas.

— Não, mamãe. Ele me magoou, e eu não sei se vamos conseguir ser mais que amigos.

— Ah, não foi à toa que eu ensinei a minha filha a perdoar.

Eu apertei os lábios e franzi a testa.

— Ele se desculpou?

— Sim, mas eu não sei se acredito nele. — Minha voz tremeu ao admitir isso.

— Bom, minha linda menina, acho que você vai ter que seguir o melhor conselho que a minha mãe me deu quando eu tinha a sua idade. Especialmente em relação a meninos.

— O que a vovó te disse? — perguntei, atenta a cada palavra.

Minha mãe era a mulher mais sábia e amorosa que eu conhecia. Eu queria ser como ela quando crescesse.

— Você só tem que seguir o seu coração. Ele sempre vai te mostrar o caminho.

Com as palavras da minha mãe na cabeça e o coração na garganta, vasculho minha bolsa de viagem e encontro um batom rosa-escuro. Tiro a tampa e a deixo no balcão enquanto fico na ponta dos pés e escrevo uma mensagem para Parker com a minha letra redonda. Algo para ele recordar e, espero, entender.

*Confie no seu coração.
Eu te amo,
Seu pêssogo*

Quando termino, visto o pijama e abro a porta do banheiro. O cheiro de hambúrguer e batata frita assalta meu nariz. Minha boca se enche de água e meu estômago ronca.

Parker ri e aponta para a comida na mesa.

— Chegou rápido — digo.

— Meu pêssogo, você demorou. Achei que estivesse tomando banho.

— Acho que perdi a noção do tempo — murmuro.

— É mesmo?

Faço que sim com a cabeça.

— Venha comer. — Ele puxa uma cadeira para eu sentar.

Deixo meus pés descalços me guiarem e sento. Ele ajuda a empurrar a cadeira em direção à mesa antes de ir para seu lugar. Quando se acomoda, solta um suspiro cansado, que posso sentir até a ponta dos pés. Eu daria tudo para aliviar sua tensão. Se bem que acho que eu sou parte da causa.

— A gente não vai conversar? — deixo escapar de repente, apertando os dedos no colo, sem tocar na comida.

Ele abaixa o hambúrguer, ainda sem morder.

— Sim, baby, vai. Depois do jantar, na cama, quando eu estiver com você nos meus braços. Daí a gente conversa.

— Promete?

— Eu já menti para você? — Sua pergunta parece ter duplo sentido, como se eu já tivesse mentido para ele. Mas eu não menti, e ele precisa saber e acreditar que eu nunca faria isso.

— Não. — Pelo menos eu espero que não. Mesmo com a questão de Alexis apertando meu coração, ainda temos que falar sobre o que aconteceu entre

mim e Johan. Isso é prioridade, mas não posso evitar que o medo corroa minhas entranhas.

Ele inclina a cabeça.

— E não é agora que eu vou começar.

— Você transou com a Alexis? — pergunto, incapaz de esperar até terminarmos de comer.

Ele suspira e aperta as têmporas com o polegar e o indicador.

— Achei que íamos esperar até terminar de comer para conversar.

Minha garganta fica seca, mas eu digo, rouca:

— Eu preciso saber.

Ele sacode a cabeça.

— Não, eu não transei com ela. Agora coma o seu hambúrguer. Acho que a noite vai ser longa.

— Desde que eu saiba que, no fim, ainda vamos estar juntos, tudo bem. Você pode me prometer isso? — pergunto.

Uma lágrima desliza pelo meu rosto e meu coração bate forte. Sinto arrepios e vontade de já estar na cama, de que seus braços me embalem na segurança de seu aperto.

— Parker... — O nome sai como um grito abafado.

Ele ergue o rosto e fixa o olhar azul-bebê no meu.

— Eu não sei o que o futuro nos reserva, Sky, mas sei que quero você comigo.

AS AVENTURAS DE PARKER E SEUS SÓCIOS
AO REDOR DO MUNDO CONTINUAM.

INTERNATIONAL GUY

Londres

Este e-book foi desenvolvido em formato ePub pela Distribuidora Record de Serviços de
Imprensa S.A.

International Guy: Montreal

Site da autora

<http://www.audreycarlan.com/>

Facebook da autora

<https://www.facebook.com/AudreyCarlan/>

Twitter da autora

<https://twitter.com/audreycarlan>

Instagram da autora

<https://www.instagram.com/audreycarlan/>

Goodreads da autora

http://www.goodreads.com/author/show/7831156.Audrey_Carlan

Skoob da autora

<https://www.skoob.com.br/autor/15764-audrey-carlan>



Fenômeno editorial nos Estados Unidos
Mais de 2,5 milhões de cópias vendidas

A *garota* DO CALENDÁRIO

JANEIRO

Audrey Carlan

A garota do calendário: Janeiro

Carlan, Audrey

9788576865247

144 páginas

[Compre agora e leia](#)

Fenômeno editorial nos Estados Unidos com mais de 3 milhões de cópias vendidas. Mia Saunders precisa de dinheiro. Muito dinheiro. Ela tem um ano para pagar o agiota que está ameaçando a vida de seu pai por causa de uma dívida de jogo. Ela precisa de um milhão de dólares. A missão de Mia é simples: trabalhar como acompanhante de luxo na empresa de sua tia e pagar mensalmente a dívida. Um mês em uma nova cidade com um homem rico, com quem ela não precisa transar se não quiser? Dinheiro fácil. Parte do plano é manter seu coração selado e os olhos na recompensa. Ao menos era assim que deveria ser... Em janeiro, Mia vai conhecer Wes, um roteirista de Malibu que vai deixá-la em êxtase. Com seus olhos verdes e físico de surfista, Wes promete a ela noites de sexo inesquecível — desde que ela não se apaixone por ele.

[Compre agora e leia](#)



Brumas do tempo - Highlanders - vol. 1

Marie Moning, Karen

9788576866404

308 páginas

[Compre agora e leia](#)

Primeiro volume da série Highlanders. Um sedutor lorde escocês é conhecido no reino como Falcão, lendário predador nos campos de batalha e na cama. Nenhuma mulher resiste e ele, mas nenhuma jamais conseguiu mexer com o seu coração. Até uma fada vingativa levar Adrienne da Seattle dos dias de para a Escócia medieval. Presa em um século que não é o seu, ousada demais, franca demais, Adrienne representa um desafio irresistível para esse conquistador do século XVI. Forçada a se casar com Falcão, ela jura manter distância do marido, mas o poder de sedução dele vai destruir lentamente a determinação dela. Adrienne tem o "não" na ponta da língua, mas Falcão jura fazê-la sussurrar seu nome com desejo, implorando que ele a incendeie de paixão. Nem mesmo as barreiras do tempo o impediriam de conquistar o amor dela. Apesar das incertezas sobre seguir seu coração apaixonado, a hesitação de Adrienne não é páreo para a determinação de Falcão de mantê-la a seu lado.

[Compre agora e leia](#)



Amor sob encomenda

Rissi, Carina

9788576867999

522 páginas

[Compre agora e leia](#)

Novo romance da autora do best-seller *Perdida*. Melissa Gouvêa está totalmente focada na profissão. Responsável pela situação financeira da família, incluindo o caro tratamento médico da mãe, a determinada assistente sonha em se tornar a produtora de eventos da Allure. Como se casar não faz parte de seus planos no momento, ela se assusta ao saber que o namorado foi visto comprando um anel de noivado. Mas Mel não devia ter se preocupado tanto, já que o anel não era para ela e, pior ainda, a Allure foi contratada para o cerimonial do canalha. Mesmo assim, Melissa aceita o maior desafio de todos: produzir o casamento do ex. A bagunça em sua vida aumenta quando ela se vê dividindo o apartamento com o cara mais irritante, cínico, atrevido — e muito lindo, infelizmente — que conhece. Melissa devia se concentrar em manter o que resta de seu coração a salvo e sobreviver ao casamento do ex. O problema é que o novo colega de apartamento confunde sua razão e seus batimentos cardíacos, despertando desejos avassaladores até então desconhecidos. Tarde demais, Mel se dá conta de que seu coração nunca correu tanto perigo... Amor sob encomenda vem cheio de humor, amor e emoção e apresenta uma história que nos fará refletir a respeito do que realmente é importante na vida.

[Compre agora e leia](#)



Audrey Carlan

0.
primeiro DIA
DOS **NAMORADOS**

um conto da série

A
garota DO
CALENDÁRIO

O primeiro Dia dos Namorados

Carlan, Audrey

9788576866428

26 páginas

[Compre agora e leia](#)

Seis semanas após o casamento de Mia e Wes, chegou o primeiro Dia dos Namorados que eles vão passar como marido e mulher. Qual será a surpresa especial que Wes preparou para sua amada? E o presente divertido que Mia comprou para ele? E o que vai acontecer quando eles estiverem a sós no hotel...? Descubra tudo neste conto especial da série A garota do calendário.

[Compre agora e leia](#)

Autora de *Um verão na Itália*

Carrie Elks

Um de amor de inverno

As Irmãs
Shakespeare
LIVRO 2



VERUS
EDITORA

Um amor de inverno - As irmãs Shakespeare - vol. 2

Elks, Carrie

9788576867647

280 páginas

[Compre agora e leia](#)

Pode estar nevando lá fora, mas, em uma cabana de madeira no meio da floresta, as coisas estão definitivamente quentes... A estudante de cinema Kitty Shakespeare está determinada a aproveitar ao máximo seu novo emprego como babá. Pode não ser exatamente a carreira que ela esperava quando mudou de Londres para Los Angeles, mas, graças ao hábito de travar em entrevistas, esta pode ser sua última chance de impressionar um dos maiores produtores de Hollywood — se ela conseguir cuidar do filho dele direito, certamente o homem vai olhar para ela com mais atenção. Pelo lado positivo, há muita neve na casa da família nas montanhas e ela sempre adorou crianças. Mas Kitty não contava se envolver com a família problemática do chefe, nem se sentir atraída por Adam, o irmão sexy e recluso. Adam Klein pode ser lindo, mas também é bruto e grosseiro e não está pronto para cair de quatro pela babá — não depois do ano que ele teve. Tudo o que ele quer é se enfiar em sua cabana na floresta e se esconder do irmão que destruiu sua vida. Se ao menos ele conseguisse ignorar a maneira como Kitty faz seu coração disparar... Isso está longe de ser amor à primeira vista — mas desde quando o caminho para um final feliz digno de cinema acontece sem tropeços? Um amor de inverno é mais um romance de aquecer o coração da série As Irmãs Shakespeare. Quatro irmãs, quatro histórias... quatro maneiras de encontrar o amor verdadeiro.

[Compre agora e leia](#)